CENTRO UNIVERSITÁRIO CARIOCA – UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Bárbara Valente da Cunha

LITERATURA PARA A INFÂNCIA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTABILIDADE NOS LIVROS E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro – RJ
2024

Bárbara Valente da Cunha

Literatura para a infância afro-brasileira: a importância da representabilidade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na Educação Infantil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Celia Pereira de Moraes

Rio de Janeiro – RJ
2024

BÁRBARA VALENTE DA CUNHA

LITERATURA PARA A INFÂNCIA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTABILIDADE NOS LIVROS E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES
Data: 02/10/2024 17:21:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Regina Célia Pereira de Moraes, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Veronica Eloi de Almeida, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Maria Verônica Rodrigues da Fonseca, D. Sc. (ESG e FTESM)

Rio de Janeiro

2024

C972l Cunha, Barbara Valente da
Literatura infantil afro-brasileira: a importância da representatividade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na educação infantil / Barbara Valente da Cunha ; orientadores: Regina Celia Pereira de Moraes e Rosa Lídice de Moraes Valim. - Rio de Janeiro, 2024.
115 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2024.

1.Literatura para a infância afro-brasileira. 2.Educação infantil; 3.Educação antirracista. 4.Representatividade. I. Moraes, Regina Celia Pereira de, prof. orient. II. Valim, Rosa Lídice de. Moraes, prof. orient. III. Título.

CDD 028.5

Dedico este trabalho à memória da sogra Delizete Ana de Jesus (Dona Derli), mulher negra que me abraçou como filha, ao meu sobrinho Levi Valente, nosso príncipe preto, e à minha ex-aluna ME. codinome Julieta, fonte de inspiração e afetos.

AGRADECIMENTOS

A Deus toda honra, glória e Louvor!

Porque D'ele, e por Ele e para Ele são todas as coisas; glória, pois a Ele eternamente (Romanos: 11.36).

Agradecimentos eternos à minha mãezinha, Sueli, pelo amor incondicional à sua *professorinha*.

Agradecimentos ao meu paizinho, Benedito, por ensinar a sua moreninha que o maior tesouro que deixamos para os filhos é a Educação.

Ao meu amado marido, Paulo, por percorrer a estrada da vida ao meu lado, tornando a caminhada mais leve e cheia de graça e por todas as colaborações e encorajamento na trajetória dessa pesquisa.

Aos meu filho, João Paulo, meu artista e futuro professor de Inglês, pelas primeiras traduções acadêmicas, socorrendo a mamãe!

Ao meu filho, Pedro Lucas, meu jogador caro, que repetidamente perguntava: “Mãe, está acabando?” Acabou, filhinho! Obrigada pela compreensão e paciência!

Aos familiares, amigos e irmãos em Cristo pelo incentivo e orações.

A todos os educadores pelas contribuições relevantes para os resultados dessa pesquisa.

Ao meu *pet love* Japi Valente, fiel e fofo companheiro nessa jornada.

Em especial, a minha afetuosa e competente orientadora Regina Celia e a minha atenciosa e acessível coorientadora Rosa Valim. Vocês são maravilhosas!

Tudo parece impossível até que seja feito.

Nelson Mandela (1918-2013)

RESUMO

A literatura afro-brasileira para a infância constitui o tema de pesquisa, análise e discussão desta dissertação. A respeito desse tema, é importante mencionar que, a partir da Lei Federal n.º 10.639/03 — artigo 26-A (Brasil, 2003), que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura da África na Educação Básica, observa-se um crescente interesse pelas produções literárias com protagonismo negro para crianças nas redes educacionais de ensino, impulsionando o mercado editorial voltado para essa temática: a representatividade. Considerando o exposto, esta pesquisa questiona: tendo em vista que grande parte das crianças matriculadas nas redes públicas de Educação Infantil são negras, por que a inserção de literaturas com abordagens étnico-raciais e aspectos da diversidade cultural afro-brasileira nos parece pouco expressiva nos planejamentos e práticas educativas? Confirmou-se que, passados vinte e um anos desde a publicação da Lei Federal n.º 10.639/03 (Brasil, 2003), ainda há desconhecimento, por parte dos educadores da infância, do repertório das produções literárias afro-brasileiras. Duas questões problemáticas sobre o tema são recorrentes entre autores/pesquisadores e professores entrevistados: a quantidade e a qualidade dos títulos de literatura afro-brasileira nos acervos das escolas de Educação Infantil e a deficiência na formação docente para a educação das relações étnico-raciais. Esta pesquisa visa promover a práxis antirracista com o uso de literaturas de representatividade negra nas salas de aula da Educação Infantil, permeada pela linguagem das tecnologias digitais. Para alcançar o objetivo geral proposto, é necessário: (1) realizar pesquisa bibliográfica; (2) aplicar uma pesquisa preliminar amparada pela Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), com três profissionais da infância; (3) promover entrevistas em profundidade com oito profissionais da Educação Infantil; (4) analisar os dados das entrevistas à luz dos dados bibliográficos previamente sistematizados para propor a discussão antirracista no espaço da Educação Infantil; (5) apresentar autores e pesquisadores expoentes na produção de literaturas para a infância na perspectiva afrocentrada; (6) disponibilizar uma curadoria literária afrorreferenciada para a pesquisa dos educadores da infância; (7) modelar um catálogo digital e interativo, apresentando autores/pesquisadores, sobretudo mulheres negras, e suas potentes obras com protagonismo da história e cultura africana e afro-brasileira, além de propostas de atividades inspiradas nas abordagens dessas literaturas; (8) validar o catálogo digital, produto da dissertação, junto a três professores de Educação Infantil, observando sua pertinência, aplicabilidade, interatividade e contribuição na educação para as relações étnico-raciais. Os dados das entrevistas foram analisados à luz do material sistematizado no marco teórico. Os achados oriundos dessa análise auxiliaram na modelagem do produto digital da dissertação: um catálogo digital de autores e obras de literatura infantil afro-brasileira. A curadoria literária alcançou o número de quinhentos títulos de literatura afro-brasileira infantojuvenil. Para a análise dos dados da pesquisa preliminar, bem como do produto, utilizou-se a técnica da análise descritiva. Já para a análise dos dados das entrevistas em profundidade, à luz dos dados bibliográficos, empregou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Os resultados contribuem para o conhecimento dos docentes a respeito do repertório das produções literárias dedicadas às crianças negras, com narrativas que contemplam a história e a cultura africana. Educar valendo-se da literatura afro-brasileira para a infância agrega práticas inclusivas e diversas, sendo um instrumento poderoso no empoderamento da criança negra e na promoção de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Literatura para a Infância Afro-brasileira; Educação Infantil; educação antirracista; representatividade.

ABSTRACT

Afro-Brazilian literature for children constitutes the research, analysis, and discussion theme of this dissertation. Regarding this topic, it is important to mention that, since the enactment of Federal Law No. 10.639/03 – Article 26-A (Brazil, 2003); which establishes the mandatory teaching of African History and Culture in Basic Education, there has been a growing interest in literary productions featuring Black protagonists for children within educational networks, thus boosting the publishing market focused on this theme: representativeness. Considering the above, this research raises the following question: given that a large portion of the children enrolled in public Early Childhood Education networks are Black, why does the inclusion of literature with ethnic-racial approaches and aspects of Afro-Brazilian cultural diversity seem insufficiently reflected in educational planning and practices? It has been confirmed that, twenty-one years after the publication of Federal Law No. 10.639/03 (Brazil, 2003), there is still a lack of awareness among early childhood educators regarding the repertoire of Afro-Brazilian literary productions. Two problematic issues related to the topic are recurrent among authors/researchers and teachers interviewed: the quantity and quality of Afro-Brazilian literature titles in the collections of Early Childhood Education schools, and the deficiency in teacher training for the education of ethnic-racial relations. This research aims to promote antiracist praxis through the use of literature representing Black protagonists in Early Childhood Education classrooms, permeated by digital technologies. To achieve the proposed general objective, it is necessary to: (1) conduct a bibliographical review; (2) apply preliminary research supported by Resolution No. 510/2016 of the National Health Council (Brazil, 2016), with three early childhood professionals; (3) conduct in-depth interviews with eight Early Childhood Education professionals; (4) analyse the interview data in light of previously systematized bibliographic data to propose antiracist discussions within Early Childhood Education; (5) present prominent authors and researchers producing literature for children from an Afrocentric perspective; (6) provide an Afro-referenced literary curation for early childhood educators' research; (7) develop a digital and interactive catalog showcasing authors/researchers, especially Black women, and their powerful works featuring African and Afro-Brazilian history and culture, along with activity proposals inspired by these literary approaches; (8) validate the digital catalog, the dissertation product, with three Early Childhood Education teachers, assessing its relevance, applicability, interactivity, and contribution to the education of ethnic-racial relations. The interview data were analysed in light of the theoretical framework's systematized material. The findings from this analysis helped shape the dissertation's digital product: a digital catalog of Afro-Brazilian children's literature authors and works. The literary curation reached a total of five hundred Afro-Brazilian children's and youth literature titles. For the analysis of the preliminary research data, as well as the product itself, the descriptive analysis technique was employed. As for the analysis of the in-depth interview data, in light of the bibliographical data, Bardin's (2016) content analysis technique was used. The findings contribute to teachers' knowledge regarding the repertoire of literary productions dedicated to Black children, with narratives that address African history and culture. Educating through Afro-Brazilian children's literature adds inclusive and diverse practices, serving as a powerful instrument in empowering Black children and promoting antiracist education.

Keywords: Afro-Brazilian Children's Literature; Early Childhood Education; antiracist education; representativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pintura de Ernest Board, aplicando vacina em uma criança (1796) 34
Figura 2 – Capa da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado* (1920)..... 39
Figura 3 – Capa da primeira edição de *As caçadas de Pedrinho* (1933)..... 40
Figura 4 – Capa da primeira edição de *Menina bonita do laço de fita* (1986)..... 43
Figura 5 – Capa da nona edição de *Menina bonita do laço de fita* (2019)..... 43
Figura 6 – Capa da primeira edição de *O menino marrom* (1986)..... 48
Figura 7 – Acervo de literatura para infância afro-brasileira da unidade de Educação Infantil 79
Figura 8 – Estante de livros com títulos eurocêntricos/caixa de livros afrocentrados..... 80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Autodeclaração étnico-racial de crianças ao se matricularem na pré-escola 73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Reflexões a respeito dos achados promovidos pelas preliminares de pesquisa realizadas 60
Quadro 2 – Perguntas elaboradas para a pesquisa em profundidade 62
Quadro 3 – Apresentação das educadoras entrevistadas 63
Quadro 4 – Respostas à pergunta 1 64
Quadro 5 – Respostas à pergunta 2 65
Quadro 6 – Respostas à pergunta 3 66
Quadro 7 – Respostas à pergunta 4 67
Quadro 8 – Síntese das respostas à pergunta 1 71
Quadro 9 – Síntese das respostas à pergunta 2 72
Quadro 10 – Síntese das respostas à pergunta 3 75
Quadro 11 – Síntese das respostas à pergunta 4 78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ERER	Educação para as Relações Étnico-raciais
FME	Fundação Municipal de Educação (Niterói)
GREI	Grupo de Referência da Educação Infantil
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
SESC	Serviço Social do Comércio
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UMEI	Unidade de Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
1.1 Inquietação e justificativa 16
1.2 Problema e hipótese 20
1.3 Objetivo geral e objetivos específicos 22
1.4 Riscos e benefícios 23
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS 25
2.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica 26
2.2 Alicerce da preliminar de pesquisa 27
2.3 Análise dos dados 28
2.4 Produto 29
3 REFERENCIAL TEÓRICO 31
3.1 A construção histórica da literatura infantil e os imbricamentos ao conceito social de infância 32
3.2 Monteiro Lobato em discussão 38
3.3 Literatura infantil na década de 80 e as questões étnico-raciais na obra “Menina bonita do laço de fita”: primeiros passos do protagonismo da criança negra 41
3.4 A literatura infantil após o advento da Lei Federal nº 10.639/03 e a adesão dos educadores à literatura afrocentrada na educação infantil 49
4 PRELIMINAR DE PESQUISA 56
4.1 Dados da primeira conversa 57
4.2 Dados da segunda conversa 58
4.3 Dados da terceira conversa 59
4.4 Achados 60
5 CAMPO 62
6 ANÁLISE DE DADOS 69
7 PRODUTO CONSOLIDADO 81
7.1 Descrição do produto 81
7.2 Aplicação 85
7.3 Validação do produto 85
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 95
ANEXOS 100
Anexo I – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo 100
Anexo II – Carta – Secretaria Municipal de Educação de Niterói 107
Anexo III – Termo de Compromisso – Pesquisa 108
APÊNDICES 109

Apêndice I – Termo de Anuência Institucional 109
Apêndice II – TCLE 110
Apêndice III – TCUD 114

1 INTRODUÇÃO

> Chegamos, assim, à seguinte pergunta: o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista? O autoquestionamento – fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece "natural" – é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros.
>
> Djamila Ribeiro

Esta dissertação debruça-se sobre o tema: Literatura para a infância afro-brasileira[1]. Pesquisando e analisando obras destinadas a crianças pequenas em idade da Educação Infantil com representatividade negra e aspectos da cultura e história africana e afro-brasileira; que apresentem aos pequenos as muitas e significativas contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na formação do povo brasileiro, na diversidade, criatividade, arte e beleza do nosso repertório sociocultural em consonância com a Lei Federal nº 10.639/03[2] (Brasil, 2003); posteriormente atualizada para a Lei Federal nº 11645/08 (Brasil, 2008), na promoção de uma educação antirracista e plural, agregando a abordagem das especificidades socioculturais dos povos indígenas e/ou originários.

Desta forma, o texto da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) que determina a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo, traz como um dos eixos o trabalho com a literatura:

> § 2° Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL 2003, n. p.).

A literatura para a infância permeia o cotidiano da Educação Infantil. Está presente nas rodas de leituras. Norteia projetos de trabalho, inspira propostas de atividades, desperta a curiosidade e o interesse pela leitura e a escrita – letramentos, promove a construção de identidades, memórias afetivas, encanta e reporta através da ludicidade e imaginação as crianças para outros tempos e espaços, para outras culturas e saberes, semelhantes ou diferentes aos delas. Segundo a BNCC (2018):

> Na Educação Infantil é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a

[1] Sonia Rosa (2022) credita a terminologia afro-brasileira à professora Eliane Debus no ano de 2017.
[2] No artigo 26-A.

> criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (Brasil, 2018, p. 42).

A literatura infantil é um potente instrumento na construção da identidade positiva e afirmativa das crianças negras, daí ser fundamental a compreensão do grupo social a que pertence e pertenciam seus ancestrais.

A partir da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003), alterada posteriormente pela Lei Federal nº 11.645/08 (Brasil, 2008), que estabelece obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica; observa-se um crescimento no interesse pelo tema e produções literárias com protagonismo negro para crianças pequenas pelas redes educacionais de ensino e o alavancar de publicações pelas editoras com a temática: diversidade/representatividade. As datas de publicações das obras comprovam esse fato. Uma das publicações mais antigas com uma menina negra na capa e adotada amplamente pelas escolas de Educação Infantil, até a atualidade, nas comemorações do *Dia da Consciência Negra* (20 de novembro), data de 1986. "Menina bonita do laço de fita" de Ana Maria Machado antecede a Lei Federal nº 10. 639/03 (Brasil, 2003), mas o acervo com discussões étnicas, próprias da negritude, é posterior a ela.

1.1 Inquietação e justificativa

Esta dissertação dedicou-se a estar aderente às diretivas da Resolução CNS nº 466/12 quanto aos princípios do letramento científico e justificando as possibilidades concretas do seu desenvolvimento, de forma que se justifique sua implementação nas salas de aula da Educação Infantil permeada pela linguagem das tecnologias digitais.

A pesquisa está fundamentada em fatos científicos em sala de aula, que mostram que o racismo não é exemplo episódico, mas que há uma biografia coletiva das crianças negras, e que preconceitos se repetem e que é preciso haver em cada escola um movimento cultural de combate ao racismo estrutural[3]; imbuído de mudar a forma de pensar, de ensinar e de aprender em meio a diversidade, pois, somos todos iguais em nossa humanidade.

Não foram poucas às vezes que observei e precisei mediar situações em que uma criança se negava a dar a mão a outra, ou colocar as mãos nos ombros na fila pela diferente cor que encobre tantos outros aspectos do nosso ser, chamada pele. Ou ainda, observar o protagonismo

[3] "É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por práticas conscientes, inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam" (Silvio Almeida – filósofo, advogado tributarista e professor universitário).

nas apresentações escolares e até mesmo na dinâmica das turminhas das crianças com a beleza e comportamento em um padrão estabelecido historicamente, idealizado socialmente, naturalizado, europeu, colonial, branco. Na vivência recente, com a aquisição de bonecas negras pela UMEI como instrumental pedagógico para o desenvolvimento do Projeto Instituinte tendo por temática a diversidade, uma criança de quatro anos compartilhou o medo de ir à sala[4] que tem "bonecas assombradas"; associando assim, a cor preta a algo que provoca medo, denotando a aprendizagem cultural do racismo.

A definição por essa abordagem de pesquisa relaciona-se à observação, percepção das muitas dezenas de crianças negras, pobres, favelizadas que atravessaram a minha história de educadora das classes populares e aguçaram os meus olhares e afetos. Na tecedura dessa pesquisa, foi dada a voz aos autores negros, sobretudo mulheres que se dedicam à literatura infantil por representatividade, dentre muitas outras: bell hooks, Chimammanda Ngozi Adichie, Sonia Rosa, Nilma Lino Gomes, Bárbara Carine e Kuisam de Oliveira.

No Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da Unicarioca desenvolvemos uma linha de pesquisa e disciplina sobre processos de inclusão em sala de aula, dissertações sobre processos inclusivos. Promovemos seminários, debates, projetos tecnológicos, livros digitais sobre a importância de atuarmos em sala de aula nesta perspectiva de inclusão e isto mostra a importância da pesquisa e discussão sobre questões antirracistas.

Este projeto não poderia coletar dados em nenhum outro espaço a não ser na escola, não poderia ser realizado por outro meio, uma vez que se insere no programa oficial da Educação Infantil da secretaria de Educação e atendeu às normativas da BNCC[5]. Somos desafiados a lançar mão de recursos tecnológicos digitais e plataformas digitais para dar sequência às atividades pedagógicas, e neste caso buscando métodos que levem as crianças a desenvolverem uma forma de pensar antirracista. O afeto, o respeito ao outro e a diversidade de saberes e olhares são norteadores desta proposta.

Como justificativa da escolha do tema, apresento também a minha práxis pedagógica, sobretudo durante e após a pandemia da Covid-19, quando vimos no ano de 2020 as escolas presenciais se fecharem e muitas crianças ficarem sem acesso à educação por falta de recursos e acesso às tecnologias digitais. Essa dissertação não se debruçou sobre esta lacuna social, não tem este objetivo, mas esta experiência concreta mobilizou minha trajetória educacional para perceber a importância de uma cultura afetiva; que conduzisse os alunos à compreensão da

[4] Sala de recursos/brinquedoteca.
[5] Base Comum Curricular

nossa humanidade profunda e da indissociável relação com a tecnologia posta ao ato de educar. Dessa experiência surgem os traços do que hoje se tornou um projeto de pesquisa a ser aplicado em sala de aula da Educação Infantil com o instrumental das ferramentas tecnológicas, das tecnologias digitais.

Através do conhecimento adquirido no curso de Mestrado Profissional, transmitido por outros colegas de trabalho, já matriculados, pude ter acesso às suas percepções. Eles compartilhavam suas experiências e saberes e falavam de sua práxis já ressignificada, com a inserção da tecnologia digital na Educação Infantil, com aplicativos em realidade aumentada, óculos de realidade virtual e animações com as produções infantis no *Stop motion.*

Na verdade, sempre gostei de registrar os projetos de trabalhos realizados em minhas turmas de Educação Infantil utilizando tecnologias digitais, valorizando as linguagens artísticas. Fotografando e filmando com máquinas digitais e *smartphones* as fases e atividades dos projetos de trabalho visando compartilhar as edições de vídeos e fotos com as crianças e suas famílias em aulas; reuniões de pais e mestres e no meu canal do *YouTube* deixando disponível para outros educadores acessá-los como material de pesquisa e inspiração em uma Playlist[6]. Posteriormente, os vídeos passaram a ser publicados também no canal da unidade de Educação Infantil (UMEI), criado no período da pandemia da Covid-19.

O vídeo do meu canal[7] do *YouTube* com mais acessos, portanto, o mais popular, foi publicado há doze anos e hoje chega à marca de mais de quarenta e nove mil visualizações. Um vídeo da dramatização "A Linda Rosa Juvenil" com uma turminha de dois anos (GREI 2).

As crianças estão conectadas às redes sociais e a possibilidade de se ver e/ou ver o produto de um projeto realizado com elas nas telas é encantadora.

Em concordância com Prensky (2001) na afirmativa de que nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais nosso sistema educacional foi criado. Ressignificar nossas práticas pedagógicas, portanto, é urgente.

Na entrevista, concorrendo à vaga ao curso de Mestrado, por ordem de interesse, elenquei a inclusão com uma prioridade de pesquisa, pela presença de três crianças autistas (TEA) e uma com laudo de deficiência intelectual na minha turma atual (GREI 4).

Ao iniciar o curso de Mestrado na lógica de pesquisa que aborda a inclusão, condensei as minhas inquietações, propondo a refletir como utilizar as novas tecnologias digitais com

---

[6] Educação Infantil – *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLHMfNL2k9lpKGPWnVu4WIINMJX8axOnRo&si=XO5tQDTGW2LDH8Nm

[7] A Linda Rosa Juvenil · · Grei 2 - Niterói 2012 – *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KjyjAQ5SX7s

crianças autistas na promoção de aprendizagens significativas e desenvolver novas metodologias com a linguagem digital. As crianças com deficiências têm mediação de uma professora, concursada, de apoio especializado, e apresentam níveis de suporte distintos. Refletir e elaborar, por exemplo, uma sequência didática permeada pelo uso das ferramentas digitais se tornou um grande desafio. Como atingir interesses, necessidades e capacidades cognitivas tão diversas.

No primeiro semestre do curso de Mestrado cursando a disciplina "Tópicos Especiais em Tecnologias Digitais e Inclusão"[8] observei que os artigos que mais me afetaram, despertaram interesse pela leitura e me inquietaram; não versavam sobre crianças com deficiência, mas aqueles que tocavam nas questões étnico-raciais, na inclusão da cultura africana e afro-Brasileira nos currículos e na promoção de uma educação antirracista. Sobretudo os textos potentes das autoras bell hooks (2013) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019). A autora bell hooks (2013), que colabora para o discernimento de questões acerca do preconceito estrutural e uma práxis dialógica inspirada no arcabouço teórico *freiriano;* assim como a americana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que disserta sobre o perigo de uma história única, transmitida estereotipadamente, que privilegia um determinado grupo e/ou cultura dominante, como um projeto de poder.

Ao afetar-me com tais contribuições, lembrei-me de uma experiência com uma criança negra, que se tornou protagonista em uma das minhas turmas de Educação Infantil no desenvolvimento de um projeto com a literatura para a infância *Romeu e Julieta* na versão de Ruth Rocha (2009). Sempre quis escrever sobre essa experiência de uma história clássica recontada por outro viés. A disciplina me deu a oportunidade de escrever um artigo (relato de experiência) como trabalho final da disciplina e compartilhar essa história de tantos afetos e memórias. Afetos com a literatura infantil, afetos com uma menina negra que protagonizou nossas experiências e nos transformou. De acordo com Bondía (2002), é a experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.

Mudanças no percurso foram necessárias e inevitáveis e vi-me diante de um objeto de pesquisa que me movia, inquietava e sinalizava a possibilidade de propor uma pequena; mas significativa contribuição na discussão e na promoção de uma Educação Infantil antirracista partindo da reflexão de Adichie (2019) sobre o perigo de uma história única. "As histórias importam, muitas histórias importam" (Adichie, 2019, p. 16), como contar outras histórias ou

[8] Ministrada pela professora Verônica Eloi

as mesmas histórias sobre outras óticas, sobre outra perspectiva cultural/social, dando protagonismo às crianças negras, resgatando aspectos positivos da história do seu continente, a riqueza e beleza da ancestralidade do seu povo, elevando a autoestima, promovendo a representatividade e a inclusão.

A definição, por tratar dessa questão, não está condicionada à cor da minha pele. Uma mulher branca, sem lugar de fala, por não sentir na pele as dores do racismo, dos estereótipos e silenciamentos provocados. bell hooks (2022) define a pele apenas como uma camada, uma parte da sua identidade. A definição pela abordagem da inclusão nessa discussão antirracista está condicionada a afetos e às minhas observações na trajetória de trinta anos de magistério, vinte e quatro deles; na rede municipal de Niterói, a maioria deles em turmas de Educação Infantil. O meu lugar de fala é de educadora das infâncias das classes populares.

Pude, ao longo da trajetória, observar manifestações veladas, explícitas, estruturais de racismo entre crianças-crianças, adultos-crianças, adultos-adultos e isto me mobilizou a propor este projeto, porque talvez Ciência; Princípios Científicos, Vida, Educação Inclusiva sejam tecidos de forma inconsútil para vestir a nossa humanidade com a percepção do nosso destino comum e da nossa igualdade.

1.2 Problema e hipótese

Esta pesquisa se debruçou na seguinte investigação: tendo em vista que grande parte das crianças matriculadas nas redes públicas de Educação Infantil são negras, porque a inserção das literaturas com abordagens étnico-raciais e aspectos da diversidade cultural brasileira nos parece pouco substancial nos planejamentos e práticas educativas? Confirmou-se que após 21 da publicação da Lei Federal nº 10.639/23 (Brasil, 2003) ainda há desconhecimento, por parte dos docentes, do repertório das produções literárias dedicadas às crianças pequenas negras e um distanciamento e/ ou insegurança da abordagem do tema pelos professores; sobretudo de cor branca ou não negros, mas mencionado com mais ênfase por professores e autores; duas questões problemáticas sobre o tema: quantidade e qualidade dos títulos de literatura afro-brasileira nos acervos das escolas de Educação Infantil e a falta de formação docente para o trabalho tais literaturas.

Crianças negras ao longo da história da educação do nosso país, sobretudo, antes da Lei Federal nº 10.639/23 (Brasil, 2003), aprendiam sobre a história dos seus ancestrais através do olhar do colonizador, do branco, do europeu. Preconceitos e estereótipos eram perpetuados,

para as crianças pequenas, através das ilustrações e narrativas dos “Clássicos Infantis”, Cinderela, por exemplo.

Sobre a perspectiva de se contar uma história única, Adichie compartilha um pouco da sua história pessoal com a literatura e suas representações, e suas reproduções e falta de representatividade africana.

> Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros britânicos e americanos. Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos 7 anos de idade – textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler – escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia isso apesar de nunca ter saído da Nigéria (Adichie, 2019, p. 7).

Ao longo da história da educação do nosso país, as crianças negras só viam ilustradas nas páginas das literaturas, sua cor, nos registros do período em que seus ancestrais foram escravizados e/ou em posições, ou situações subalternas e serviçais. Sem elementos para reflexão e por influência do racismo cultural, aceitavam e naturalizam tal modelo. Segundo Adichie (2019, p. 7), “o que isso demonstra, acho, é quão vulnerável somos diante de uma história, particularmente durante a infância”. Concordando com Sabino (2019), é de suma importância o reconhecimento da história do povo africano e suas referências positivas e de pioneirismo na produção epistemológica, contribuindo assim para o empoderamento das crianças negras. Para que desta forma se vejam em outros papéis sociais e não somente aqueles reservados aos de menor prestígio social, atrelados a posições servis e baixas remunerações. Ampliando os horizontes para os sonhos e desejos, de serem o que quiserem ser.

O desconhecimento, por parte, dos docentes do repertório das produções literárias dedicadas às crianças pequenas negras, motivou uma pesquisa bibliográfica abarcando a discussão de uma educação antirracista na Educação Infantil no desenvolvimento de práticas e projetos com literaturas afro-brasileiras. De acordo com bell hooks (2017, p. 21), “educar é um ato teatral”, quando lemos para as crianças somos artistas, nos expressamos com a nossa voz, com a nossa expressão corporal, com o nosso olhar, com as nossas escolhas, com as nossas representações. Educar nos exige arte e sensibilidade, reflexões, transformações diante da diversidade das plateias para promover aprendizagens ativas e significativas, sobretudo inclusivas. E nos evoca a abrir “a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, cérebro um ensino que permita a transgressão – um movimento contra fronteiras e para além delas” (hooks, 2017, p 24).

Desta forma a criança negra precisa conhecer a sua história, a história dos seus ancestrais, da cultura do seu povo, olhar para trás; vislumbrando um futuro com mais inclusão, respeito, diversidade, equidade e a literatura infantil caracteriza-se como um potente instrumento na construção da identidade positiva e afirmativa das crianças negras. Considera-se de extrema importância a construção de uma práxis antirracista já nos primeiros anos de vida e de convivências no espaço escolar, processo dialógico que se dá pela percepção e compreensão do grupo social a que pertence e de seus ancestrais.

1.3 Objetivo geral e objetivos específicos

Esta pesquisa objetiva promover a práxis antirracista com o uso das literaturas de representatividade negra nas salas de aula da Educação Infantil permeada pela linguagem das tecnologias digitais.

Para alcançar o proposto objetivo geral há que se: (1) realizar pesquisa bibliográfica; (2) aplicar a preliminar de pesquisa amparada pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), com três profissionais das infâncias; (3) promover entrevistas em profundidade com oito profissionais da Educação Infantil; (4) analisar os dados das entrevistas a luz dos dados bibliográficos previamente sistematizados para propor a discussão antirracista no espaço da Educação Infantil; (5) apresentar autores e pesquisadores expoentes na produção de literaturas para a infância na perspectiva afrocentrada; (6) disponibilizar uma curadoria literária afrorreferenciada para pesquisa dos educadores das infâncias; (7) modelar um catálogo digital e interativo apresentando autores/pesquisadores, sobretudo mulheres negras e suas potentes obras com protagonismo da história e cultura africana e afro-brasileira e propostas de atividades inspiradas nas abordagens das literaturas; (8) validar o catálogo digital, produto da dissertação, junto a três professores de Educação Infantil, observando a pertinência, aplicabilidade, interatividade e contribuição na Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Abramovich (1997, p. 17) afirma que “é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica”. Desta forma a criança negra precisa conhecer a sua história, a história dos seus ancestrais; da cultura do seu povo, olhar para trás, vislumbrando um futuro com mais inclusão, respeito, diversidade, equidade e a literatura infantil caracteriza-se como um potente instrumento na construção da identidade positiva e afirmativa das crianças negras.

1.4 Riscos e benefícios

Supondo que todas as pesquisas acadêmicas possam gerar riscos e benefícios por mobilizar as competências cognitivas e expectativas por seus resultados nos sujeitos envolvidos se fez necessário a observação e mitigação dos riscos possíveis; mesmo sendo ínfimos, esclarecer e potencializar os benefícios, em observação a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12, que regulamenta pesquisas com seres humanos e preza pela sua saúde física, psíquica e emocional dos participantes (Brasil, 2016).

Um dos riscos possíveis é o constrangimento por exposição de depoimentos e/ou participação em questionários e entrevistas *on-line* ou presencial, sobretudo por opiniões divergentes ou que possam gerar polêmicas. Todos os dados pessoais dos participantes foram mantidos em sigilo, nomes e locações em unidades de Educação Infantil não foram mencionados e/ou expostos. Todas as informações ficarão na guarda da pesquisadora pelo período de cinco anos, gravadas em mídias digitais. Os pares envolvidos na validação do produto da dissertação assinarão, tomando ciência, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e no documento de autorização foi discriminado todos os riscos que envolverá o desenvolvimento da pesquisa.

Dentre os benefícios da pesquisa pode se considerar a disponibilidade e fácil acesso ao acervo das literaturas para a infância afro-brasileira, organizadas por temáticas e interesses das crianças na idade da Educação Infantil no produto da dissertação; um catálogo virtual e interativo que poderá ser acesso através das tecnologias digitais que educadores e crianças têm em mãos: computadores, *smartphones* e *tablets*. Favorecendo os docentes que atuam com as crianças pequenas, muitas possibilidades de associar a literatura infantil às discussões étnicas e à promoção de uma educação antirracista e plural em suas propostas de trabalho.

Além da indicação das obras pelos títulos e autores, essa pesquisa propõe como benefício a apresentação e/ou sugestão de canais do *YouTube* de literatura afro-brasileira; que democratiza e possibilita o acesso às obras na impossibilidade de tê-las na versão tradicional em mãos, contadas nas vozes de educadoras negras, empoderadas no discurso antirracista. As redes sociais, assim, auxiliam na propagação de histórias e de muitas histórias, de muitas vozes.

Fomentar a discussão da educação antirracista traz contribuições e benefícios a toda comunidade escolar, pois, os impactos de seus resultados são compartilhados pelas crianças com seus familiares e seus pares, tornando as relações interpessoais humanizadas, empáticas e afetivas. Ressignificando a compreensão de si e do mundo que o cerca.

Promovendo assim uma educação inspirada na filosofia africana do Ubuntu – *Sou, porque nós somos.*

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

> Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
>
> Paulo Freire

Para o alcance do objetivo primário e dos objetivos secundários desta pesquisa, o trabalho se desenvolveu seguindo cinco etapas consecutivas. Na primeira etapa, se realizou a pesquisa bibliográfica para ampliar o arcabouço de conhecimentos epistemológicos relativos à Educação Infantil – repertório das literaturas para a infância afro-brasileira e práxis antirracistas. A pesquisa bibliográfica é etapa fundante e obrigatória em qualquer trabalho de pesquisa científica. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 182), "a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo". Objetivando, assim, colocar o pesquisador em contato direto com tudo escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Não se caracteriza por ser mera repetição de publicações anteriores, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras, contribuindo para o avanço do conhecimento científico.

A pesquisa bibliográfica respaldou a fundamentação da discussão de conceitos estruturais na promoção de uma educação multicultural e antirracista. Abarcando a legislação vigente no Brasil para a Educação Nacional, a saber, a Base Nacional Curricular Comum ou BNCC (Brasil, 2017); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou LDB (Brasil, 1996) e sobretudo a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003), atualizada pela Lei Federal nº 11645/08 (Brasil, 2008) que determina obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio; estipulando inclusive o Dia da Consciência Negra (20 de novembro), um marco na luta do movimento negro do país, incluindo em suas exigências os povos originários. Pesquisa a artigos disponíveis em acervos de revistas *on-line* indexadas na Plataforma Qualis Capes. Pesquisa realizada nos seguintes termos: "literatura infantil afro-brasileira"; "literatura infantil negra"; "literatura antirracista". Também foram realizadas pesquisas na plataforma de vídeos *YouTube* e no aplicativo *Instagram*. No *YouTube*, com os mesmos termos indexadores mencionados acima, pesquisaram-se canais que apresentam a literatura infantil afrocentrada com o intuito de acessar vídeos das leituras e contações das histórias infantis negras dando maior atenção e/ou protagonismo aos canais de educadores negros, como, por exemplo "Letras Pretas" por Patrícia Anunciada; "Liteafroinfantil" por Niní Kemba Náyó; "Afroinfância" do Projeto Colaborativo Afrocentrada; "BaObazinho" da

Memória. Arte. Educação. Já no *Instagram*, pesquisam-se as páginas digitais: @literaturainfantilafroindigena, @abiliterainfantil, @literaturainfantil.afetos, @literatura.inf.afrocentrada. A pesquisa nas plataformas virtuais democratiza o acesso às obras e aos autores, é possível ter acesso ao conteúdo de livros através das vozes dos próprios autores e/ou educadores engajados e representados pelos enredos e personagens, amantes e especialistas em literatura infantil e cultura afro-brasileira.

A seguir (segunda etapa) se elaborou uma pesquisa preliminar amparada pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016) com vistas à compreensão de aspectos diversos inerentes ao tema "Literatura infantil afro-brasileira". A partir da preliminar de pesquisa, foram coletadas informações que possibilitaram conhecer melhor o escopo da pesquisa a se desenvolver.

Na sequência (terceira etapa) se realizou a pesquisa em profundidade com oito educadoras das infâncias. Empregou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Estas entrevistas, contemplaram questões que viabilizam subsídios para a modelagem de um produto da pesquisa, um catálogo virtual e interativo com as obras de literatura infantil afro-brasileiras organizadas por adequação; considerando interesse, temáticas relevantes e acessíveis às crianças na faixa etária da Educação Infantil, com notas informativas, sugestões e propostas de atividades aos professores. Desta forma, o catálogo virtual e interativo sobre literaturas infantis surgiu a partir do diálogo com os professores e da pesquisa na internet.

Na quarta etapa, modelou-se o produto digital. Literatura Infantil Afro-brasileira: catálogo de autores e obras.

Finalmente, a quinta etapa traz as avaliações do produto virtual por três professores de uma unidade de Educação Infantil do município de Niterói. Validando as possibilidades e aplicabilidades pedagógicas do catálogo de literaturas infantis afro-brasileiras em escolas de Educação Infantil de todo o país. A escolha dos professores (tanto para a preliminar de pesquisa, quanto para o campo e para a posterior validação do produto) se deu por conveniência: facilidade de comunicação, experiência profissional acumulada e afinidade com a discussão proposta. Os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde afirmaram ter ciência de todos os riscos e benefícios da pesquisa em questão.

2.1 Fundamentos da pesquisa bibliográfica

Para o desenvolvimento desta dissertação realizou-se uma pesquisa bibliográfica primária e secundária, ou seja, respectivamente, se realizou uma consulta a dados documentais

não sistematizados, mas também consulta a livros, artigos acadêmicos e sites contendo legislação pertinente ao assunto, plataformas de vídeos e redes sociais. Cada uma das fontes e informações utilizadas neste trabalho está contida nas referências.

Segundo Marconi e Lakatos (2003) caracterizam-se como fontes primárias de pesquisa: diários, correspondências, registros privados e públicos. Enquanto fontes secundárias: livros, matérias de jornais e revistas, artigos científicos, documentos sistematizados, entre outros.

Marconi e Lakatos (2003) sugerem quatro etapas distintas e subsequentes para a realização da pesquisa bibliográfica: identificação, com reconhecimento do assunto pertinente ao tema de estudo; localização das publicações em bibliotecas físicas e acervos/plataformas digitais; compilação, com reunião sistemática dos materiais impressos ou em arquivos digitais; e fichamento, com transcrição dos dados em fichas, com o máximo de exatidão e cuidado (fichamento também promove facilidade de manipulação, transporte, compreensão dos conteúdos centrais e relevantes em cada publicação). Pretende-se, assim, seguir tais orientações com vistas à maximização da organização do material bibliográfico. Deu-se preferência por publicações recentes, privilegiando as publicadas nos últimos cinco anos. Publicações mais antigas foram descartadas, exceto publicações de autores primordiais para a fundamentação teórica deste trabalho, como, por exemplo, Paulo Freire (1987), bell hooks (2013) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

A americana bell hooks (2013), colabora para o discernimento de questões acerca do preconceito estrutural e uma práxis dialógica inspirada no arcabouço teórico freireano; já a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), disserta sobre o perigo de uma história única, transmitida estereotipadamente, que privilegia um determinado grupo e/ou cultura dominante; enquanto o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1987) contribui sobremaneira com reflexões primordiais em sua consagrada obra “Pedagogia do oprimido” sobre a dominação cultural, política e ideológica de um povo sobre outro e a perspectiva de *Esperançar* na construção de uma educação dialógica, essencialmente como prática de liberdade.

2.2 Alicerce da preliminar de pesquisa

Etapas preliminares de uma pesquisa remetem, segundo a Resolução CNS nº 510/16, as atividades que o pesquisador tem que desenvolver para averiguar as condições e possibilidade de realização da pesquisa (Brasil, 2016). Desta forma, a primeira etapa no desenvolvimento desta pesquisa, buscando compreender os contornos da temática a ser pesquisada junto aos professores da primeira infância.

Três perguntas relevantes e esclarecedoras sobre a pertinência do tema a ser pesquisado foram enviadas via *WhatsApp*, em modo privado, para três educadores das infâncias. O critério de escolha dos participantes foi por conveniência: facilidade de comunicação, experiência profissional acumulada e afinidade com a discussão proposta. Cada participante respondeu discursivamente às questões a seguir: (i) As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil? (ii) É relevante apresentar literaturas infantis com abordagem étnico-raciais para as crianças da Educação Infantil? (iii) Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura afro-brasileira?

A preliminar de pesquisa, trouxe sugestões sobre os termos de busca na internet e proporcionou a realização de uma pesquisa bibliográfica mais alinhada com os anseios dos professores e pertinente à realidade do Brasil.

2.3 Análise dos dados

Os dados da preliminar de pesquisa foram tratados a partir de análise descritiva. A análise descritiva ofereceu a compreensão dos conhecimentos, distanciamentos, afetos, interesses e dificuldades dos professores a respeito do tema da pesquisa "Literatura infantil afro-brasileira", e como as categorias, educação antirracistas, educação decolonial, representatividade, entre outras, permeiam ou não o discurso dos educadores e suas intencionalidades pedagógicas. A pesquisa descritiva visa descrever um dado fenômeno, neste caso, como os educadores de Educação Infantil se relacionam com as literaturas infantis com protagonismo negro. De acordo com Silva e Menezes (2000) "a análise descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática" (Silva e Menezes, 2000, p. 21).

Já os dados do campo foram analisados à luz do material bibliográfico sistematizado graças à técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Análise de conteúdos, segundo Bardin (2011), pressupõe um conjunto de técnicas de análise das comunicações, pautadas por procedimentos sistemáticos e objetivos, com vias à obtenção de inferências.

A análise de conteúdo de dados qualitativos de forma simplificada segundo Bardin (2011) se dá em três fases subsequentes: (i) pré-análise, (ii) categorização e (iii) inferências. Na pré-análise tem-se a organização do material pesquisado (no caso desta pesquisa, livros e artigos que contribuam na discussão da literatura infantil afro-brasileira e na promoção de uma

educação antirracista permeada pelas novas tecnologias digitais). Nessa fase é indicada uma leitura flutuante do material, um contato inicial com seu conteúdo e posteriormente um ir e vir neste material. Na etapa que remete à categorização, tem-se a exploração do material com vias à categorização (tenciona-se determinar categorias a posteriori, após criteriosa análise das conversas associadas às entrevistas em profundidade). Por fim, na etapa associada às inferências, realiza-se o tratamento dos dados obtidos, as interpretações e as inferências.

2.4 Produto

O produto digital desta pesquisa foi editado na plataforma de *design* gráfico *Canva*, um catálogo virtual e interativo, resultado das análises realizadas na pesquisa preliminar, pesquisa bibliográfica e pesquisa de literaturas infantis com representatividade negra na internet. O catálogo traz sugestões de literaturas infantis com protagonismo negro, observados a pertinência e possibilidades de abarcar discussões, divertir, encantar, afetar positivamente, desconstruir padrões eurocêntricos e propor atividades com múltiplas linguagens nas turmas de Educação Infantil. Em formato de *e-book* possui notas informativas para o professor sobre as obras, autores, elenca as abordagens das literaturas, sugere propostas de atividades e apresenta a diversidade da cultura afro-brasileira.

Os três professores convidados a validar o produto da pesquisa receberam o link da plataforma *Canva* (versão em PDF) por *WhatsApp* e analisaram a pertinência e relevância do produto para o planejamento de ações inclusivas, multiculturais, lúdicas e antirracistas na Educação Infantil. As contribuições se deram mediante um texto na própria plataforma de mensagens *WhatsApp*, em modo privado, para a pesquisadora.

Dentre muitas possibilidades e benefícios do produto, o catálogo virtual e interativo pode ser acessado através das tecnologias digitais que educadores e crianças têm em mãos, como computadores, *smartphones* e *tablets*. Favorecendo os docentes que atuam com as crianças pequenas associando a literatura infantil as discussões étnicas e a promoção de uma educação decolonial, com representatividade negra em suas propostas de trabalho em consonância com a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003), posteriormente atualizada para a Lei Federal nº 11645/08 (Brasil, 2008). As contribuições do produto visam quebrar preconceitos sobre o conteúdo das obras literárias e promover projetos de trabalho afro-brasileiros, não apenas, no mês de novembro, onde se celebra o *Dia da Consciência Negra*, tornando as literaturas com suas diversas temáticas presentes no cotidiano da Educação Infantil.

Além da indicação das obras pelos títulos e autores, o produto da pesquisa traz sugestões de canais na plataforma de vídeos *YouTube* com ênfase na literatura afrocentrada; que democratiza e possibilita o acesso às obras na impossibilidade de tê-las na versão física, tradicional impressa em mãos, contadas nas vozes de autores/educadores. Mulheres negras, empoderadas no discurso antirracista. As redes sociais, assim, auxiliam na propagação de histórias e de muitas histórias, de muitas vozes, antes silenciadas e/ou desvalorizadas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

> A literatura é ferramenta para fortalecer identidades, para combater as diversas discriminações, (é) como alimento estratégico para o corpo e a alma.
>
> Kiusam de Oliveira

Este capítulo encontra-se dividido em três (4) tópicos e propõe discussão a respeito das questões que abordam o racismo na literatura infantil e os apontamentos para uma educação antirracista com o protagonismo da luta e obra de autores negros e o crescimento de obras afrocentradas após a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003).

O tópico 1 apresenta a construção histórica da literatura infantil imbricada com o conceito social de criança e/ou infância.

O tópico 2 discute o racismo na gênese da literatura infantil brasileira tendo como pano de fundo a ideologia eugenista apregoada por Monteiro Lobato (1882-1948), intitulado "Pai da literatura infantil brasileira" por ser o primeiro autor brasileiro a trazer a criança para o centro dos seus cenários e enredos. Monteiro Lobato, desde a sua primeira obra "A menina do nariz arrebitado" (1920), já ambientada no "Sítio do pica-pau-amarelo" avança em uma literatura infantil e/ou infantojuvenil lúdica e criativa, descolando-se da tendência didática e moralista, mas ainda com aspectos estereotipados, principalmente no que se refere a caracterização aos personagens negros em seus aspectos físicos, psicológicos e socioculturais.

O tópico 3 disserta sobre a literatura infantil na década de 80 e a educação para as relações étnico-raciais (ERER). Objeto de análise: a literatura para a infância "Menina bonita do laço de fita" de Ana Maria Machado (1986). Reflete-se aqui sobre possíveis contribuições para a valorização da beleza da criança negra na primeira história infantil que se popularizou nas salas de aula de Educação Infantil e quais as críticas dos autores, atuais; que discutem estereótipos nas produções de protagonismo negro, questões identitárias e acerca do conceito africano de ancestralidade.

Já o tópico 4 trata dos livros de recepção infantil após o advento da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) e a adesão dos educadores à literatura afrocentrada[9] na Educação Infantil; trata também do crescimento quantitativo e qualitativo do acervo das obras literárias afro-brasileiras. Por fim, reflete-se aqui sobre os principais autores negros de livros de recepção

[9] É uma perspectiva educativa orientada pelo paradigma da afrocentricidade. Paradigma sistematizado na década de 80 pelo professor Molefi Kete Asant, tendo por principal aspecto a centralidade africana. A África como referência na análise dos fenômenos sociais, políticos e culturais pelos africanos e afrodescendentes. A afrocentricidade restaura a autoconsciência e a humanidade africana (Molife Kate Asant) Disponível em: O que é educação afrocentrada por Taísa Ferreira.

infantil com temática africana, expoentes na discussão antirracista, sobre o predomínio de crianças pretas e pardas nas unidades de Educação Infantil públicas e a relevância da representatividade; bem como sobre aproximações/afastamentos, insegurança/desconhecimento dos educadores das primeiras infâncias com obras de literatura infantil negra antes e após a Lei Federal nº 10. 939/03 (Brasil, 2003).

3.1 A construção histórica da literatura infantil e os imbricamentos ao conceito social de infância

Era uma vez…[10]

Charles Perrault

A Europa dos séculos XVII e XVIII está imersa em mudanças socioeconômicas[11], políticas e culturais. Com o fortalecimento da burguesia e das famílias burguesas, a concepção social de criança e as necessidades de educação e cuidado são modificadas significativamente. Antes, na Idade Média, as crianças eram concebidas como adultos em proporções menores, ou seja, "mini adultos" e participavam das atividades sociais e trabalho sem distinção aos adultos e circulavam em ambientes públicos sem qualquer cuidado diferenciado. Isso não quer dizer que as crianças eram tratadas com desprezo ou eram deixadas à própria sorte, mas que não havia um sentimento de infância e a percepção e/ou construção social de suas especificidades. Segundo Ariés (1981), o sentimento de infância.

> [...] corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (Ariés, 1981, p. 156).

Nesse novo período histórico[12], as crianças pertencentes à classe social em ascensão: a burguesia, começam a receber cuidados e educação diferenciada no ambiente familiar com objetivos reguladores da moral e bons costumes, permeados pela religiosidade cristã[13]. Famílias

[10] O primeiro uso da expressão "Era uma vez", em francês, é atribuído a Charles Perrault, por volta de 1380. Fonte: Wikipédia 05–24.

[11] O iluminismo, a revolução francesa, a era napoleônica e a revolução industrial são exemplos de acontecimentos que marcaram mudanças significativas neste período histórico.

[12] Séculos XVII e XVIII.

[13] Igreja Católica Apostólica Romana.

burguesas com estrutura rigidamente patriarcal[14], atribuem às crianças olhar, preocupação e objetivos diferenciados, como a expansão e manutenção do patrimônio, a valorização da leitura com o advento dos livros impressos para crianças e consequentemente, do processo alfabetizador.

A educação formal, ou seja, a instituição escolar e a necessidade de uma literatura especificamente para a infância, atendem às demandas desse novo modelo burguês de educação e manutenção do status quo. Segundo Zilberman (2003), somente ao final do século XVIII se inicia a produção de livros para as crianças. Não se escrevia antes, para esse público específico, porque não existia infância. Emergindo, assim, a reflexão e/ou estudos teóricos sobre a infância e a elaboração de um conceito de infância.

Na idade média (séculos V ao XV), as crianças ouviam, juntamente com os adultos, as histórias que eram contadas através das gerações, dos mais velhos aos mais jovens, pela cultura oral, narrativas com conteúdos macabros, violentos, assustadores e/ou amorais, dentre eles incestos, canibalismo e estrupo. Os "clássicos da literatura infantil", como seriam conhecidos posteriormente, reeditaram os contos folclóricos europeus suavizando suas narrativas e/ou extraindo enredos abomináveis; com ênfase na moral da história, inculcando valores e comportamentos desejáveis e aceitáveis para a burguesia, chamando a atenção das crianças para perigos da vida cotidiana, como falar com estranhos, desobedecer aos mais velhos, andar por caminhos desconhecidos, são exemplos: "João e Maria" e "Chapeuzinho vermelho", que nas versões originais, transmitidas oralmente, narram cenas de canibalismo e abandono de incapaz. Darnton (1986), historiador da França entre os séculos XVII e XVIII, considera que, como não existia sentimento de infância, o abandono de uma criança em detrimento da vida de um adulto poderia ocorrer sem estranhamentos. Enquanto a fábula "Cigarra e a formiga" é um clássico exemplo de histórias que transmitem o conceito de mau ou bom comportamento, nesse caso específico a relação com o trabalho: Preguiça X Dedicação. O bom comportamento é premiado e o mau comportamento castigado. Zilberman (2003) ainda afirma:

> Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial de infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam os mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava, A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão (Zilberman, 2003, p 15).

[14] Sistema sociopolítico que delega a homens brancos: autoridade; poder político e econômico.

A afetividade entre pais e filhos era pouco perceptível na Idade Média, dentre outros possíveis motivos socioculturais da época, a alta taxa de mortalidade infantil provocava inseguranças em relação ao apego entre pais e filhos. Crianças até dois anos eram consideradas "descartáveis" e muitas não recebiam nomes antes de ultrapassar o risco de não "vingar", não existiam medicamentos e vacinas capazes de evitar e/ou curar doenças letais, que vitimam principalmente as crianças menores e mais frágeis; os bebês. Os batismos eram realizados apressadamente pela Igreja Católica Apostólica Romana, pelo temor de perecerem pagãos[15], tradição e/ou cultura cristã observada até os nossos dias, sobretudo pelos católicos mais religiosos. A escassez de alimentos e a fome, principalmente entre os mais pobres, era um fator importante para a incidência de mortes de crianças. A escassez de alimentos e a fome aparecem como tema em muitos contos folclóricos do século XIX, o clássico infantil "João e Maria" pode ser citado como exemplo. As crianças são abandonadas pelo pai e madrasta na floresta porque não há comida suficiente para todos.

Com o desenvolvimento da ciência e/ou da medicina, sobretudo o surgimento de vacinas no século XIII e o maior cuidado dedicado aos pequenos (higiene/saúde); como a manutenção das crianças no ambiente familiar com suas mães, as taxas de mortalidade infantil caem no seio das famílias burguesas e as relações afetivas começam a ser construídas, principalmente entre mães e filhos. Na ilustração abaixo, Edward Jenner[16], médico e naturalista franco-inglês, pioneiro no conceito de vacinas, incluindo a vacina contra a varíola. Figura 1.

Figura 1 – Pintura de Ernest Board, aplicando vacina em uma criança (1796)



Fonte: Livro didático – Projeto Buriti Plus – Ciências.

[15] Pagão – aquele que não foi batizado. 2.
adepto de qualquer religião que não adota o batismo ou adota o politeísmo.
[16] Fonte: Wikipédia.

Na estrutura patriarcal as mulheres eram designadas para o cuidado doméstico, sobretudo a educação das crianças. Schart (2000) considera que entre a burguesia e os profissionais liberais preconizam um modelo familiar com atenção especial para as suas crianças e a mãe é a principal figura na vida de seus filhos, responsável pelo cuidado e a educação no lar.

A educação formal surge na Europa como uma necessidade da família burguesa na educação de suas crianças, antes a educação das crianças não se distinguia dos adultos, de acordo com Scharf (2000), crianças e adultos compartilhavam os mesmos espaços, ou seja, onde ocorria as aprendizagens dos adultos também era o espaço das interações infantis.

Com o desenvolvimento da imprensa e a nova concepção social de infância, as literaturas infantis, inspiradas nos contos folclóricos, tomam forma de material didático moralista e didático/pedagógico. A fonte[17] para os registros dos contos folclóricos europeus são os mais velhos, populares/camponeses[18], detentores desse repertório cultural oral. Os folcloristas iam de encontro daqueles que conseguiam carregar na memória as histórias dos seus antepassados (mitos, fábulas e contos de fadas), dos seus ancestrais para torná-las em versões escritas e adaptadas ao contexto e aos interesses vigentes, como evitar o apagamento histórico, ou seja, que caíssem no esquecimento.

As histórias para as crianças surgem na Europa, com conteúdos pertinentes à cultura europeia e à família burguesa. Observa-se que o conceito de infância é contemporâneo à literatura para a infância. Um gênero[19] literário recente se comparado ao gênero literário adulto, universal, menos de quatrocentos anos, se considerarmos que a literatura para educar moralmente crianças surge com o escritor e padre francês Fran Fenéron entre os anos 1651-1715. Segundo Zimmerman (2008), como há imprecisão em relação às datas das primeiras publicações destinadas às crianças, postula-se que foram os livros de caráter religioso e livros educativos/didáticos como cartilhas e enciclopédias.

---

[17] Origem da Literatura Infantil e conceito de Infância por Poliana Leonardelli. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=toIbFdKU0Ik.

[18] Carvoeiros, lenhadores entre outros populares que detinham essa bagagem cultural.

[19] A literatura infantil até a atualidade almeja o reconhecimento de ser um gênero literário com a mesma importância e qualidade que os demais. Em alguns países ainda é vista como uma literatura de menor qualidade e/ou melhor importância. No Brasil o cenário é mais favorável e o reconhecimento é maior, segundo Ana Maria Machado devido a grandes autores brasileiros dos mais diversos gêneros literários também produzirem obras infantis de muita qualidade. Ana Maria Machado escreve para crianças, jovens e adultos. TV Brasil Trilha das Letras 2017 – Entrevista Ana Maria Machado. Escritora Ana Maria Machado no Trilha de Letras | Programa Completo – *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=RLEZK0rwBEo.

Desta forma, a escrita adquire valor social, sendo preponderante em relação à cultura oral e se tratando da educação das crianças burguesas, um recurso didático[20] e/ou pedagógico.

Apesar de não serem os primeiros autores a adaptar as histórias folclóricas europeias para uma literatura destinada à infância, podem ser considerados de maior relevância as contribuições e as obras dos irmãos Grimm (alemãs /Século XIX); pela qualidade dos textos, como também pela robustez de suas produções, mais de quatrocentos contos, dentre mais e menos conhecidos até os nossos dias. A primeira publicação de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm data de 1812, intitulada "Histórias das crianças e do lar", compilado de cinquenta e um contos de fadas e folclore, bem-sucedido na época. Dentre os títulos mais conhecidos até a atualidade, merecem destaque "Branca de Neve", "A bela adormecida" e "Rapunzel". É um exemplo das histórias menos conhecidas dos irmãos Grimm, o conto "Pele de urso". Sobre a literatura clássica infantil e as contribuições dos irmãos Grimm, Coelho (2003) afirma que: ao descobrir o incrível e vasto acervo de narrativas populares, os irmãos Grimm se dedicaram a seleção e a edição de uma literatura para a infância conhecida até hoje conhecida como *Literatura Clássica Infantil.*

No mesmo contexto histórico, vislumbrando o resgate e adaptação do folclore popular europeu para a educação formal e moral das crianças, associando o teor pedagógico à ludicidade. Destaca-se nas publicações dos Contos de Fadas Charles Perrault (XII), autor francês, considerado o pai da literatura infantil, adquirindo notoriedade com os "Contos da mamãe gansa". Outras obras que atravessam gerações de Perrault: "Cinderela", "O gato de botas", "Chapeuzinho Vermelho" e "O pequeno polegar". As obras de Hans Christian Andersen (XIX), poeta dinamarquês, são notórias e amplamente conhecidas pelas crianças por muitas gerações, como os clássicos infantis "A pequena sereia", "Soldadinho de chumbo" e "Patinho feio". Ainda merecem destaques autores de contos de fadas e folclóricos pela qualidade de suas adaptações, Joseph Jacobs (XIX), também clássicos da literatura infantil: "João e o pé de Feijão" e "Os três porquinhos" e finalmente merece menção Carlo Collodi (Século XIX), autor italiano de "Pinóquio" perpetuando lições morais sobre a mentira, já que a "mentira tem pernas curtas".

Observa-se, desta forma, nos países europeus entre os séculos XVI ao XIX o crescimento vertiginoso de autores e adaptações de contos de fadas e folclóricos; que na antiguidade comunicava conteúdos do universo adulto, sem censuras e/ou modelagem ética, se

[20] "Literatura nunca tem uma função didática" Ana Maria Machado TV Brasil – Programa Trilha das letras (2017) 06 de julho de 2017 – Apresentador Raphael Montes. "Literatura nunca tem uma função didática", diz a escritora Ana Maria Machado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=SrJrJ8CF3qg.

adapta em certa medida, principalmente as primeiras edições dos irmãos Grimm, a nova concepção social de infância e família burguesa. Corso (2006) atribui à criação do modelo de família nuclear, pais e filhos, e a invenção do conceito de infância: como compreendida até a atualidade, o surgimento no século XIX das versões modernas dos contos de fadas, eternizados como os *Clássicos da literatura infantil.*

As obras e/ou coletâneas de contos de fadas e folclóricos publicadas no século XIX pelos irmãos Grimm, Charles Perrault, Joseph Jacobs e Carlo Collodi, ao longo do tempo ganharam novas versões, à medida; que as transformações sociais e culturais, lapidavam o sentimento de infância e a compressão das especificidades das crianças, ganhavam novos contornos mediante estudos e pesquisas, desenvolvimento de teorias da psicologia do desenvolvimento e da educação, como expoentes Piaget[21] e Vygotsky (Século XX). Sobre esse fenômeno, Debus (2017) considera que à medida que ocorre o atrelamento histórico a um público-leitor – a criança – a literatura para a infância é transformada ao longo do tempo, na mesma proporção em que se transforma a imagem social da criança.

Os contos folclóricos europeus, ou na versão europeia, se tornaram *Clássicos da literatura infantil*, principalmente aqueles que ganharam vida nas telas do cinema e nas produções dos estúdios da Disney com versões românticas e finais felizes. "*E foram felizes para sempre…"* inculcando nas crianças o que Adichie (2019) nos alerta em sua obra "O perigo de uma história única": um padrão de cenários, repertórios/enredos, cor de pele, de ser e estar no mundo, principalmente de estética e/ou beleza das personagens. A única forma de ser princesa, por exemplo; consequentemente, da naturalização da falta de representatividade de todo aquele que não fosse pertencente àquela cultura. É dessa forma que Adichie (2019) compreende esse fenômeno:

> A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar (Adichie, 2019, p. 7).

Embora a cultura de transmissão oral de lendas, mitos, fábulas…seja comum a tantas outras culturas e povos, sobretudo na figura dos *griots*, contadores de histórias dos povos

[21] Piaget, um dos mais importantes teóricos do século XX. Biólogo, epistemólogo suíço (epistemologia genética). Amplamente estudado no campo educacional pelas contribuições na investigação da gênesis e no desenvolvimento do pensamento infantil. Vygotsky, psicólogo que se destacou no XX pelo desenvolvimento de seus estudos na área da psicologia histórico-cultural. Suas contribuições no campo da educação são notórias por compreender a criança com um ser social e o processo de aprendizagens associa-se ao seu contexto histórico, social e cultural.

africanos, a versão europeia padronizou uma narrativa onde pessoas de origens distintas; como os africanos e afrodescendentes, não conseguem se identificar, se ver representadas, por falta de semelhanças de uma forma geral.

A luta e resistência, dos povos africanos pelo resgate de suas histórias, lendas e mitos, editoras[22] que militam pela diversidade e inclusão publicam as vozes de autores negros, protagonistas de suas próprias narrativas e dos conhecimentos ancestrais de seu povo, promovendo através dos griots da atualidade a representatividade; promovendo a conhecimento de quem são e de onde vieram, elevando assim a autoestima das crianças negras.

3.2 Monteiro Lobato em discussão

Já no século XX, no Brasil, surge Monteiro Lobato como o precursor de uma literatura para a infância, intitulado posteriormente como o "Pai da literatura infantil brasileira"; pela quebra dos padrões didáticos e moralistas das literaturas produzidas para o segmento infantil e infantojuvenil até então, sobretudo na Europa, e pela qualidade e/ou criatividade, ludicidade de suas obras. Radino (2003) considera que:

> O salto qualitativo que marcou a literatura infantil e juvenil no Brasil deu -se a partir da década de 1970. Uma nova concepção de infância, que surgiu com Monteiro Lobato, propiciou o nascimento de uma literatura infantil desvinculada do didatismo escolar. O compromisso até então pedagógico da literatura foi substituído pelo surgimento de novos autores e textos criativos: "valoriza -se, neste momento, o espírito questionador, lúdico, irreverente e bem-humorado" (Radino, 2003, p. 108).

A crítica à obra de Monteiro Lobato que faz pertinente para essa discussão identitária é o racismo implícito e explícito em suas narrativas, na construção da descrição física e psicológica de personagens brancos e negros, como nos diálogos entre eles. Sua primeira obra para o público infantil data de 1920, quando publica a primeira obra da série ambientada no Sítio do Pica-Pau Amarelo, "A menina do nariz arrebitado" (Figura 2).

[22] Editora Pallas, Mazza Edições, Nandyala, Malê, entre outras.

Figura 2 – Capa da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado* (1920)



Fonte: Biblioteca Nacional.

Monteiro Lobato[23] um intelectual e ativista eugenista[24], ou seja, um defensor da eugenia[25], ideologia que partia do pressuposto que o clareamento e/ou branqueamento da pele do povo brasileiro resultaria em sua ascensão cognitiva e no "embelezamento" da população; o racismo brasileiro com bases nas características fenotípicas. Nas obras dedicadas às crianças localizava os negros em papéis de submissão, serviço e subserviência, como tia Anastácia, por exemplo, sem maiores críticas podia ser considerada agregada a família, mas os termos "macaca de carvão", "carne preta", "um frangalho de nada" e "beiçuda", que faziam parte de suas narrativas denotam o racismo. Caracterizando, assim, o negro como uma raça inferior. Bárbara Carine[26] (2023, p. 36) afirma que o "conceito de raça nasce na modernidade europeia com o intuito de hierarquizar a humanidade, possibilitando assim distinguir e classificar pessoas pela estética, ou seja, pelos traços fenotípicos".

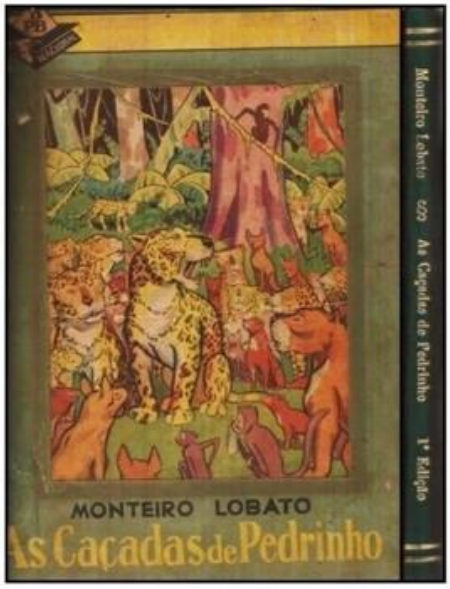
[23] Monteiro Lobato (1882-1948). José Bento Monteiro Lobato – advogado, promotor, escritor, ativista e tradutor brasileiro. Editor de livros inéditos e de importantes traduções. Fonte: Wikipédia (05/24).

[24] Monteiro Lobato foi membro da sociedade eugênica de São Paulo. Eugenistas defensores de um conjunto de ideias que objetivavam uma suposta melhoria nos seres humanos, ou seja, de características genéticas, excluindo padrões indesejáveis, como impedindo a reprodução.

[25] Em nome da ciência e da biologia, avaliavam-se negativamente condições de vida produzidas pela própria sociedade – como a pobreza e a falta de educação formal, agora entendidas como fatores hereditários. Assim, a eugenia lidava com o meio ambiente e com questões econômicas e sociais, além de influenciar na educação, nos costumes e na imigração (Lilia Moritz Schwarcz – Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas, 2023).

[26] Bárbara Carine (Salvador, Bahia) – escritora, palestrante, professora efetiva da Universidade Federal da Bahia e ativista da causa negra. Idealizadora da escola na perspectiva decolonial, inclusiva, antirracista e multicultural: Maria Felipa.

Figura 3 – Capa da primeira edição de *As caçadas de Pedrinho* (1933)



Fonte: *Google* Imagens.

Na obra *Caçadas de Pedrinho* (1933) (Figura 3), a cor de pele de uma mulher negra é inferiorizada e seu comportamento associado ao comportamento animal (macaca), como podemos observar nos trechos destacados:

> Emília repetiu-a, terminando assim: – É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem *carne preta*. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do Sítio, exceto os de pena (Lobato, 1933, p. 13).

> Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma *macaca de carvão* pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (Lobato, 1933, p. 23).

A obra de Monteiro Lobato se localiza em um tempo histórico em que o processo de escravização dos negros fazia parte de um passado recente[27] e a concepção de uma raça ser superior a outra latente na sociedade da época pós-abolicionista. Uma sociedade racista que justificava seu desprezo à população negra, como o apagamento da sua cultura e história ao considerá-los pertencentes a uma raça inferior. Assim, Santos (1990) conceitua o racismo:

> Racismo é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. E também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê (Santos, 1990, p. 12).

[27] 1888 data o fim da escravidão (escravização). Marco histórico: assinatura da Lei Áurea, após quase 4 séculos (388) de subjugação e desapropriação de direitos da população negra.

A perpetuação dos pensamentos e comportamentos racistas interessava à classe dominante, as elites, intelectuais, formadores de opinião, como manutenção de status e justificação das práticas repugnantes outrora cometidas.

A vida e obra de Monteiro Lobato reflete o contexto histórico da época, seja a classe social a que pertencia e/ou as referências teóricas que fundamentam sua escrita e bases ideológicas, como a política do branqueamento. Sobretudo após a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2023), o idealizador do "Sítio do Pica-pau-amarelo" e suas produções infantis são vistas com olhos críticos, reticentes e a adequação para a leitura das crianças passa a ser questionada, devido a conteúdos de cunho racista. Segundo Ana Maria Machado (2017, n. p.), "Monteiro Lobato carregava dentro de si, os fortíssimos preconceitos da sua época, do Brasil daquela época. Sua leitura é indicada, sem censura e sem cortes, mas com criticidade".

A literatura para a infância, como posto, nasce em um contexto histórico avesso à diversidade e à inclusão. As obras de Monteiro Lobato refletem as mazelas de uma sociedade preconceituosa, colonial e eurocêntrica. Logo, a literatura infantil desde o seu cerne se adequa ao interesse da elite burguesa, uma única narrativa, uma visão única da história; como ao ideário racista da sociedade brasileira pós-abolicionista.

3.3 Literatura infantil na década de 80 e as questões étnico-raciais na obra "Menina bonita do laço de fita": primeiros passos do protagonismo da criança negra

> Nunca tinha tido uma menina negra pequenininha apresentada como linda, bonita, maravilhosa, protagonista e que todo mundo quer ser.
>
> Ana Maria Machado

O processo[28] de redemocratização do país na década de 80 abre espaço para o debate sobre diversidade, inclusão e preconceitos na sociedade, sobretudo entre as minorias, grupos sociais historicamente excluídos e/ou marginalizados no processo da garantia de seus direitos. O movimento negro ganha força e maior visibilidade na luta pela igualdade racial e o fim do racismo. Os primeiros passos são dados em direção a uma produção artística que rompa com os preconceitos e estereótipos da representação do negro, sua história e cultura, inclusive na literatura para a infância. De acordo com Debus (2013), antes da década de setenta, narrativas infantis e/ou infantojuvenis com a presença de personagens negras, ou a representação de

[28] Redemocratização – Consiste no processo de restauração da democracia após o término da ditadura militar (Golpe 1964).

elementos da cultura africana e afro-brasileira, eram quase inexistentes. Se a presença é rara, o protagonismo só começa a ser observado anos depois.

Nesse contexto histórico, cultural e político, Ana Maria Machado (1986), com ilustrações de Walter Ono, publica pela editora Melhoramentos "Menina bonita do laço de fita". Como afirmou a própria autora em entrevista ao programa Trilhas das Letras (TV Brasil, 2017), a intencionalidade da obra não consiste em propor o debate sobre a educação para as relações étnico-raciais ao dar protagonismo a uma menina negra, na verdade; a inspiração para a escrita da obra emerge do nascimento da filha Luiza em 1983. Nas palavras da autora, "Há mais de 30 anos não se tinha a preocupação específica de discutir essas questões". Sobre o engajamento do trabalho do escritor e da literatura em debates de conscientização da sociedade, considera-se que: "A literatura tem a obrigação de refletir a visão do mundo do autor, mesmo que ele não queira, inconscientemente, a minha visão de mundo é integradora" (Machado, 2017, n. p.).

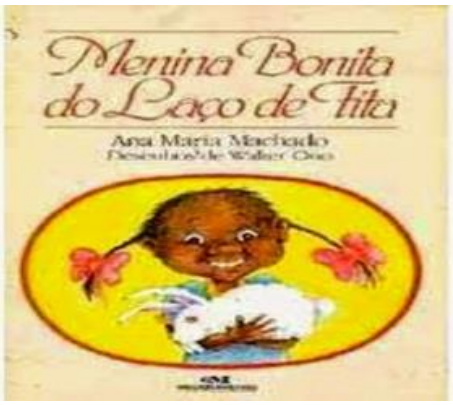
De certa forma, Ana Maria Machado, mesmo sem a intencionalidade de abarcar as discussões étnico-raciais, pode ser considerada uma das precursoras de um movimento que viria após a Lei Federal nº 10.639/2003 (Brasil, 2023), de publicações de representatividade negra para crianças. "Menina bonita do laço de fita" inova no olhar para a menina negra na literatura infantil ao remeter-se a princesas africanas, em um período que as literaturas infantis apresentavam, em sua maioria, princesas nos padrões da beleza europeia, de pele branca e cabelos lisos, como se observa no trecho em destaque: "Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laços de fitas coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África" (Machado, 1986, p. 4).

Em entrevista recente (2023) no programa Entrelinhas (TV Cultura), a própria autora elenca "Menina bonita do laço de fita" como uma de suas obras de maior relevância e impacto social[29]. Nas palavras da própria autora, a justificativa da escolha "Menina bonita do laço de fita" é um livro muito simples, mas destaca-se pela repercussão que teve na sociedade em geral. Em qualquer lugar que chego, sempre vem alguém que diz: "Eu sou a menina bonita do laço de fita! Então, isso é muito forte". Força da representatividade, da identidade.

Como supracitado, a obra de Ana Maria Machado "Menina bonita do laço de fita" ganhou a sua primeira edição no ano de 1986, com ilustrações de Walter Ono, editora Melhoramentos. Uma das primeiras literaturas para a infância que traz ilustrada na capa de forma positiva, feliz e bela, uma menininha negra de trancinhas. Dividindo a cena com a menina, um coelho branco, como observamos na Figura 4, a seguir:

[29] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=3y3C9vRrcmI.

Figura 4 – Capa da primeira edição de *Menina bonita do laço de fita* (1986)



Fonte: *Google* Imagens.

O impacto positivo causado na sociedade, a qual se refere a própria autora, se converte em sucesso entre os leitores, adoção da literatura pelas escolas privadas e redes públicas de todo o país em programas governamentais de incentivo à leitura, como a demanda de reedições. Atualmente, "Menina bonita do laço de fita" encontra-se em sua nona edição (2019) pela Ática e ilustrações de Claudius. Na capa atual, a ilustração revela mais sobre a admiração do coelho pela menina (Figura 5).

Figura 5 – Capa da nona edição de *Menina bonita do laço de fita* (2019)



Fonte: *Google* Imagens.

"Menina bonita do laço de fita" tornou-se muito conhecida por professores da Educação Básica, principalmente daqueles que atuam na Educação Infantil, pela indicação etária, simplicidade da narrativa e pela beleza da sua poesia. A obra é adotada para o desenvolvimento

de projetos pedagógicos e/ou sequências didáticas, principalmente, em dois momentos específicos do calendário escolar: Páscoa, atribuindo protagonismo do coelho e '*Dia da Consciência Negra*[30], atribuindo protagonismo à menina, como fonte de inspiração para o debate antirracista e elevação da autoestima das meninas negras.

Na pesquisa de campo desta dissertação, uma das professoras entrevistadas (H) relata os usos da literatura infantil "Menina bonita do laço de fita" em suas turmas de Educação Infantil e a falta de reflexão crítica em relação à abordagem étnico-racial nas suas propostas de aprendizagens com a obra junto às crianças; privilegiando o protagonismo do coelho na abordagem da efeméride: Páscoa. O trabalho com datas comemorativas ainda é uma realidade nas unidades de Educação Infantil privadas e as literaturas infantis são amplamente utilizadas com esse propósito. Nas unidades de Educação Infantil da rede pública, o trabalho com efemérides e literaturas infantis para esses fins é amplamente discutido e criticado. Ana Maria Machado afirma veementemente em entrevista ao também escritor Raphael Montes[31]: "A literatura nunca tem a função didática". A BNCC (2018) coaduna com a afirmativa de Ana Maria Machado sobre a utilidade da literatura e amplia a discussão considerando que:

> Para que a função utilitária da literatura - e da arte em geral - possa dar a sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor -, e, portanto, garantir a formação de um leitor - fruidor, ou seja, de um sujeito capaz de se implicar na leitura dos textos, de "desvendar" as múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

Portanto, a literatura pode assumir uma dimensão humanizadora, transformadora, mobilizadora e as literaturas para a infância com protagonismo negro trazem em sua essência tal preposição. De acordo com Níni Kemba Náyó (2021, n. p.), "a literatura informa para transformar"[32].

Na literatura para a infância em análise, a valorização da beleza negra é explícita e registrada incomumente para a década que surge no mercado literário (80). A beleza da menina é fonte de admiração do coelho, personagem com quem desenvolve os diálogos da narrativa. A menina negra é desta forma apresentada:

> Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

---

[30] 20 de novembro.

[31] V Brasil - Programa Trilha das letras (2017) 06 de julho de 2017 – Apresentador Raphael Montes. Disponível em: https://youtu.be/RLEZK0rwBEo?feature=shared.

[32] Afirmativa concedida em entrevista ao canal do Youtube do SESC Bahia.

> Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva (Machado, 1986, p. 3).

Percebe-se na escolha das palavras, na tessitura dos versos, o trabalho artístico da autora em criar imagens positivas associadas à cor preta, associando a beleza da cor da pele da menina pretinha à cor das azeitonas, da noite, da pele da pantera. Propondo uma desconstrução de associar o que é feio, mau e assustador a cor preta, evidências de um passado escravocrata. Muitas expressões que se popularizam revelam, de forma implícita e até mesmo explícita, tal associação, tais como: "a coisa tá preta", "lista negra", "humor negro", "mercado negro", "magia negra", "serviço de preto" entre outras que devem ser esquecidas.

A publicação de "Menina bonita do laço de fita" é anterior à Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2023), sancionada em 9 de janeiro de 2003 pelo então presidente Lula, tornando obrigatório o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino do país. Logo, uma literatura que embora tenha o seu valor artístico e literário amplamente reconhecido, suas contribuições a sociedade como instrumento de valorização da beleza negra e promoção da autoestima e representatividade; sobretudo das meninas negras, pode ser considerada "ultrapassada" aos debates sobre representatividade negra posteriores a ela, sobretudo pelos ativistas (autores, professores, acadêmicos, pesquisadores) do movimento negro[33], que postulam a escrita das suas narrativas pela ótica afrocêntrica[34]. A Professora Eliane Debus (2017), por exemplo, postula que a representação de uma personagem negra em um livro para crianças não garante que esse discurso trará noções de pertencimento (afirmação de uma identidade), uma das críticas atribuídas a obra de Machado (1986), como mencionado anteriormente. Sobre a expansão do mercado editorial para o atendimento das prerrogativas da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2023), Debus (2017) traz alerta quanto o discurso de caráter utilitário, associado a padrões morais e com finalidades didáticas, sem o comprometimento com poético/estético, incapaz de despertar no leitor o prazer pelas narrativas. Observando com criticidade esses e outros atravessamentos na produção literária de caráter diverso e inclusivo para crianças podemos considerar que nos últimos vinte anos o mercado editorial foi fecundo em publicações de autores negros e suas narrativas afrocêntricas para as crianças; sobretudo as negras, para que desta forma vislumbrem a versão da história de seus ancestrais de forma

[33] Movimento negro – Conjunto de movimentos sociais, políticos e culturais realizados pelos negros brasileiros. Lutam pela igualdade social e de direitos para a população negra e pelo fim do racismo, como expoente Abdias do Nascimento (artista, escritor, político e ativista). Abdias Nascimento desde a década de 50 propunha estudos sobre a reminiscências africanas. Disponível em: https://youtu.be/cn_SNM1A4RY?feature=shared.

[34] A história e o arcabouço cultural africano são o centro das narrativas.

potente, positiva e bela, rompendo com os estereótipos. Versão afrorreferenciada, que há muitas gerações, de meninos e meninas afrodescendentes, vinha sendo negada, silenciada, desvalorizada, apagada, estereotipada. Adichie (2019, p. 14) define estereótipos e denúncia sua problemática "são incompletos, não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem que uma história, se torne a única história". Autores negros, sobretudo mulheres negras, como Madu Costa, Kiusam de Oliveira, Elisa Lucinda, entre outras, surgem como expoentes e protagonistas de suas próprias narrativas e oportunizam às novas gerações de crianças pretas a representatividade na literatura de recepção infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Brasil, 2013) reitera

> [...] a importância de darmos destaque ao lugar do/a negro/a nas escolas de educação infantil, argumentando que esse tipo de ação facilitaria os processos cognitivos das crianças, contribuiria para a construção de suas personalidades e ainda as ajudaria no processo de reconhecer-se como negros e negras, entendendo melhor suas origens e sua história, que é também a história de nosso povo (Brasil, 2013, n. p.).

Passados trinta e oito anos da primeira publicação de "Menina bonita do laço de fita", produções acadêmicas[35] discutem e/ou dissertam sobre pontos positivos e negativos da obra de Ana Maria Machado. Argumentam sobre as possibilidades, de ainda, ser relevante na promoção de uma educação antirracista ou se de certa forma contribui na perpetuação de estereótipos, ou da falta de compreensão sobre identidade e ancestralidade de personagens afro-brasileiros e/ou afrodescendentes nas literaturas de recepção infantil. Na análise dos diálogos entre a menina-coelho, coelho-menina, menina-mãe, mãe-menina, críticas são tecidas por autores de literatura infantil negra e influenciadores que produzem conteúdos nas redes sociais, divulgando produções próprias e de outros autores, sobretudo negros. Apresentam novas histórias, não só sob nova perspectiva, mas de publicação recente. Narrativas afrocentradas, que apresenta aos pequenos leitores e aos educadores da Educação Infantil a potência artística/cultural, científica/tecnológica africana e afrodescendente, ressaltando o pioneirismo dos feitos dos seus ancestrais, inspirados na vida e nas experiências das crianças negras. Nas palavras de Níni Kemba Náyó (2021, n. p.) em entrevista ao canal do *YouTube* SESC Bahia, no projeto África

[35] Subjetividade em tempos literários e midiáticos: permanência e subversão em "Menina bonita do laço de fita", de Ana Maria Machado de Silva, Andrielly Correia Sinezio da. Monografia (graduação) - UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2019. de França Luiz Fernando.
Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, e em O menino marrom, de Ziraldo. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [en linea]. 2008, (31), 111-127 [fecha de Consulta 18 de Mayo de 2024]. ISSN: 1518-0158. Disponible en: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127095006.

no centro da arte e educação, "Uma literatura negra feita por pessoas pretas para pessoas pretas que empodere e eleve a autoestima, que medie a construção de identidades, pensando na vida das crianças negras, com implicações políticas e afetivas".

A página do *Instagram* @afroinfância[36], administrada por Carol Adesewa em um vídeo publicado em 2023, considera um erro a escolha literária de "Menina bonita do laço de fita" nas atividades comemorativas no mês da Consciência Negra, como representativo do povo afrodescendente. A escolha de uma única literatura como representativa. Dentre as críticas ao livro, por Carol Adesewa (2023), merece destaque: o desconhecimento da menina da sua ancestralidade, na falta de conhecimentos sobre as origens da sua cor de pele, à medida que inventa respostas todas às vezes que o coelho a pergunta:

> Menina bonita do laço de fita,
> qual é o teu segredo para ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou (...) (Machado, 1986, p. 8).

A menina lançava mão da criatividade e da capacidade imaginativa infantil para responder ao coelho – seu admirador; ora dizia haver caído na tinta preta, ora dizia ter tomado muito café ou ainda que houvesse comido muita jabuticaba. Antes que a menina continuasse a inventar, à mãe da menina:

> [...] que era uma mulata linda e risonha, resolve se meter e disse:
> - Artes de uma avó preta que ela tinha… (Machado, 1986, p. 15).

Carol Adesewa (2023), ainda na análise crítica ao livro "Menina bonita do laço de fita", condena o uso do termo "mulata". Na década de 80, a palavra "mulata" ainda era utilizada para se referir a mulheres consideradas mestiças, com tons de pele mais claros, diferenciando das pretas retintas. O termo "mulata"[37] é carregado de uma subjetividade negativa, depreciativa e/ou pejorativa, pois historicamente associa ao corpo da mulher negra a mercadoria, um objeto de sedução: "mulata tipo exportação".

"Menina bonita do laço de fita" não foi a primeira história de Ana Maria Machado a ter personagens negros ilustrados e não é a única com protagonistas. A própria autora em entrevista[38], já mencionada anteriormente, à TV Brasil, cita algumas de suas obras que trazem

---

[36] Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CzRAtwHuJbO/?utm_source=ig_web_copy_link e https://www.instagram.com/afroinfancia/?e=12c7050d-80ca-4f52-a5fa-87c401bb1a8e&g=5.

[37] "Mulata" – Na língua espanhola designa o cruzamento de animais de raças distintas, tais como: cavalo com jumenta ou jumento com égua.

[38] TV Brasil – Programa Trilha das Letras (2017) 06 de julho de 2017 – Apresentador Raphael Montes.

a representatividade negra e a pluralidade racial e cultural. Celebrando a diversidade do povo brasileiro: Mas que festa (2013); Resgatando a formação histórica do povo brasileiro: Enquanto o dia não chega (2013); Crianças negras nas capas (protagonistas) – Coleção Mico Maneco (2012)[39] – Pena de Pato e de tico-tico, Com prazer e alegria, Troca-troca e Uma gota de mágica.

Outro autor que protagoniza um personagem negro na mesma época e/ou ano de publicação é Ziraldo (1986) com a obra "O menino marrom", publicada pela editora Melhoramentos. O protagonismo de um menino negro ainda não é visto na literatura para a infância, como observado na Figura 6:

Figura 6 – Capa da primeira edição de *O menino marrom* (1986)



Fonte: *Google* Imagens.

Ana Maria Machado e Ziraldo, grandes e premiados autores brasileiros de literatura infantojuvenil, com significativas contribuições para a literatura infantil brasileira, abrem novas perspectivas, na década de 80, para narrativas com novos olhares para personagens infantis negros, para o grande público, em especial para as crianças negras. Narrativas, ilustrações mais inclusivas e representativas.

É pertinente o registro de que autores negros com narrativas tematizando a história e cultura da África surgem na década de 70 e antecedem a publicação da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) dentre os que merecem destaque, segundo Debus (2017), estão: Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz e Georgiana Martins.

[39] Coleção Mico Maneco – 20 histórias curtas e imaginativas, que apresentam personagens bem brasileiros.

3.4 A literatura infantil após o advento da Lei Federal nº 10.639/03 e a adesão dos educadores à literatura afrocentrada na educação infantil

> Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo que ela quiser ser.
>
> Chimamanda Ngozi Adichi

A Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) é uma conquista das lutas travadas pelo movimento negro ao longo da história do Brasil contra a hegemonia de uma única história que contavam por eles e sobre eles. Lutas contra o silenciamento. Lutas contra estereótipos. Intervenção contra preconceitos. Lutas contra as diferenças de direitos e oportunidades em uma sociedade estruturalmente racista. Resistência quanto ao apagamento de seus feitos históricos anteriores ao período escravocrata e a riqueza de sua ancestralidade. Lutas por essas e outras violências simbólicas[40]. Sobre todas as conquistas na legislação educacional no Brasil de inclusão da história e cultura da África, Carine (2023) reitera que:

> A lei n. 10.639/2003 inclui na lei n. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) a obrigatoriedade do ensino de cultura e história africana e afro-brasileira em toda extensão curricular da educação básica. A lei n. 9.394 foi novamente alterada em 2008 pela lei n. 11.645/2008, que inclui na BNCC a história e a cultura indígenas. Todas são conquistas históricas dos movimentos negros e indígenas organizados; não se trata de concessões governamentais, mas sim de direitos adquiridos de maiorias minorizadas (Carine, 2023, p. 82).

No entanto, são respostas às iniciativas, às mobilizações protagonizadas pelos negros, militantes e/ou ativistas desse país por políticas educacionais mais justas e igualitárias, que promovessem uma reparação histórica e a equidade de oportunidades entre brancos e negros. A legislação educacional brasileira considera a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) como um marco histórico, simbolizando "simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira." (Brasil, 2013). A implementação da lei e a alteração da LDB também são definidas como um novo marco na educação brasileira por Cristina Teodoro, na afirmativa por iniciar uma perspectiva de visibilidade e do reconhecimento da população negra e de suas experiências (2023, p. 10).

[40] Conceito de Pierre Bourdieu, sociólogo francês, na descrição da perpetuação e imposição de determinados valores sociais, de uma cultura dominante.

No que tange à literatura infantil, um ponto de partida para a produção de literaturas afro-referenciadas, ou seja, narrativas que referenciam a história e a cultura africana, sobretudo por autores negros, empoderadores de suas próprias narrativas e acentralidade.

Sonia Rosa (2022) uma das autoras precursoras das obras de literatura infantil de representatividade negra no viés da afetividade, como ela mesma conceitua: negroafetiva, disserta sobre a consequência e possibilidades da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) para as novas gerações de meninas e meninos afrodescendentes, alunos e alunas negras deste país:

> A consequência disso foi o fortalecimento das identidades negras e o empoderamento da população negra através do conhecimento da sua trajetória histórica desde a travessia do Atlântico pelos seus ancestrais. O advento dessa lei deu ao alunado das escolas brasileiras a possibilidade do aprendizado sobre a luta da população negra e não só a dor; deixando de ser objetos de estudos para ser sujeito das suas próprias histórias (Rosa, 2022, p. 26).

Propondo, desta forma, uma quebra histórica de paradigma: de objeto de estudo (de ou sobre quem se falava) para sujeito, ou seja, narrador de sua própria história.

Em consonância com Rosa (2022), Adichie (2019) relata a partir de suas experiências pessoais sobre a importância de autores negros serem referenciados e lidos pelas crianças e/ou para as crianças. Adichie (2019) na sua obra "O perigo de uma história única" narra sua experiência de criança leitora com as histórias de autoria branca em contraposição com a descoberta da literatura negra e da possibilidade de representatividade, evidenciando a importância de muitas e todas as histórias serem contadas. Nesse primeiro trecho, descrevemos as possibilidades e as impossibilidades de uma história única: "Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertavam minha imaginação. Abriam mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim, podiam existir na literatura" (Adichie, 2019, p.8). Enquanto nesse segundo trecho, a expressão do sentimento que emergiu da representatividade: "O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isso: salvou-me de ter uma história única sobre o que são livros" (Adichie, 2019, p. 9). Dialogando com Adichie (2019), Taíse Ferreira (2021) em entrevista ao canal do SESC – Programa África no centro da arte e educação – argumenta que:

> Não existe esse contexto de uma única narrativa universal que se aplica a todos os povos, porque existem várias concepções. Aplicar a educação afrocêntrica não é dizer que não existem outras, que a sua é a melhor. Sem desmerecer nenhuma civilização a gente fala da nossa história, não partindo de um pedaço dela, como é o contexto da escravização, mas dizer que pessoas pretas existem há mais de 350 anos no mundo (Ferreira, 2021, n. p.).

Portanto, uma das maiores contribuições da Lei Federal nº 10. 639/03 (Brasil, 2023) para as próximas gerações de meninas e meninos afrodescendentes é se descobrir nos livros positivamente e descobrir que existe diversidade e representatividade nos enredos e ilustrações nos livros. Que há espaço de relevância para todas as histórias, culturas, saberes. Compreendo, como Carine (2003), que educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos. E, na perspectiva freiriana[41] de bell hooks, "A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar, que qualquer um pode aprender" (hooks, 2017, p. 25). Todos e todas, de forma inclusiva e diversa, respeitosa e amorosa, emancipatória de padrões hegemônicos. Na promoção de uma educação decolonial e afrocentrada nas palavras de Carine (2023) significa preocupar-se fundamentalmente enquanto educador em:

> [...] me formar e formar nossas crianças a partir de uma lógica de reforço positivo, por meio do que a nossa ancestralidade africana nos informa - que somos os primeiros humanos, os primeiros reis, as primeiras rainhas, pioneiros na química, na matemática, na medicina, na filosofia -, a perspectiva antirracista tem como eixo central a negação do que o ocidente fez de nós: eles dizem "suas vidas são desimportantes, nós retrucamos "vidas negras importam"; eles dizem que somos feios, burros, sem cultura, inicializados, e nós passamos a vida inteira tentando provar o contrário (Carine, 2023, p. 59).

A literatura infantil afrocentrada tem essa potência de revelar às crianças negras a beleza da sua pele "cor de chocolate", como define Adichie (2019, p. 8), do seu cabelo e da ancestralidade. O pioneirismo e a expertise de seu povo na ciência, nas tecnologias, nas edificações, na arte. De elevar a autoestima e de empoderar.

A Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) impactou o mercado editorial, abrindo espaço para o protagonismo de autores negros, promoveu uma demanda de literaturas para serem utilizadas sobretudo nas redes públicas de ensino, que atendessem seus pressupostos. Não que esse movimento tenha iniciado após a lei, mas ganhou força, evidência e expansão. Autores como Ana Maria Machado e Ziraldo foram precursores na década de 80, como já dissertado anteriormente, de obras de literatura infantil com a apresentação da criança negra como protagonista para o grande público. Entre os autores na década de 90, destaca-se Sônia Rosa e sua obra "O menino Nito" (1995), dando protagonismo a um menino negro, muito bonito, que vive confortavelmente com sua família. O que, segundo a Rosa (2022) contrariava o cenário editorial da década de 90, salvo exceções ao tratamento dado à criança negra, personagem da literatura infantil até então. Comumente, os negros eram ilustrados e descritos nas narrativas

[41] Inspirada no arcabouço teórico de Paulo Freire – Educação como prática de liberdade.

em condições inferiorizadas aos demais personagens, secundários e/ou serviçais, desprovidos de família e/ou cuidado familiar (descalças, sujos, despenteados), estigmatizados e vulneráveis socialmente.

Com a crescente demanda de literaturas que contassem sobre a história e cultura da África, surgiu no mercado editorial um novo nicho de autoria, sobretudo, negra. Rosa (2022) vê no surgimento de novas editoras e catálogos infantis a valorização e divulgação de autores como ela que privilegiavam em suas obras o protagonismo negro "Entre as décadas de 1980 e 1990 e início dos anos 2000, nasceram editoras com catálogos infantis voltados para a temática afro-brasileira e protagonismo negro. Entre elas, destaco as editoras Mazza e Pallas, de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, respectivamente" (Rosa, 2022, p. 18), considerando a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) um marco para o mercado editorial infantil afrorreferenciado.

Outros autores, de literatura infantojuvenil, relevantes e premiados das décadas de 80 e 90 merecem destaque no que tange a abordagem da história e cultura da África, dentre eles: Heloisa Pires Lima[42] autora de Histórias da Preta (1998), Rogério Andrade Barbosa[43] autor de Bichos da África, lendas e fábulas (1987) e Joel Rufino[44] dos Santos autor de A botija de ouro (1984).

A Lei Federal nº 10. 639/03 (Brasil, 2003) posteriormente atualizada para a Lei Federal n° 11.645/08 (Brasil, 2008), com a inclusão da cultura e história dos povos originários e/ou indígenas, apresentou novos desafios para os profissionais da educação, como também fez emergir a necessidade da apropriação dos conteúdos previstos na lei por educadores negros e não negros. Como os negros ao longo da história do Brasil foram representados nas literaturas

[42] Heloisa Pires Lima. Antropóloga e autora, especialista em personagens negros. Histórias da Preta (1998) e suas premiações: José Cabassa e Adolfo Aizen (1999). Fonte Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/272-helosa-pires-lima.

[43] Rogério Andrade Barbosa, Quando voluntário das Nações Unidas, residiu em Guiné-Bissau, trazendo de suas experiências com a cultura africana diversas histórias de tradição oral, sendo matéria-prima de suas obras literárias. Em 1987 publica pela editora Melhoramentos "Bichos da África, lendas e fábulas". Sendo um dos escritores de literatura infantil mais atuante no país. Premiações: Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil da Academia Brasileira de Letras pelo livro contos africanos para crianças brasileiras (2005). É membro da Society of Children's Book Writers and Ilustrators e presidiu a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de 1999 a 2003. Fonte: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/405-rogerio-andrade-barbosa.

[44] Joel Rufino dos Santos (1941–2015) Historiador, romancista e intelectual engajado na causa negra. Em 1979, Joel Rufino dos Santos foi agraciado com o Prêmio Jabuti, com o livro Uma estranha aventura em Talalai. No ano de 2000, venceu o Prêmio Orígenes Lessa na categoria "O Melhor para o Jovem", com Quando voltei, tive uma surpresa, pungente reunião de cartas escritas ao filho de oito anos quando ainda estava encarcerado pela ditadura. Em 2008, voltaria a ganhar o Jabuti, com O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta. E foi ainda indicado para a mais importante honraria da literatura infantojuvenil – o Prêmio Hans Christian Andersen –, nos anos de 2004, 2006 e 2014. Fonte: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/288-joel-rufino-dos-santos.

e nos livros didáticos, não podiam mais ser perpetuados para as novas gerações de crianças negras e não negras. A história dos negros não começa como escravizados, como dominados pelos colonizadores, segundo as concepções ideológicas dos vencedores. A história dos negros pressupõe pioneirismo e um riquíssimo arcabouço cultural da Mãe África, "berço da humanidade".

Níni Kemba Náyó (2023) em seu texto "Literatura infantojuvenil afrocêntrica e o cumprimento da lei 10639/03" que é parte integrante do livro "Práticas de leitura com a literatura negra lei 10639/03" organizado por Jocevaldo Santiago (2023) traz pertinentes a orientações para os educadores no uso das literaturas pretas no atendimento às exigências da lei. Elaborando perguntas e respostas na análise das literaturas para a infância que ajudam aos profissionais da educação na identificação de obras com estereótipos e que de alguma forma perpetuam preconceitos; ideologias do branqueamento e da democracia racial[45] e conduzem a escolhas de obras afrocêntricas, narrativas sobretudo de autores negros, empoderados de suas narrativas e ativistas das causas dos negros. Descolonizando olhares e propondo reflexões, abaixo, segundo a própria autora, um guia de perguntas geradoras aos educadores na análise das literaturas infantis que seus enredos/narrativas e ilustrações propõe-se afrocêntricas:

> Qual o lugar do africano como sujeito? (ativo ou passivo/central ou marginal?);
> Qual a localização psicológica do africano? (central ou marginal em relação a sua cultura?);
> Onde um conceito ou uma ideia africana entram no texto? (Observe eventos e fenômenos históricos. Ex. Noção de família, educação, relações sociais, políticas, etc. Se são apresentadas de acordo com a perspectiva africana);
> Qual a narrativa da história da África? (Observe se essa narrativa é carregada de estereótipos, universalismo, hegemonia etc.);
> Qual a narrativa sobre os elementos culturais africanos? (Observe se apresenta diversidade cultural; povos africanos/descendentes; construção de hábitos criados pelos africanos em todo o mundo; se apresenta os nomes desses elementos em línguas africanas) (Náyó, 2023, p 67).

Refletir sobre esse guia é de fundamental importância, já que como podem observar na curadoria literária e no produto digital desta dissertação, a oferta de literaturas com crianças negras ilustradas em suas capas é relevante. A curadoria de conteúdo de livros de representatividade negra alcançou a marca de quinhentos títulos dos mais diferentes autores; negros e não negros, mas nem toda obra que estampa a negritude atende plenamente ou sem qualquer distorção a história e cultura africana e afro-brasileira e está livre de estereótipos e ideologias hegemônicas. Taíse Ferreira (2021, n. p.) em entrevista ao canal do *YouTube* do

[45] Democracia racial "[…] defende que a sociedade brasileira não tem práticas racistas e que pessoas negras ou brancas têm as mesmas possibilidades de ascensão e sucesso social" (Cavalleiro, 2005, p. 99).

SESC Bahia alerta: “as pessoas pensam que ter um personagem preto em uma literatura é uma coisa que agrega e nem sempre é”.

O cumprimento da lei está posto para todos os profissionais da educação, para todos os professores da Educação Infantil, negros e não negros. A sala de aula é o espaço de atuação e o lugar de fala de todos aqueles educadores que não compactuam com práticas racistas e sua perpetuação na práxis, no discurso, no currículo e estão imbuídos de ser um agente de transformação social, na construção de uma sociedade antirracista. Nas palavras de Carine (2023), “bom mesmo seria que o racismo não existisse, pois isso implicaria na inutilidade/inexistência do antirracismo” (Carine, 2003. p. 9) e na realidade do racismo estrutural convoca com veemência em sua obra “Como ser um educador antirracista” a luta a todos os educadores negros e não negros “Você, professor, professora branco/a, não só pode como deve abordar as questões étnico-raciais na sala de aula. Você tem seu lugar de fala, e é um lugar precioso, considerando que está em uma condição de respeito e admiração diante da estudantada” (Carine, 2023, p. 64).

Com essa convocação, segue a luta dos profissionais da educação, negros e não negros buscando instrumentais teóricos, já que o aspecto da formação é importantíssimo para qualquer escola que se propõe antirracista (Carine, 2023). E sobre o aspecto formativo continuado dos educadores para que as propostas de atividades com a história e cultura da áfrica não se localizem em momentos específicos do calendário, de forma mais evidente no mês de novembro; quando se comemora no dia 20 o “Dia da Consciência Negra”, mas perpasse todo o currículo e o cotidiano escolar, Carine (2023) atribui à escola o compromisso de assumi-lo:

> Esse compromisso formativo continuado precisa ser assumido pela escola, seja formando internamente, seja contratando pessoas com expertise prática e teórica no campo. Infelizmente os cursos iniciais de formação de professores/as (pedagogias e licenciaturas) no Brasil não cumprem esse papel, mesmo depois de vinte anos da Lei 10.639/2003 (Carine, 2023, p. 78).

As lacunas nos cursos de formação de professores, segundo a afirmativa da autora, trazem embaraços ao cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003), cabendo às escolas se organizarem e irem ao encontro de parcerias de pesquisadores da temática antirracista, autores negros afrocêntricos; se reunirem em torno de publicações recentes que contribuam nas discussões sobre currículo na perspectiva da pluralidade cultural e antirracista, em debates e trocas de experiências e conhecimentos decoloniais.

Enquanto Ademilson de Souza Soares, Lisa Minelli Feital e Regina Lúcia Couto de Melo (2023) no artigo “Lutas antirracistas: a voz de meninas negras na Educação Infantil, parte

integrante do livro Infâncias negras. “Vivências e lutas por uma vida justa”, organizado por Nilma Lino Gomes e Marlene Araújo atrelam a formação docente antirracistas a promoção de políticas públicas voltadas para a formação profissional “As pesquisas indicam que as políticas públicas voltadas para a formação inicial e continuada das professoras da Educação Infantil em torno das relações étnico-raciais podem contribuir para a mudança das práticas e das propostas curriculares” (Teodoro, 2023, p. 158). O que é de fundamental importância considerando que a maioria dos alunos das instituições de ensino públicas são negros.

Políticas públicas caracterizam-se por ações governamentais na garantia de direitos e promoção de qualidade de vida e bem-estar da população. Ações governamentais de incentivo à formação continuada para educadores em uma perspectiva antirracista promoverão propostas curriculares, alinhados com os dispositivos legais. Evitando as problemáticas recorrentemente encontradas nas instituições escolares, sobretudo públicas, mencionadas por Nine Kemba Nayo (2021, n. p.) em entrevista no canal do *YouTube* do SESC, programa “África no centro da arte e educação”: “Os livros não chegam à escola ou às mãos dos educadores devido à burocracia e, quando chegam, não são utilizados adequadamente, por falta de formação profissional para utilizá-los com qualidade”. Apesar dos entraves, a Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) ao longo dos seus vinte e um anos promoveu significativas mudanças no mercado editorial para crianças com o intuito de produzir literaturas que coadunam com a abordagem da cultura e história da África; ecoou a autoria de vozes negras e potencializou educadores na perspectiva da construção de uma educação de uma sociedade antirracista, caminhando na compreensão da frase de Marcus Garvey e sua potência para o movimento negro “*O povo sem conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”.* Concluindo com duas pertinentes afirmativas de Níni Kemba Náyó (2021, n. p.) na entrevista já citada anteriormente ao canal do *YouTube* do SESC Bahia, priorizando o lugar de fala de uma educadora das infâncias e contadora de história negra; primeiro sobre a oferta e qualidade das literaturas “Hoje temos muitos escritores, muitas escritoras de qualidade, não temos mais desculpas para dizer que não temos. Temos livros de qualidade, muito para o que tínhamos antes” e sobre a efetivação da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) nas escolas e o uso da literatura afrocentrada nas propostas educativas afirmativas “Nós ainda não chegamos lá e não iremos chegar tão cedo, precisamos continuar lutando.” O caminho ainda é longo, mas se faz na caminhada.

4 PRELIMINAR DE PESQUISA

> Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.
>
> Paulo Freire

Etapas preliminares de uma pesquisa remetem à Resolução nº 510/2016 (artigo 2, item XII), do Conselho Nacional de Saúde, com vistas à compreensão de aspectos diversos inerentes ao tema de pesquisa, seus contornos e pertinência para os sujeitos e para a produção científica e/ou acadêmica (Brasil, 2016).

Caracteriza-se pela informalidade na abordagem dos sujeitos e na captação dos dados, dispensado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por ser uma etapa que antecede a pesquisa propriamente dita, não exigindo o armazenamento de dados dos entrevistados.

Interessante, antes de apresentar os dados da preliminar de pesquisa que foi aqui desenvolvida justificar sua relevância por suscitar caminhos para o desenho da pesquisa de forma que traga contribuições pertinentes para os docentes que atuam na Educação Infantil e para a promoção de uma educação antirracista. Valim e Maciel (2018) afirmam que tal resolução, em seu capítulo V, artigo 24.º, autoriza a realização de etapas preliminares ao campo, visando averiguação das condições necessárias à realização de uma pesquisa.

A preliminar de pesquisa aqui apresentada foi realizada junto a três professores da Educação Infantil que atuam em municípios distintos e que vivenciam realidades diferenciadas quanto às discussões; formações continuadas e ações pedagógicas intencionais na promoção da inclusão da história e cultura africana, conforme a Lei Federal nº 10.639/23 (Brasil, 2003) posteriormente atualizada para a Lei Federal nº 11645/08 (Brasil, 2008) que atribui caráter inclusivo e plural à educação brasileira. “A Lei 10639, de X janeiro de 2003, é um marco histórico. Ela simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira.” (Brasil, 2013).

A pesquisa preliminar ocorreu através da plataforma digital de mensagens *WhatsApp*, de novembro a dezembro de 2023. A escolha dos participantes se deu por conveniência: facilidade de comunicação, experiência acumulada em turmas de educação infantil e afinidade com o tema proposto.

Após uma explanação rápida sobre o projeto de pesquisa a ser desenvolvido com três educadores das infâncias, em uma conversa informal, suscitou três perguntas fundamentais para

a compreensão das percepções sobre o tema: Literatura infantil afro-brasileira. (1) As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil? (2) É relevante apresentar literaturas infantis com abordagem étnico-raciais para as crianças da Educação Infantil? (3) Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura afro-brasileira?

As conversas foram individuais, no modo privado do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. As participantes demonstraram interesse nas reflexões sobre a temática e as respostas às indagações foram respondidas em forma de mensagem de texto, algumas bem elaboradas, outras em poucas palavras e/ou com objetividade. Respostas espontâneas e informais. As professoras elaboraram os textos refletindo sobre suas experiências com a literatura afrocentrada e a inclusão das questões étnico-raciais no cotidiano da Educação Infantil; tendo em vista não só aplicabilidade da lei, mas a reparação histórica do apagamento e/ou silenciamento das contribuições dos negros na formação do povo brasileiro, como no arcabouço cultural afro-brasileiro.

A análise dos achados da pesquisa preliminar assume caráter qualitativo, observando as subjetividades das respostas dos sujeitos e descritivo, como sugere o nome, dedica-se a descrever características de uma determinada população ou fenômeno social. De acordo com Gil (2009), as pesquisas descritivas são aquelas que costumam realizar os pesquisadores sociais imbuídos com a atuação prática. Neste caso, a proposta é descrever a prática docente no que se refere à inclusão da história e cultura afro-brasileira na Educação Infantil, utilizando a literatura para a infância negra como recurso mediador.

4.1 Dados da primeira conversa

1 – As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?

R – Pouquíssimo.

2 – É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique:

R – Certamente. A criança precisa se identificar, se reconhecer e conhecer o outro para afastar o preconceito.

3 – Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.

R – Em 2009 a UMEI trabalhou as origens africanas, portuguesas e indígenas. Trabalhei uma lenda indígena, onde o livro era meu, a escola não tinha nenhuma obra. Trabalhei as religiões de matriz africana, onde fiz a pesquisa em casa e trabalhei o carnaval com um samba enredo da Vila Isabel: Zumbi. Trazendo Portugal, falamos de algumas lendas e o galo esqueci o nome dele. Durante um bom tempo, a escola não tinha acervo.

4.2 Dados da segunda conversa

1 – As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?

R – Ao observar um panorama sobre o protagonismo de crianças negras na literatura infantil, observo que, apesar dos avanços conquistados nessa área, ainda temos muito o que fazer para progredirmos nesse sentido. Mesmo que a oferta desse tipo de literatura seja maior hoje do que há alguns anos, ainda precisamos evoluir, apresentando de forma mais efetiva esse protagonismo para nossas crianças.

2 – É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique:

R – É de suma importância apresentar uma literatura com essa abordagem, para que desde a infância haja uma conscientização sobre racismo, valorizando a nossa cultura, nossa história e a formação do nosso povo.

3 – Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.

R – Sou professora de leitura, como não sou professora regente, ainda não desenvolvi nenhum projeto. Criei duas bonecas gigantes para as atividades de contação de história. Uma boneca branca e outra negra. A boneca negra chama-se Mariana. Observo que as crianças negras se identificam com ela. Gostam de tocá-la, de mexer em seus cabelos, se sentem representadas.

4.3 Dados da terceira conversa

1 – As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?

R – Sim. Temos disponíveis na UMEI títulos de literatura infantil que trazem crianças negras como protagonistas abordados por meio de projetos de interesse das crianças.

2 – É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique.

R – É imprescindível apresentar literaturas para a infância onde crianças negras têm o protagonismo nas narrativas. Diante da ausência de literaturas nessa perspectiva ao longo da educação e da falta de representatividade das crianças negras nas histórias lidas e contadas; ter hoje a possibilidade da criança se identificar e se reconhecer nas narrativas protagonizando histórias, oportuniza um caminho para uma educação antirracista, normatizando diferenças e valorizando os indivíduos enquanto pessoas diferentes de uma mesma espécie, a humana. Favorece também a elevação da autoestima, sobretudo nessa primeira fase da vida, sendo um momento intenso de aprendizagens e desenvolvimento cerebral que corroboram na formação da identidade dos novos sujeitos.

3 – Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.

R – Na UMEI que leciono, tivemos um projeto de trabalho com ênfase nas literaturas da autora Ruth Rocha. Dentre muitos títulos, desenvolvemos um trabalho com "O amigo do rei". A finalidade desse trabalho foi a de participar de um projeto de contação de história desenvolvido pela FME (Fundação Municipal de Educação de Niterói). Durante nossas rodinhas, essa história foi lida e servida de bate-papo e reflexões. Considerações e comentários foram trazidos para a roda de conversa desde a escravidão do negro à vida cotidiana atualmente. Uma de nossas crianças negras, que compunha o grupo de cinco anos, foi selecionada para realizar a contação dessa história e demonstrou muita alegria durante e depois da experiência vivida. Sua participação foi publicada no Facebook na página oficial do projeto e da UMEI, ganhou prêmio pela participação, tirou fotos e mais uma vez foi para a página oficial da UMEI. Demonstrou-se satisfeito com a valorização recebida, retribuindo com muitos sorrisos.

4.4 Achados

A preliminar de pesquisa permitiu o confronto com a realidade do campo e foi basilar para a modelagem de adequações ao projeto de pesquisa de perspectiva inclusiva e antirracista.

No Quadro 1, a seguir, os achados mais relevantes das conversas da preliminar de pesquisa.

Quadro 1 – Reflexões a respeito dos achados promovidos pelas preliminares de pesquisa realizadas

Achados de preliminar de pesquisa 1	**Achados de preliminar de pesquisa 2**	**Achados de preliminar de pesquisa 3**
• Revelou pouquíssimo conhecimento; • Mencionou ter desenvolvido um único trabalho, no ano de 2009, com a história e cultura da África e dos povos originários (indígenas); • Contudo, reconhece as literaturas infantis negras como um importante instrumental na construção de uma educação	• Considerou o crescimento de literaturas afro-brasileira, mas sinalizou a necessidade de se avançar no conhecimento das obras dedicadas às crianças pequenas; • Não desenvolveu nenhum trabalho com as literaturas afro-brasileiras, mas preocupou-se com a representatividade, confeccionando uma boneca negra em tamanho gigante para as contações de história e observou	• Afirmou a presença de literaturas infantis de representatividade negra na UMEI que trabalha; • Citou um trabalho realizado a partir de um projeto de leitura da Fundação Municipal de Educação (FME) com a literatura "O amigo do rei" de Ruth Rocha e o protagonismo de um aluno negro; • Reconhece as literaturas infantis

antirracista.	como afetou positivamente as crianças afrodescendentes; • Reconhece as literaturas infantis negras como um importante instrumental na construção de uma educação antirracista.	negras como um importante instrumental na construção de uma educação antirracista.

Fonte: Autoral (2024).

As conversas informais via *WhatsApp* com às três educadoras das infâncias agregaram apontamentos relevantes para a pesquisa bibliográfica, como também a necessidade de uma amostragem de entrevistas em profundidade, acrescentando as questões respondidas a princípio, mais uma pergunta específica; definindo um recorte e/ou delimitação para a dissertação e sobretudo, confirmou a pertinência do produto da pesquisa: um catálogo digital e interativo com obras de Educação Infantil com protagonismo negro, que objetiva ampliar o repertório das literaturas infantis afrocentradas nas salas de Educação Infantil se propondo ser objeto de pesquisa de autores negros e de propostas inspiradoras para os educadores das infâncias. Ribeiro (2019), dissertando sobre a importância de autores negros serem lidos, afirma:

> [...] que é sobre isso que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie alerta ao falar sobre o perigo de uma história única. O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram (Ribeiro, 2019, p. 24).

Tem-se assim que as literaturas para a infância afro-brasileira são um instrumental lúdico, criativo e belo na apresentação às novas gerações, da história e cultura dos povos africanos e de sua ancestralidade.

A partir de leitura e análise das conversas da preliminar de pesquisa aqui realizada evidenciaram-se os seguintes pontos: (1) para campo a metodologia ideal é a entrevista em profundidade; (2) conversas sugerem que professores, de modo geral, sentem dificuldade de selecionar literatura antirracista pertinente por conta própria (todavia, percebem a importância do tema); (3) percebeu-se a importância de questionar professores sobre o conhecimento das obras infantis afro-brasileiras (e se é reconhecidamente um instrumental na luta contra o racismo); (4) nota-se também a necessidade de questionar sobre "quais seriam as dificuldades e/ou desafios para se trabalhar com as literaturas negras"?

5 CAMPO

> Acreditou por muito tempo que muitas coisas eram impossíveis. Hoje, acredita no contrário, e, por meio das histórias que conta, prova que tudo é possível.
>
> Emicida

Na inserção ao campo, adotou-se a entrevista em profundidade. Propondo às educadoras das infâncias contar suas histórias e/ou experiências; articulando teoria e prática na educação para relações étnico-raciais. Segundo a análise da preliminar de pesquisa, as conversas informais via *WhatsApp* com as três educadoras das infâncias sinalizaram a necessidade de uma amostragem de entrevistas em profundidade; acrescentando as questões respondidas a princípio, mais uma pergunta específica, definindo um recorte e/ou delimitação para a pesquisa, buscando de forma mais assertiva, respostas para o problema de pesquisa: "Quais as dificuldades e/ou desafios para se trabalhar com as literaturas infantis afro-brasileiras? Conforme Gil (2008):

> A entrevista em profundidade é uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. É uma forma de interação social e de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação e é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos de pesquisa (Gil, 2008, p. 109).

Para isso, foram entrevistadas oito educadoras das infâncias de uma UMEI (Unidade de Educação Infantil) do município de Niterói, de horário integral (funcionamento das 8h às 17h), nos primeiros meses do ano letivo de 2024.

As oito professoras responderam discursivamente, via *WhatsApp* em modo privado, as quatro perguntas; às três primeiras já utilizadas na preliminar de pesquisa, somadas à quarta de caráter mais específico, buscando respostas ao problema de pesquisa, como apresenta o Quadro 2.

Quadro 2 – Perguntas elaboradas para a pesquisa em profundidade

Pergunta 1	As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?
Pergunta 2	É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique.

Pergunta 3	Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.
Pergunta 4	Quais as dificuldades e/ou desafios para se trabalhar com as literaturas infantis afro-brasileiras?

Fonte: Autoral (2024).

A escolha das entrevistadas seguiu o mesmo critério da pesquisa preliminar, ou seja, por conveniência: facilidade de comunicação, experiência profissional acumulada e afinidade com a discussão proposta.

Todas as professoras envolvidas na entrevista em profundidade atuam em uma unidade de Educação Infantil do município de Niterói (UMEI).

Com o intuito de preservar a identidade das educadoras, seus nomes foram substituídos por letras do alfabeto de A a H, em obediência à ética na pesquisa científica. O Quadro 3 apresenta as educadoras entrevistadas quanto à formação acadêmica, tempo de regência na Educação Infantil, como autodeclaração étnico-racial. A autodeclaração se justifica para a reflexão do quanto está imbricado nessa discussão a cor/raça das educadoras nas propostas educativas com literatura infantil de representatividade negra.

Quadro 3 – Apresentação das educadoras entrevistadas

Entrevistada	**Formação Acadêmica**	**Tempo de regência na Educação Infantil**	**Autodeclaração étnico-racial**
A	Graduação em Ciências Físicas e Biológicas. Especialização em mídias na educação e em planejamento, implementação e gestão do ensino à distância. Mestranda.	Treze anos	Branca
B	Graduação em Pedagogia. Pós-graduação em Psicomotricidade.	Dezoito anos	Branca
C	Pedagogia. Especialização em alfabetização de crianças das classes populares pela UFF. Alfabetização: Leitura e escrita pela UERJ.	Doze anos	Parda
D	Letras/Literatura. Pós-graduação em gêneros textuais e interação. Mídias na educação. Mestranda.	Treze anos	Preta
E	Graduação em Psicologia. Especialização em Psicomotricidade. Especialização em educação especial: altas habilidades/superdotação.	Treze anos	Preta
F	Formação de Professores. Superior Incompleto.	Quinze anos	Preta
G	Pedagogia. Mestranda.	Cinco anos	Parda

H	Pedagogia. Mestranda.	Vinte e cinco anos	Parda

Fonte: Autoral (2024).

A seguir serão apresentadas, nos Quadros 4, 5, 6 e 7, as respostas das professoras a cada pergunta. Textos estão reproduzidos na íntegra.

1 – As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?

Quadro 4 – Respostas à pergunta 1

Professora A	Sim. Mas não há muito tempo. E ainda de maneira tímida em comparação às demais ofertas.
Professora B	Raramente. Infelizmente, ainda são poucas obras que realmente trazem esse protagonismo. Além disso, soma-se o fato de ainda existir, mesmo que veladamente, muito preconceito por parte de alguns profissionais e por muitas famílias; também existe o preconceito estrutural, já enraizado em nossa sociedade e com isso está presente em nossas crianças, dificultando o uso de tais obras.
Professora C	De uma forma reduzida, muito insuficiente.
Professora D	Não, a literatura étnico-racial não é de fácil acesso nas escolas, principalmente quando não há clareza dos gestores sobre a importância dessa literatura para as crianças da Educação Infantil.
Professora E	Nem sempre, embora a realidade da UMEI favoreça esse contexto, com acervo e material pedagógico.
Professora F	A literatura com protagonismo negro é muito recente. Não tínhamos muitas opções de livros, e essas obras estão chegando gradualmente para nós. Por isso, considero que estamos gradualmente incluídos no nosso cotidiano.
Professora G	Sim. Estão disponíveis, mas são pouco utilizadas.
Professora H	Estou observando um movimento se iniciando atualmente nas escolas na busca por essas literaturas para as crianças no intuito de valorizar a cultura afro e trabalhar com as crianças sobre preconceito em relação aos povos oriundos da África.

Fonte: Autoral (2024).

2 – É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique:

Quadro 5 – Respostas à pergunta 2

Professora A	Sim, por remeter às origens do povo brasileiro, atende-se às leis, além de enaltecer as contribuições desses povos, os quais representam grande parte das nossas crianças.
Professora B	Sim, para que todas se reconheçam. Muitas crianças têm dificuldade em se reconhecer, se autodeclarar como parda ou preta justamente por não encontrar modelos em que possam se inspirar, isso quando as famílias também não se reconhecem.
Professora C	Sim! É de suma importância apresentar a literatura com a abordagem étnico-racial porque as crianças, nosso público-alvo, são, na sua maioria, crianças negras que não se veem representadas nas histórias infantis que permeiam a Educação Infantil. Trazer essa literatura para o cotidiano da Educação Infantil traz para esse espaço/tempo a democratização do ensino e a valorização das diferenças, diminuindo assim, as desigualdades também presentes nesse espaço.
Professora D	É importante, sim, usar a literatura étnico-racial, pois as crianças se reconhecem e sintam-se pertencentes àquele ambiente.
Professora E	Com certeza, por uma questão de representatividade.
Professora F	Muito relevante. Somos um povo de maioria negra e precisamos trazer identificação e pertencimento a nossas crianças. A literatura é um caminho excelente para isso.
Professora G	Sim. Este assunto é de extrema importância, principalmente se tratando da Educação Infantil, que absorve os conhecimentos de forma genuína.
Professora H	Sim, no entanto, não me sinto preparada para abordar o assunto. Pois, o assunto é mais profundo. A história pode ser o pontapé inicial para levar às mudanças de atitudes com seus colegas. No entanto, não é contar por apenas contar uma história. O professor deve ter consciência que ao contar a história, deve-se ter uma intencionalidade para que, realmente, esse trabalho flua de maneira que haja reflexão pelos alunos e mudanças de atitude. Acredito que o professor deve estar preparado para lidar com os desafios que irão surgir no cotidiano escolar.

Fonte: Autoral (2024).

3 – Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.

Quadro 6 – Respostas à pergunta 3

Professora A	"Sim. Atividades a partir de livros de literatura infantil e música, mas não chegaram a ser um projeto e/ou sequência didática. A maioria das crianças é negra, mas não se reconhece desta forma. Os responsáveis possuem grande influência sobre essa percepção, assim como, questões relacionadas aos cabelos crespos e à religião. Tais materiais utilizados permitiram conversas potentes sobre traços característicos e tão comuns entre as pessoas. Toda a riqueza imaterial ofertada. É muito bonito ver a transformação de algumas crianças para melhor aceitação de sua ancestralidade e sentir-se orgulhoso. Mas, se faz necessário debate e estudos com toda a comunidade escolar".
Professora B	"Sim, por mais de uma vez. A primeira foi quando eu e minha antiga parceira de trabalho tínhamos uma aluna que não se reconhecia como preta e também usava figuras de pessoas brancas para representar sua família, que também era preta. Procuramos livros e revistas que trouxessem crianças pretas para a turma perceber as diferenças étnico-raciais e aproveitamos também para trazer obras que tratassem e desse destaque à cultura africana. Em outro momento, com minha atual parceira de trabalho, vimos a necessidade de trazer obras com crianças pretas, pois, percebemos que algumas meninas da sala não aceitavam seus cabelos e diziam que os mesmos eram "ruins" e não eram bonitos. Juntos, conhecemos as histórias do Emicida e de outros autores que enaltecem a beleza afro-brasileira".
Professora C	"Sim, algumas vezes trabalhei com a literatura afro-brasileira. Na maioria das vezes, a sequência didática ou o projeto surgia de uma demanda das crianças, suas colocações e questionamentos. Tenho algumas experiências muito interessantes, mas destaco uma situação que vivi no ISERJ". "Eu estava como estagiária do PIBID em sala do segundo ano. O professor lia uma história e modificava as características (brancas) da personagem principal, por características (negras) que era uma princesa, porque não havia disponível na escola, histórias de princesas negras. Na sala, a maioria das meninas era negra e eu me lembro da alegria das meninas em se verem representadas nas histórias. Ele contava as histórias originais, mas usava imagens de princesas negras em contextos africanos. E como esse movimento de enaltecer essa representatividade modificou o processo de ensino-aprendizagem, trazendo mudanças significativas no processo de alfabetização dessa turma. Fiz um pôster na semana da educação na Unirio para compartilhar essa experiência".
Professora D	"Já desenvolvi sequência didática com literatura étnico-racial, mas mesmo apresentando personagens negros, não chamou tanta atenção quanto um livro em específico em que falava sobre a igualdade dos traços físicos do povo africano e o povo brasileiro. Esse livro foi contado despretensiosamente na turma e teve uma aceitação gigantesca!!! A alegria em se identificar/reconhecer com a personagem foi impressionante".

Professora E	"De maneira forma rotineira, esse ano li, "Com que penteado eu vou", o aniversário de um avô negro centenário e como presente de aniversário a presença dos netos com cabelos diferentes. As crianças gostaram".
Professora F	"Em várias vezes. A que mais me marcou não foi na Educação Infantil, mas no quinto ano do fundamental. Era uma sequência didática sobre uma dinastia de mulheres negras, matriarcais, que rendeu vários desdobramentos e uma aprendizagem significativa, porque despertou interesse e pertencimento às crianças. Em tempo: os conteúdos trabalhados nessa SD citada não eram as matriarcas negras".
Professora G	"Sim. Participei de um projeto instituinte apresentado na FME "Contando a gente brinca, brincando a gente aprende" onde utilizamos diferentes literaturas, brincadeiras, atividades artísticas sobre o tema da educação antirracista. Foi incrível".
Professora H	"Não desenvolvi nenhum Projeto, mas já contei histórias para meus alunos em que falava da origem do povo Afro: Menina bonita do Laço de fita. Mas, por imaturidade é falta de preparação, hoje vejo que a intenção de que trabalhei o livro e como trabalhei o livro, não tinha como foco o assunto que tinha maior importância no relato da história. Muitos trabalham este livro no período da Páscoa porque tem coelhos quando, na verdade, ele pode até ser trabalhado em qualquer data do ano, mas precisamos estar atentos o que o livro está trazendo muitas vezes de forma explícita; mas que não estamos a enxergá-lo por falta de experiência, formação, reflexão, compromisso ou até mesmo preconceito por nossa parte."

Fonte: Autoral (2024).

4 – Quais as dificuldades e/ou desafios para se trabalhar com as literaturas infantis afro-brasileiras?

Quadro 7 – Respostas à pergunta 4

Professora A	"Pouco acervo na unidade e falta de tempo para o professor conhecer todos os materiais didáticos disponíveis e preparar propostas com intuito pedagógico. Falta de formação continuada em serviço para aprender mais sobre a lei e sobre o uso dessas literaturas. Dinâmica escolar muitas vezes "impostas" com demandas extras da sala de aula. Passeios, apresentações… um currículo engessado e tradicional, muitas vezes baseado em datas comemorativas".
Professora B	"Professora B, mesmo com a oferta desse tipo de literatura tendo aumentado, ainda existe uma oferta muito menor do que das demais literaturas, o próprio PNLD não oferta tantos livros com essa temática/abordagem. Outra dificuldade é a resistência de muitas crianças a esse tipo de literatura, muitas vezes por influência familiar ou até mesmo por não se reconhecerem como pessoas pretas".

Professora C	"Uma das dificuldades é a falta de acervo dessa literatura disponível (…) A necessidade de desconstruir um modelo (branco) tido como padrão… Muitas literaturas apenas modificaram a cor dos personagens, seus enredos continuam brancos e europeus".
Professora D	"É Geralmente a falta de variedade de materiais disponíveis".
Professora E	"No meu caso, não vejo dificuldade porque trabalho por uma questão de identidade mesmo. A escola tem acervo, mas também se não tivesse, iria atrás por questão de identidade. É uma questão de interesse. Como para mim é uma identidade, eu tenho interesse de estar sempre trabalhando alguma literatura que remeta a pessoas afrodescendente, as pessoas negras".
Professora F	"A quantidade de obras disponíveis".
Professora G	"As dificuldades começam quando não encontramos uma ampla oferta dessa literatura para acessarmos. Temos que pesquisar bastante, e mesmo assim, encontramos poucas histórias que falem a respeito. Essa, na minha opinião, é a maior dificuldade encontrada".
Professora H	"A primeira dificuldade é vencer o preconceito em relação à religião afro e aprender a respeitar o crédulo de cada um. Cada pessoa tem o direito de escolher o que quer seguir. Acho que o primeiro ponto de partida é se despir de qualquer preconceito em relação a essa cultura. Outra dificuldade é a questão das crianças e das famílias não se verem como pretas e acharem que ser preto é algo ruim. E o medo dessas histórias não serem aceitas por essas famílias e o surgimento de questionamentos que levem para o lado negativo. Não recebemos capacitação para trabalhar com esse tipo de literatura, que é complexa porque mexe com toda uma história de vida e sociedade. São histórias que não são apenas para serem contadas por serem contadas. Não dá para contar uma história dessas apenas por contar em busca de prazer, como os contos de fada".

Fonte: Autoral (2024).

Na próxima sessão da dissertação, são apresentadas as reflexões sobre os dados coletados e seus resultados.

6 ANÁLISE DE DADOS

> Se eu tivesse um legado seria a discussão na pesquisa em educação da questão racial.
>
> Petronilha Gonçalves

As reflexões propostas pelas professoras foram analisadas a partir de categorias definidas à priori – que remetem às quatro perguntas realizadas.

A análise de uma pesquisa qualitativa busca a compreensão profunda e a interpretação dos significados, experiências e perspectivas, abrigando subjetividades dos sujeitos. As respostas das educadoras às quatro perguntas da entrevista em profundidade revelam experiências, conhecimentos, críticas, subjetividades. As respostas foram analisadas à luz do marco teórico desta dissertação, seguindo a técnica de análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2016). Segundo a autora, a análise de conteúdo pode ser assim definida:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Isso posto, a seguir, estão analisadas as respostas das educadoras – articulando as contribuições para a discussão sobre as relações étnico-raciais na literatura infantil dos autores referenciados no marco teórico.

Categoria 1: As produções de literatura para a infância com protagonismo de crianças negras estão presentes no cotidiano da Educação Infantil?

Na primeira pergunta da entrevista em profundidade, as oito educadoras responderam sobre a presença da literatura infantil afrocentrada[46] no cotidiano da Educação Infantil. Aquelas que afirmaram sobre a presença da literatura infantil afrocentrada acrescentaram a afirmativa algum comentário sobre de que maneira observam essa presença no cotidiano da unidade escolar; tecem críticas ao acesso às obras e a pouca variedade de títulos, o pouco uso nas rodas de leitura e projetos de trabalho, sinalizam e concordam sobre ser algo recente, embora a Lei Federal nº 10.639/03 (2003) vigore há vinte e um anos. A presença das literaturas infantis na

[46] Afrocentrada centralidade do conhecimento no sujeito africano e esse sujeito como agente ativo da sua própria história. Nini Kemba Náyó, p. 64.

unidade de Educação Infantil de representabilidade negra parece intimamente ligada à necessidade do atendimento das exigências da lei de inclusão da história e cultura da África nas propostas de aprendizagens. Sobre a inserção das discussões sobre a literatura infantil com representatividade negra na educação, Mata considera que:

> É na infância que o sujeito aprende a respeitar as diferenças e valorizar a diversidade sociocultural. Depois da promulgação da lei 10.639 a escola se viu obrigada a pensar sobre uma reeducação das relações étnico-raciais entre as crianças, até então a discussão não estava contemplada no currículo, as incursões existentes eram de caráter voluntário, de acordo com a compreensão e sensibilidade do professor para com a discussão do tema (Mata, 2015, p. 71).

A afirmativa seguida por críticas é explicitada na resposta da professora, A "Sim. Mas não há muito tempo. E ainda de maneira tímida em comparação às demais ofertas".

As demais literaturas a que a educadora A se refere são aquelas consideradas "clássicas" no ambiente da literatura infantil. Versões, traduções, adaptações, recontos de autores europeus, como os irmãos Grimm[47] (Jacob e Wilhelm), dentre os títulos mais conhecidos estão: "Chapeuzinho Vermelho", "A bela adormecida", "A gata-borralheira", "Branca de Neve" e "Os sete anões", "Rapunzel", "Os músicos de Bremen", "A pastora de gansos" e "João e Maria". A crítica reside na proporção, presença e uso das literaturas eurocêntricas[48] em comparação às afrocentradas.

A professora B e D pontua a questão do preconceito estrutural, que cria resistências à inserção de obras de representatividade negras no cotidiano da Educação Infantil. Preconceito em toda trama da comunidade escolar: professores, gestores, pais e crianças. Em seu livro racismo estrutural, Silvio Almeida (2019) considera que: "o racismo é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável" (Almeida, 2019, p. 12).

A educação antirracista desta forma precisa sair dos muros da escola, convidando a comunidade escolar para a discussão étnico-racial com propostas de atividades que valorizem a cultura africana e afro-brasileira e eleve a autoestima das crianças negras e desconstruam preconceitos e/ou estereótipos das crianças brancas, ou não negras. E a literatura infantil negra sugere caminhos. Niní Kemba Náyò (2023)[49] considera as literaturas infantis afrocentradas

[47] Irmãos Grimm – responsáveis por registrar histórias que, por muito tempo, ficaram restritas à tradição oral (final do século XVIII).
[48] Eurocêntricas – centradas na cultura, história e saberes acumulados na Europa. Padrão europeu.
[49] Aline de Jesus Silva: literaafroinfantil@gmail.com.

como valiosos instrumentos pedagógicos na construção da identidade racial e autoestima de crianças pretas.

A análise atenta dos textos produzidos pelas professoras preocupa-se mais do que afirmar ou negar sobre a presença das literaturas; mas de pontuar que estar presente no acervo das escolas não significa estar presente nas propostas de aprendizagens nas salas de aula, nas rodas de leitura e nas escolhas das crianças. Como também ser um movimento recente ou inicial de compreender seus usos e relevâncias na construção de uma educação mais diversa, plural, inclusiva, que respeite a história e cultura africana e afro-brasileira e eleve a autoestima das crianças negras na Educação Infantil. Bárbara Carine (2023) sublinha em sua obra "Como ser uma educadora antirracista" que a abordagem das relações étnico-raciais é obrigatória, conforme a legislação educacional vigente, em todo percurso formativo educacional formal no país, desde o grupo IV, crianças de quatro anos. Entretanto, a partir da idade obrigatória de inserção na Educação Infantil.

A seguir, no Quadro 8, tem-se a síntese das respostas das oito educadoras da Educação Infantil à pergunta número 1: A literatura infantil afro-brasileira está presente no cotidiano da Educação Infantil?

Quadro 8 – Síntese das respostas à pergunta 1

Entrevistadas	Literaturas afro-brasileiras
A	Sim (timidamente).
B	Raramente.
C	Insuficiente.
D	Difícil acesso.
E	Nem sempre.
F	Aos poucos.
G	Sim (pouco utilizadas).
H	Movimento recente.

Fonte: Autoral (2024).

O problema de pesquisa dessa dissertação, diante das afirmativas das docentes, a categoria 1 reitera a pertinência da investigação sobre quais seriam os motivos que impedem ou dificultam propostas de atividades pedagógicas mediadas, ou inspiradas por literaturas com representatividade negra.

Categoria 2: É relevante apresentar literatura com abordagem étnico-racial para as crianças da Educação Infantil? Justifique.

A segunda pergunta objetivava investigar se as educadoras julgavam relevante a inserção da literatura afro-brasileira na Educação Infantil e quais seriam os motivos apontados por cada uma delas.

Todas concordaram que sim: É relevante apresentar literaturas de representatividade negra para crianças pequenas. A professora F deu ênfase à sua resposta, afirmando ser "muito importante".

O Quadro 9, a seguir, apresenta a afirmativa das entrevistadas sobre a relevância das obras de literatura infantil afro-brasileira e os principais motivos para a inserção nas práticas educativas da Educação Infantil.

Quadro 9 – Síntese das respostas à pergunta 2

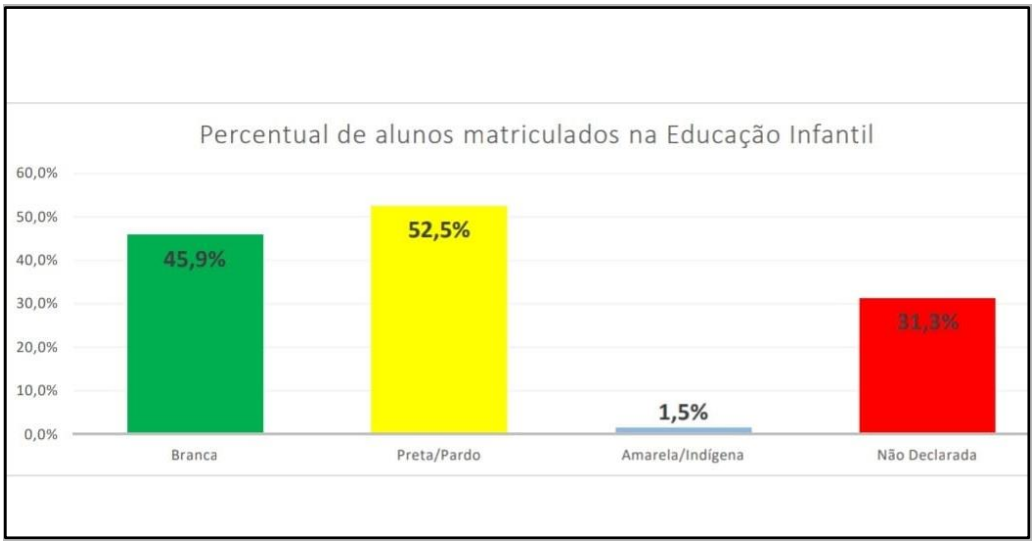
Entrevistadas	Motivos
A	Sim. Remete às origens do povo brasileiro, atende as leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08.
B	Sim. Reconhecimento (autodeclaração racial).
C	Sim. Democratização do ensino/valorização das diferenças étnico-raciais.
D	Sim. Pertencimento.
E	Sim. Representatividade.
F	Sim. Identidade.
G	Sim. Absorção de (novos) conhecimentos.
H	Sim. Reflexão-intencionalidade-mudança de atitude.

Fonte: Autoral (2024).

A professora A ainda apresenta como argumento o enaltecimento das contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na história e cultura do povo brasileiro; e chama atenção sobre as crianças pardas e pretas (negras) somarem o maior número de matrículas nas unidades públicas de ensino da Educação Infantil e a importância das práticas pedagógicas representá-las.

Segundo dados do Inep (2022), 45.9% das crianças matriculadas em pré-escolas no país são declaradas brancas; 52.5% são declaradas pretas e pardas; 1,5% são declaradas amarela/indígena e 31.3% não declaram raça/cor de pele, como ilustrado, a seguir, no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Autodeclaração étnico-racial de crianças ao se matricularem na Educação Infantil.



Fonte: INEP.

Os resultados do Inep sugerem reflexões importantes no que tange a não declaração racial das crianças pequenas no ato da matrícula escolar (31.3%). Discussão presente na resposta da entrevista B, a falta de reconhecimento da raça/cor, da história, cultura e memória do povo africano, a falta de referências positivas, sobretudo devido ao racismo estrutural, famílias se omitem ou declaram suas crianças negras e pardas como brancas. A professora B destaca a importância da literatura infantil afrocentrada nesse processo de reconhecimento, apresentando para as crianças pequenos personagens negros como modelos inspiradores.

A história Amor de Cabelo de Mathew A. Cherry (2020), inspirado no filme vencedor do Oscar de melhor curta de animação Hair Love é um exemplo de como a literatura infantil pode afetar as crianças pequenas no reconhecimento da beleza dos seus fios, cachos e penteados. Como não se inspirar com falas como essa da personagem Zuri “Amo porque meu cabelo faz ser quem eu sou!”

A professora C reafirma a importância da inclusão da diversidade no currículo, no atendimento às diferenças e na democratização do ensino. A construção de pertencimento e representatividade estão presentes no discurso das professoras D e E.

A professora F também reflete sobre a maioria da população brasileira ser e/ou se declarar preta e parda, sendo muito relevante a representatividade e aponta a literatura infantil como um excelente caminho para isso.

Enquanto a professora G considera os processos mentais, a capacidade da criança pequena construir novos conhecimentos é uma ótima oportunidade de se quebrar paradigmas,

aguçar um novo olhar e apontar caminhos para uma educação antirracista e uma sociedade crítica aos preconceitos de raça/cor.

Finalmente, a professora H faz um desabafo sobre o sentimento de despreparo, devido às dificuldades de abordagem das literaturas antirracistas, observada a profundidade e embates das discussões que surjam nas interações com as crianças e responsáveis. Considera as literaturas infantis afrocentrados o pontapé para o trabalho antirracista na Educação Infantil, mas que são necessárias muitas outras ações. Dentre essas ações, em sua fala, sugere aprofundamento das educadoras das infâncias nas discussões sobre racismo, racismo estrutural e ações antirracistas no currículo da Educação Infantil. Sobre o aspecto da formação docente, todo professor (a), toda escola que propõe antirracista precisa ter esse compromisso formativo. Carine (2023) considera que infelizmente os cursos iniciais de formação de professores/as (pedagogias e licenciaturas) no Brasil não cumprem esse papel, mesmo após vinte anos da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003).

O processo de construção de processos formativos, educativos que quebram paradigmas, que lancem luz sobre questões que por séculos ficaram na penumbra; exige pesquisa, discussão e formação continuada com os pares e principalmente com aqueles que avançaram na compreensão desse debate e tem experiências bem-sucedidas na promoção da educação antirracista.

Finalmente, como observado, a maioria das entrevistadas em algum momento da sua contribuição atrela a relevância das obras com protagonismo negro ao percentual de alunos negros matriculados nas unidades de Educação Infantil, sobretudo públicas. Como afirma a professora, “Uma questão de representatividade!”.

Categoria 3: Já desenvolveu algum projeto de trabalho ou sequência didática (planejamento) com literatura infantil afro-brasileira? Compartilhe um pouco da sua experiência e as impressões das crianças.

A terceira pergunta da entrevista em profundidade investigava sobre o desenvolvimento de projetos pedagógicos e sequência didática na perspectiva inclusiva e representatividade negra, como solicitava o compartilhamento das experiências e impressões das crianças.

Somente uma das entrevistadas diz não ter realizado propostas pedagógicas na perspectiva antirracista. Mencionou o trabalho com a literatura de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” (1892) que ilustra como protagonista uma menina negra, no período da páscoa; mas reconhece que a intencionalidade pedagógica estava no protagonismo

do coelho branco, personagem vinculado aos símbolos da Páscoa, devido à época a falta de reflexões sobre a literatura infantil e representatividade negra.

"Menina bonita do laço de fita" é uma obra de 1986. Encontra-se desatualizada frente às recentes discussões e produções acadêmicas e literárias sobre representatividade, ancestralidade e identidade da criança negra, afro-brasileira. De lá para cá, muitos autores negros escreveram sobre suas origens, sobre as suas próprias narrativas. Segundo autores negros e influenciadores como Carol Adesewa, que administra a página no *Instagram* @afroinfância a obra "Menina bonita do laço de fita" é problemática em diversos aspectos, mas é possível destacar o desconhecimento da menina negra da sua ancestralidade, das suas origens raciais. O coelho lhe pergunta a todo momento: "Menina bonita do laço de fita qual é o seu segredo pra ser tão pretinha?" (Machado, 1986, p. 8).

A menina inventava as respostas das mais diversas, criativas e fantasiosas para explicar o motivo da sua cor, mas, na verdade; ela não sabia e por fim quando nenhuma das invenções da menina satisfazia a curiosidade do coelho, nem o ajudaria a ficar pretinho como ela, recorre a sua mãe para descobrir qual era o segredo da pele pretinha. A mãe, referida ainda como uma mulher "mulata"[50], lhe mostra a fotografia da sua avó, dizendo à menina que nos parecemos com nossos familiares.

Uma educação que se propõe antirracista apresenta protagonistas negros nas literaturas para a infância, conhecedores e orgulhosos das suas origens, da sua história, cultura, da trajetória de construção de saberes, lutas e conquistas. Empoderados de suas próprias narrativas em produções atuais e de autores expoentes nas discussões étnico-raciais.

No entanto, das oito entrevistadas, sete afirmam já ter desenvolvido algum trabalho com a literatura para a infância com protagonismo negro, como sintetizado no Quadro 10.

Quadro 10 – Síntese das respostas à pergunta 3

Entrevistadas	Trabalho Desenvolvido/Recursos Didáticos
A	Sim. Literatura infantil afro-brasileira e música.
B	Sim. Literatura infantil afro-brasileira e revistas.
C	Sim. Literatura infantil afro-brasileira.
D	Sim. Sequência didática e literatura infantil afro-brasileira.
E	Sim. Literatura infantil afro-brasileira.
F	Sim. Sequência didática.
G	Sim. Literaturas infantil afro-brasileira, brincadeiras e atividade artísticas antirracistas.
H	Não.

Fonte: Autoral (2024).

[50] Mulata – palavra que independente da sua origem, passou a ser associada ao racismo. Impregnada de sentido pejorativo, seja para diferenciar os negros pela gradação da cor da pele ou ainda pela hipersexualização das mulheres negras.

As impressões das crianças a partir do trabalho com a literatura negra merece destaque nas contribuições das educadoras. A educadora registra a beleza da transformação de algumas crianças quando se percebem representadas nas literaturas negras. Como os textos e as ilustrações potencializam conversas e debates antirracistas, de valorização da beleza afro-brasileira. Como a aceitação da ancestralidade e o orgulho de ser negro.

A professora B relata que a abordagem antirracista em suas práticas pedagógicas emerge da observação de crianças que não se reconhecem pretas ou desejam ser brancas, ou não negras. Menciona o uso de literatura do autor Emicida[51] Amoras (2021), e a poesia que surge de uma interação afetiva entre pai e filha, uma música, um rap, que enaltece a beleza da pele pretinha, comparando a cor da menina com a cor da amora mais docinha:

> Entre amoras e a pequenina, eu digo as pretinhas são o melhor que há.
> Doces as minhas favoritas brilham no pomar e eu noto logo se alegrar os olhos da menina…
> Papai que bom, porque eu sou pretinha também (Emicida, 2021, n. p.).

Da resposta da professora C também surge a demanda das crianças, diante de suas colocações e questionamentos. Crianças observam as características físicas, mais especificamente tipo de cabelo e de cor, desde muito cedo e de forma mais aguçada, as afrodescendentes.

No prefácio do livro Infância negras, vivências e lutas por uma infância justa (2023), Cristina Teodoro afirma:

> Entre 3 e 5 anos a criança já percebe a diferença racial e, ao percebê-la, interpreta e hierarquiza como superior e inferior e, ainda, é nessa etapa que as mesmas desejam mudar de tipo de cabelo e a cor da pele; assim, a criança negra parece mais agudamente atenta à diferença racial do que a branca (Teodoro, 2023, p. 11).

Não é por acaso que os questionamentos e dificuldades acerca de aceitação e autoestima das crianças negras são recorrentes e desencadeiam ações intencionais e afirmativas nas salas de aula de profissionais engajados na promoção da educação antirracista. A professora C também acrescenta à discussão a adaptação ou substituição de personagens brancos por negros em histórias já conhecidas pelas crianças. Relata que o trabalho se desenvolveu desta forma por falta de histórias de princesas negras na escola que realizava um estágio. Além da cor das

[51] Ilustrações Aldo Fabrini.

personagens, o professor regente ambientou as histórias na cultura do continente africano. Ainda relata que a maioria das alunas era negra e o impacto positivo na autoestima e avanços significativos no processo ensino-aprendizagem. Atualmente há disponível uma grande variedade de histórias de princesas negras, ensinando as meninas negras que na ficção e na história da África existiram e existem princesas, lindas, empoderadas, inteligentes; com contribuições muito relevantes, como Omo-Oba histórias de princesas de Kiuman de Oliveira ou Princesas negras de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza.

A história "O pequeno príncipe preto" de Rodrigo França (2020)[52] é um ótimo exemplo de uma adaptação ambientada nos cenários e cultura africana, imersa na filosofia do Ubuntu[53] e na valorização dos traços característicos dos negros com poesia, delicadeza e extrema beleza, como no trecho destacado abaixo:

> Eu sou negro! Um pouco mais claro qua alguns negros e um pouco mais escuro do que outros. É como o verde…tem verde-escuro e o verde-claro, mas nenhum dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. Minha boca é grande e carnuda. Olhe meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro o meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da baobá. Vai crescer, crescer, crescer..vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite (França, 2020, p. 10).

Uma linda e potente descrição de si, dos seus traços e da história que representam.

Enquanto a professora D destaca a importância da criança se identificar e se reconhecer mencionando o trabalho com uma literatura infantil que tratava das similitudes dos traços físicos dos africanos com os brasileiros afrodescendentes, a surpresa; o interesse e a alegria das crianças em se reconhecer no personagem principal da história.

As educadoras E e F fazem da educação antirracista uma prática cotidiana, apresentando títulos com protagonismo negro com frequência e constância. A professora E cita como exemplo, como denomina a própria autora Kiusan de Oliveira (2021)[54], a literatura negro-brasileira de encantamento infanto juvenil "Com qual penteado eu vou"; que além de homenagear a ancestralidade e os laços de amor familiar na comemoração de cem anos do vovô Benedito, potencializando o trabalho com a diversidade e beleza de tipos de cabelos e penteados afro:

---

[52] Ilustrações Juliana Barbosa Pereira.

[53] Ubuntu – Perspectiva da interdependência entre seres humanos e Natureza, apontando para valores e práticas de boas convivências, ancoradas na busca/vivência radical de uma vida plena. Infâncias negras, p. 62.

[54] Ilustrações Rodrigo Andrade.

> [...] fui até a mamãe e pedi para fazer um penteado capaz de deixar meu bisavô muito feliz. Que penteado lindo a mamãe fez e assim prontas fomos ao portão receber minhas primas e meus primos. Meu coração disparou quando comecei a reparar nos encantos. Quanta beleza e os nossos penteados um mais incrível que o outro (Oliveira, 2021, p.12).

Já a professora F cita como trabalho marcante uma sequência didática desenvolvida no ensino fundamental sobre a dinastia de mulheres negras, matriarcais pelos resultados obtidos e sentimento de pertencimento despertado.

Das experiências da professora, G registra como incrível o desenvolvimento de um projeto antirracista articulando múltiplas linguagens e arte. Literatura infantil, brincadeiras e artes plásticas.

A professora H volta à discussão da abordagem da história "Menina bonita do laço de fita" (1986) sem uma reflexão crítica e instrumentalizada da exaltação da beleza da pele negra e ancestralidade na perspectiva antirracista.

Categoria 4: Quais as dificuldades e/ou desafios para se trabalhar com as literaturas infantis afro-brasileiras?

A quarta e última pergunta da entrevista em profundidade buscava assertivamente respostas para o problema da pesquisa. Questionando as educadoras, quais seriam as maiores dificuldades e/ou desafios para o trabalho com a literatura para a infância afro-brasileira. O Quadro 11 sintetiza as respostas:

Quadro 11 – Síntese das respostas à pergunta 4

Educadoras	Dificuldades e/ou desafios
A	Pouco acervo/pouco tempo para planejamento/ausência de formação continuada em serviço sobre a lei nº10.639/2003.
B	Pouco acervo/ resistência e falta de reconhecimento das crianças e familiares da origem da sua raça/cor.
C	Falta de acervo/desconstrução do modelo padrão eurocêntrico.
D	Pouco acervo.
E	A escola tem acervo. Sem dificuldades. É uma questão de interesse.
F	Pouco acervo.
G	Pouco acervo.
H	Preconceito com as religiões de matriz africana/famílias e crianças associarem a algo ruim e/ou negativo ser preto/ falta de capacitação para ensinar a história e cultura da África.

Fonte: Autoral (2024).

Dentre todas as dificuldades mencionadas, a mais recorrente nos textos das educadoras, sem dúvida, está relacionada à quantidade de obras de literatura afro-brasileira no acervo da unidade escolar. Pouca quantidade, pouca variedade ou a qualidade dos textos e ilustrações questionáveis na promoção de uma educação antirracista, devido à presença de estereótipos.

Apenas uma professora afirma que a unidade escolar tem acervo, pontuando o interesse como principal motivo de se realizar propostas de atividades com as literaturas afro-brasileiras ou não.

"No meu caso, não vejo dificuldade porque trabalho por uma questão de identidade mesmo (…). Como para mim é uma identidade, eu tenho interesse de estar trabalhando alguma literatura que remete a pessoas afrodescendentes, a pessoas negras".

Grande parte do acervo de literatura para a infância afro-brasileira da unidade de Educação Infantil, até a escrita dessa pesquisa, encontra-se nesta caixa na sala dos professores, como ilustrado na Figura 7.

Figura 7 – Acervo de literatura para infância afro-brasileira da unidade de Educação Infantil



Fonte: Autoral (2024).

Alguns outros, poucos títulos, encontram-se nas salas de aula ou nos cantinhos de leitura, ou no armário das professoras a fim de planejarem ações pedagógicas com os mesmos; sobretudo daquelas que apresentam mais afinidade com a temática e por representatividade,

professoras autodeclaradas pretas que compreendem a potência e a pertinência na construção da autoestima das crianças negras desde bem pequenas.

Ainda em relação ao acervo, outra questão aparece com recorrência nas respostas, a comparação numérica de títulos eurocêntricos, tradicionalmente utilizados nas unidades de Educação Infantil, e os de representatividade negra: afrocêntricos, como é possível observar na Figura 8.

Figura 8 – Estante de livros com títulos eurocêntricos/caixa de livros afrocentrados



Fonte: Autoral (2024).

Ao observar o acervo da escola, nota-se que os clássicos tradicionais, adaptações e/ou traduções com referências da cultura europeia predominam entre os títulos afro-brasileiros.

Como aparece em respostas anteriores, a inserção das obras de autores negros, que contam suas histórias a partir das suas próprias narrativas, na unidade escolar tem sido lenta ou gradual se observarmos principalmente o tempo de vigor da Lei Federal nº 10. 639/03 (Brasil, 2003), alterada posteriormente para a Lei Federal nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), o que sugere que a prefeitura municipal de educação de Niterói precisa de maior investimento na promoção de uma educação antirracista, com aquisição de materiais/ literaturas de autoria negra e formação continuada em serviço por profissionais com expertise nesse debate e/ou luta.

7 PRODUTO CONSOLIDADO

> A tecnologia é só uma ferramenta. No que se refere a motivar as crianças e conseguir que trabalhem juntas, um professor é o recurso mais importante.
>
> Bill Gates

Como produto digital desta dissertação foi produzido no aplicativo de *design* gráfico *Canva* um catálogo digital e interativo condensando os achados dessas pesquisas; os encontros com os principais autores de literatura infantil e infantojuvenil afro-brasileira e suas obras em suas mais diferentes temáticas e/ou abordagens e as demandas que imergiram nas conversas informais e na pesquisa de campo com os educadores das infâncias.

O objetivo da elaboração do produto digital consiste em contemplar as principais dificuldades apresentadas ao longo da pesquisa no trabalho com as literaturas de representatividade negra, tais como: desconhecimento das obras de literatura infantil afro-brasileira; acesso a obras de boa qualidade (sem perpetuação de preconceitos, estereótipos ou conteúdos equivocados) e falta de formação docente para o trabalho efetivo com as literaturas e contribuir, em certa medida e/ou nas limitações deste estudo, para sanar tais lacunas, promovendo assim uma Educação Infantil inclusiva, afetiva e sobretudo, antirracista.

O produto digital agrega as propostas atividades com materiais físicos, acesso às possibilidades do mundo virtual; como a imersão na realidade aumentada, produção de vídeos de animação, games, entre muitos links de acesso às obras de literatura infantil afro-brasileira em áudio e vídeo, além de pesquisas nas plataformas de busca da diversidade cultural que está disponível *on-line*. Sugerindo ao professor, ferramentas tecnológicas que ampliem as experiências com as crianças não só com as literaturas infantis afro-brasileiras, mas com as abordagens que lhes atravessam.

7.1 Descrição do produto

O livro digital: *Literatura infantil afro-brasileira: catálogo de autores e obras*, visa apresentar autores e obras de literatura infantil afro-brasileira aos professores de Educação Infantil e de todas as infâncias, contribuindo assim, na promoção de uma educação antirracista, permeada pela afetividade, ludicidade e as tecnologias digitais. Dando protagonismo aos autores negros e/ou pesquisadores da história e cultura da África. Um catálogo digital e interativo que permitirá aos educadores apropriar-se dos conhecimentos necessários para atuar junto às crianças durante todo o percurso letivo adequando suas práticas pedagógicas as

exigências da Lei Federal nº 10.639/03 (Brasil, 2003) que alterou a legislação educacional brasileira (LDB); tornando obrigatório o ensino da história e cultura da África na Educação Básica.

Dentre os muitos autores pesquisados, foram selecionadas dez personalidades para serem apresentadas com mais profundidade. Nessa ordem, Ana Fátima, bell hooks, Chimamamda Ngozi Adichie, Madu Costa, Nilma Lino Gomes, Otávio Júnior, Kuisam de Oliveira, Rodrigo França, Rogério de Andrade Barbosa e Sonia Rosa. Para cada um desses autores, apresenta-se uma breve biografia, citações, links de suas redes sociais e debruça-se sobre uma de suas obras de literatura infantil afro-brasileira, além das demais publicações desses mesmos autores. Propondo aos educadores das infâncias atividades inspiradas em suas temáticas e/ou abordagens afrocentradas. A escolha das obras e autores preconiza a diversidade e o trabalho com as múltiplas linguagens artísticas e tecnológicas – o brincar – na Educação Infantil.

As dez obras de literatura infantil afro-brasileira apresentadas, detalhadamente, no livro digital, nessa mesma ordem: “Os dengos na moringa de voinha (2023)”, “A pele que eu tenho (2022)”, “O lenço de cetim da mamãe (2024)”, “Embolando palavras (2021)”, “Betina (2021)”, “Da minha Janela (2019)”, “O mundo no black power de Tayó (2013)”, “O Pequeno Príncipe Preto para Pequenos (2021)”, “Ndule Ndule: assim brincam as crianças africanas (2011)” e “É tambor de crioula! (2022)”.

Além dos dez autores em destaque, outros autores, de grande relevância no debate étnico-racial, são apresentados por fotografias e links de suas redes sociais ou de canais que os apresentam e/ou apresentam suas obras e trajetórias com a literatura infantil afrocentrada. Nessa ordem: Alexandre Rampazo, Bárbara Carine, Carmem Lúcia Campos, Edimilson de Oliveira Pereira, Elisa Lucinda, Emicida, Geni Guimarães, Georgine Martins, Heloísa Pires Lima, Júlio Emílio Braz. Junião, Kallypsa Brito, Lázaro Ramos, Lena Martins, Marcos Majé, Neusa Baptista Pinto e Nini Kemba Náyo.

Ao longo dessa pesquisa, foi realizada uma curadoria literária nas plataformas digitais de vendas de livros infantis e infantojuvenis com protagonismo negro, um recorte significativo do que vem sendo produzido na perspectiva da representatividade nos últimos anos no mercado editorial brasileiro. A plataforma Amazon[55] abriga a maior quantidade e variedade de obras afro-brasileiras. O produto digital, em sua última sessão, apresenta uma listagem de quinhentos títulos de literatura infantil afro-brasileira, acessada via um link. O link acessa um arquivo do

[55] Disponível em: www.amazon.com.br.

programa Excel, armazenado no drive da autora. Nessa listagem encontram-se as obras dos autores apresentados no livro digital e muitos outros e ainda muitas traduções, produções independentes, livros de imagem e/ou ilustrado.

Se faz importante ressaltar que dentre as quinhentas obras selecionadas, a maioria delas, são literaturas infantis afrocentradas de grande qualidade artística e de grande contribuição na Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER); mas é possível se encontrar narrativas problemáticas quanto ao enredo e/ou ilustrações e/ou utilização de expressões que denotem racismo estrutural ou estereótipos. Alguns títulos foram selecionados pela sinopse e outros ainda pelo título e ilustração da capa. Alguns títulos apresentam protagonismo da criança negra, mas o enredo não traz conteúdos referentes à cultura e história da África. Essa lista extensa objetivou, além de apresentar as obras afrocentradas, demonstrar o crescimento do mercado editorial, impulsionado pelas exigências da Lei Federal nº 10.639/03 (2003), com temáticas abarcando diversidade e representatividade, tencionando as intenções mercadológicas.

Além dos autores apresentados no livro digital, ao acessar a listagem das quinhentas obras, é importante atentar-se às editoras, merecendo destaque nas temáticas étnico-raciais: Mazza Edições, Pallas Editora, Malê, entre outras. Nos quinhentos títulos relacionados certamente, encontram-se literaturas que podem ser organizadas observando às dez grandes temáticas observadas por Sonia Rosa (2022) nas literaturas infantis afro-brasileiras: 1 – Reconhecimento identitário a partir de elementos da cultura negra; 2 – Ocupação do cenário artístico-cultural; 3 – Memórias afetivas; 4 – Escrevivência[56]; 5 – Histórias de coragem e de luta contra o racismo estrutural; 6 – Representatividade negra; 7 – Autoestima; 8 – Histórias de matrizes africanas; 9 – Situações cotidianas; 10 – Empoderamento negro.

As abordagens das literaturas selecionadas e as propostas de atividades objetivam instrumentalizar os educadores das infâncias para o trabalho em uma perspectiva inclusiva e antirracista de forma lúdica e criativa, com múltiplas possibilidades artísticas e ferramentas digitais, pelo viés do brincar. As possibilidades de inserção da criança ao mundo virtual coadunam com a competência a ser desenvolvida nos pressupostos da BNCC (2018) no que tange à cultura digital:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir

[56] O termo “escrevivência”, criado pela escritora Conceição Evaristo, traz a junção das palavras “escrever e vivência”, a fim de nomear uma escrita que se mescla com a sua vivência, com o relato das suas memórias e das de seu povo. Sônia Rosa (2022).

> conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 11).

O educador, observada a realidade e/ou possibilidades da unidade escolar que atua, poderá atender os pressupostos da legislação educacional conciliando as metodologias tradicionais com as inovações tecnológicas propostas no livro digital, desenvolvendo competências, habilidade e no caso específico das literaturas afro-brasileiras a promoção do protagonismo das crianças negras.

O livro digital possui diversos links de acesso a redes sociais como *Instagram* e *YouTube* dos autores e contadores de histórias, além de entrevistas com os autores sobre suas obras e suas trajetórias com a literatura afro-brasileira. Pelas redes sociais, algumas histórias são apresentadas pelos próprios autores, contadas por contadores de histórias ou pelos próprios autores, ou em forma de *audiobook*. Múltiplas formas de acesso às obras e aos autores, para os educadores das infâncias que os acessar.

O produto digital foi elaborado pensando no educador das infâncias, mas certamente para o benefício do trabalho a ser desenvolvido com as crianças, sendo o centro do trabalho pedagógico e a motivação primeira desta dissertação, sobretudo as crianças negras. E se pensando na linguagem tecnológica/digital, que agrega ao desenvolvimento infantil, tamanhas habilidades e mobiliza curiosidade e interesse; nas propostas de atividades inspiradas nas literaturas há uma diversidade de aplicativos de jogos, de edição e animação para produção de vídeos com e pelas crianças, sugestões para o uso de óculos 3D e o desbravamento da realidade aumentada. Aguçamento pela pesquisa de informações da diversidade cultural nas plataformas de busca como o *Google*, estando em consonância com a BNCC (2018), que prevê a apropriação dos recursos tecnológicos como uma das habilidades a ser desenvolvida na criança: "A habilidade EF69AR35 consiste em: identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável" (Brasil, 2018, n. p.).

O material digital conecta-se a crianças que já nasceram no mundo digital. Marc Prensky (2001) pensando sobre como atrair a atenção dessas novas crianças que interagem desde que nasceram com as tecnologias digitais do século XXI, os define como nativos digitais, associando a capacidade de falar a linguagem tecnológica com tamanha naturalidade como a própria língua do país de nascimento. Enquanto aqueles que antecedem a essa geração, e não nasceram no mundo digital, conceituam como imigrantes digitais, indivíduos nascidos antes da década de 80.

Um instrumental de trabalho para os educadores (imigrantes digitais) com intencionalidades de favorecer aprendizagens significativas aos nativos digitais.

Finalmente, se faz pertinente esclarecer que a escolha das dez obras de literatura afro-brasileira em um universo de tantas outras se explica também pela relevância das obras, sucesso editorial e premiações e/ou reconhecimento recebidos; como, por exemplo: "O mundo no black power de Tayó" de Kiusam de Oliveira considerada pela ONU um dos dez livros mais importantes do mundo para a Promoção dos Direitos Humanos. Sobretudo está aderente às exigências da Lei Federal nº 10.639/03 (2003) contemplando nas narrativas a cultura e a história afro-brasileira.

7.2 Aplicação

A aplicação do produto digital: *Literatura infantil afro-brasileira: catálogo de autores e obras*, não poderá ser observada ou descrita nesta dissertação, pelas especificidades de sua modelagem e de seus objetivos. Sobretudo pelo seu caráter inovador.

7.3 Validação do produto

Para validação do produto digital, foi encaminhado pela plataforma de mensagens *WhatsApp*, em modo privado, para três professoras que atuam em uma UMEI da rede municipal de ensino de Niterói, com o material de análise em formato PDF, a mensagem abaixo:

> Olá, professor (a)!
>
> É com muita alegria que lhe apresento o produto digital da minha dissertação. Um catálogo digital de autores e obras de literatura infantil afro-brasileira.
>
> Sua avaliação sobre ele, será de fundamental importância para os resultados da minha pesquisa.
>
> Então vamos lá!
>
> Escreva um texto sobre o produto digital, considerando:
>
> - As escolhas de autores e obras;

- As abordagens das obras e propostas de atividades;
- A pertinência do produto;
- Aplicabilidade nas turmas de Educação Infantil;
- A contribuições na discussão étnico-racial e no efetivo cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03 nas turmas de Educação Infantil;
- Originalidade ou inovação;
- Apresentação de aplicativos e ferramentas tecnológicas; críticas e/ou observações.
- O sumário é clicável e poderá levá-lo (a) às páginas desejadas.
- Navegue nos links e tenha uma experiência completa com o material digital.
- Ah… você recomendaria e/ou compartilharia esse material com outro educador das infâncias?

Desde já agradeço!

Mestranda Bárbara Valente.

As professoras escolhidas para a validação do produto digital também participaram da pesquisa de campo desta dissertação e a escolha foi mediada pelo próprio interesse das educadoras com as discussões na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais.

A primeira educadora a dar retorno enviou um áudio com suas impressões, antes de elaborar um texto pensando nos tópicos elencados.

Transcrição do áudio da Professora 1

Professora 1: “Estou encantada! Esse áudio é só de primeiras impressões mesmo, depois mando o texto da maneira que você pediu aí, porque você fez um editorial mesmo, tem os autores, escolhas de livros, sugestões de atividades; achei muito perfeito, não tem como alguém disser que não sabe trabalhar conteúdos da África, de uma forma afrocentrada,

> achei perfeito seu trabalho, você está de parabéns! E vi ali que você reuniu diversas pessoas, autores, que eu, nos meus estudos independentes, comecei a estudar e estão ali…".

A professora 1 refere-se a autora, artesã criadora da boneca *Abayomi* Lena Martins[57] e a autora, professora e contadora de histórias Níni Kemba Náyó[58] (Aline de Jesus Silva), também pesquisadora na discussão das literaturas infantis negras, afrocentradas, com contribuições no marco teórico desta dissertação.

Sobre Lena Martins, ainda considerou importante a sua presença no material digital para desmistificar a versão que, de certa forma, se popularizou sobre a boneca *Abayomi* que esvazia seu significado e expressão nas discussões étnico-raciais e promover o trabalho afro-referenciado da autora/artesã.

A versão encontrada até em algumas literaturas para a infância atribui às mulheres escravizadas a criação da boneca *Abayomi,* que durante a diáspora[59] africana rasgariam suas roupas e com as tiras de tecido fariam nós e criariam bonecas para acalmar suas meninas. Fato refutado pelos historiadores e pesquisadores.

A boneca *Abayomi* foi criada por Lena Martins em 1987, ano em que estava no cargo de coordenadora de animação cultural no Ciep Luiz Carlos Prestes, localizado na Cidade de Deus, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro. A boneca *Abayomi* surge no contexto do centenário da abolição da escravidão e da redemocratização do país. Mais detalhes sobre a história da boneca *Abayomi* nos links disponíveis no material digital. Posteriormente a professora 1 envia o texto a seguir.

Validação Professora 1

> O produto digital, como um catálogo, oferece uma ótima contribuição e serve como manual de consulta para professores da Educação Infantil, já que traz uma seleção de diversos autores e obras afro-brasileiras.

[57] abayomi.lena.
[58] Nini Kemba Náyó. Escritora.
[59] Fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados.

Como já foi dito, reforço que se trata de um manual de consulta com sugestões de obras, autores e até atividades para o trabalho com gente de miúda, uma vez que as atividades são apropriadas para a temática sugerida e favorecem a criação de outras atividades correlacionadas.

O produto é adequado para abordar um tema tão delicado e necessário, pois, as obras trazem representatividade e valorização de uma população que é maioria, mas está sempre à margem de lugar de destaque social e referência de beleza. Além disso, o produto facilita o cumprimento da lei 10.639/03, com obras, autores e até atividades propostas.

Considero o trabalho inovador e boa fonte de consulta pelo professor.

Sendo um produto digital, oferece links para aplicativos, consultas e ferramentas tecnológicas, facilitando a vida de docentes com pouca ou muita facilidade no manejo digital.

Não tenho críticas ou observações, já que o produto é um bom manual de consulta a autores, obras e até atividades, fazendo se necessária ampla divulgação.

Validação Professora 2

Ao receber o *e-book*: Literatura Infantil Afro-brasileira. Catálogo de autores e obras (Cunha, 2024) foi um verdadeiro presente e uma fonte rica de conhecimento sobre o povo negro, sua história, produção literária e luta!

Alguns dos autores elencados eram conhecidos; outros, eu conhecia melhor as suas obras do que sobre suas próprias histórias; e houve ainda autores que eram totalmente desconhecidos. No que tange os autores eu senti falta de maior destaque para pessoas já tidas como referências e com grande espaço no cenário nacional, como o Emicida, a Elisa Lucinda, o Lázaro Ramos e a Lena Martins; pois, se tratando de crianças, acredito que estes autores

promoveriam maior proximidade e serviriam como referenciais para a introdução dos demais autores. Inclusive foi proposta uma atividade acerca da boneca *Abayomi*. Nesse cenário, entendo que a Lena Martins deveria ter maior espaço no material, inclusive para corroborar com a divulgação da verdadeira história do surgimento da boneca feita por meio de amarrações.

Em se tratando das atividades, achei um repertório vasto com o uso de diversos materiais e bastantes interativos. O uso da tecnologia envolve basicamente o uso de recursos audiovisuais, o que acaba deixando os estudantes passivamente no processo. Há sugestão de alguns aplicativos, jogos e uso de realidade aumentada, mas acredito que este último recurso não atenda a grande parte das unidades escolares, mas entendo a importância de apresentá-lo como recurso disponível à educação.

Como houve muita sugestão do uso de vídeos, e em alguns casos as histórias foram apresentadas por meio deste recurso, facilitando o contato com a obra antes de sua compra; senti falta desta sugestão em relação a alguns autores, como no espaço destinado ao Rodrigo França e sua obra O Pequeno Príncipe Preto. A qual é uma história linda e possui uma peça teatral espetacular que envolve música, recursos visuais com uma composição linda. Mas, eu tenho uma conexão com essa história, de repente, devido a isso, senti falta.

O produto é extremamente pertinente, ao ofertar o contato com os autores e suas obras sobre e para uma educação antirracista, contribuindo ainda para o acesso a um acervo que geralmente não temos nas unidades escolares, assim como; acesso a uma literatura onde os negros são protagonistas e ajudam a quebrar estereótipos e preconceitos acerca da cor de pele, dos cabelos crespos, suas crenças e modo de vida.

As histórias apresentadas e as atividades sugeridas são em sua maioria aplicável nos grupos de referência da Educação Infantil, mediante as adaptações de linguagens. Como já mencionado, em relação às atividades, algumas encontrarão dificuldades devido à infraestrutura das unidades em relação à inserção de equipamentos e conectividade.

Em relação à lei federal, não há obrigatoriedade de seu cumprimento na Educação Infantil, embora esta etapa pertença à Educação Básica. Mas, devido à sua importância identitária e educação antirracista, o ideal é que esta temática seja abordada desde a mais tenra idade. Nesse cenário, entende-se que o material contribui para que o professor das infâncias amplie o seu repertório e faça a inserção de atividades e da literatura no cotidiano infantil.

O material possui originalidade, pois, até o momento nunca tive contato com um guia específico para a oferta de autores negros, em sua maioria, e sobre uma literatura que oferece conexão com a ancestralidade negra e possui uma abordagem para além de pessoas escravizadas.

Considerando-se haver uma lacuna na formação inicial e continuada docente para o uso de ferramentas tecnológicas com intenção pedagógica; o material não deu ênfase às ferramentas digitais sobre o seu uso e características, assim como, a necessidade e obrigatoriedade de uso no ensino brasileiro como previstos em diversos documentos norteadores da educação. Limitando-se a oferta de link para baixar o aplicativo, por exemplo.

A oferta de um sumário clicável e acesso a vídeos no site de compra das obras foi formidável e facilitou muito o acesso. Uma sugestão seria a oferta nas páginas para retorno ao sumário, pois, com o avanço no material, não foi possível voltar ao sumário, tendo que retornar página por página. No mais, o produto oferece uma boa diagramação, oferta iconográfica dos autores e de sua obra elencada como principal e avanço no material didático diretamente via sumário.

Como se pode observar, a avaliação da professora 2 foi minuciosa e atenta. De fato, explorou os links e debruçou-se nas indicações de obras, autores e propostas de atividades, tecendo pertinentes observações.

Após suas sugestões, foi ampliada a experiência com a literatura infantil “O Pequeno Príncipe para Pequenos” de Rodrigo França e ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, com a

inclusão dos links da contação da história e o clipe da história “O Pequeno Príncipe Preto”, do mesmo autor.

Ainda acrescentou que, apesar das críticas ao material digital quanto ao destaque de autores e explicação da funcionalidade dos aplicativos, “nada diminui o potencial e o valor do material que está excelente!”.

Validação Professora 3

> Puder perceber que o trabalho apresentado é um material delicado e sensível ao mesmo tempo, em que é necessário e potente. Sobre os autores selecionados, pude observar que todos de alguma forma, possuem um legado histórico e emocional que legitimam a essência negra das obras o que na minha opinião traz verdade, leveza e sensibilidade para as obras o que é facilmente percebido/sentido pelas crianças pequenas em suas múltiplas infâncias. As abordagens das obras revelam o protagonismo negro e retratam de forma sensível à valorização e representatividade da cultura negra presente nas múltiplas infâncias, sejam elas negras ou não.
>
> Esse material é de extrema relevância para o trabalho do professor, porque reúne um acervo com obras cuidadosamente selecionadas, além de trazer sugestões de atividades simples e aplicáveis a diferentes propostas pedagógicas no cotidiano da Educação Infantil. Permitindo e viável o cumprimento da lei sobre o ensino da cultura africana no cotidiano das crianças pequenas.

O catálogo digital provocou afetos à professora 3, que ainda acrescentou em sua devolutiva: “Que trabalho lindo e sensível, eu simplesmente adorei!”.

Após as análises, observações, considerações e críticas das educadoras das infâncias considero ter alcançado os objetivos propostos para o material digital e assim que estiver disponível para pesquisas compartilhamentos no portal da UNICARIOCA – Proximal (Práticas Educativas Digitais) trará contribuições na promoção da educação inclusiva e sobretudo antirracistas nas turmas de Educação Infantil.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Antirracismo, ele é caracterizado pelos protestos, pelo enfrentamento, pela denúncia do racismo.
>
> Bárbara Carine

Essa pesquisa partiu da seguinte inquietação: tendo em vista que grande parte das crianças matriculadas nas redes públicas de Educação Infantil são negras, porque a inserção das literaturas com abordagens étnico-raciais e aspectos da diversidade cultural afro-brasileira nos parece pouco substancial nos planejamentos e práticas educativas? As hipóteses versavam entre os desconhecimentos dos professores da infância das obras de literatura infantil afro-brasileira e possíveis inseguranças e/ou distanciamentos com os conteúdos previstos na Lei Federal nº 10.639/03 (2003) – artigo 26-A, ou seja, a história e cultura do continente africano e afro-brasileira, sobretudo dos educadores brancos ou não negros.

Os achados preliminares (preliminar de pesquisa) justificaram a relevância da pesquisa e evidenciaram os pontos a serem investigados com maior profundidade no campo e confirmaram, em certa medida, as hipóteses, considerando que as conversas informais com três professoras das infâncias não confirmavam o desconhecimento completo das literaturas afro-brasileiras; mas a pouca oferta das literaturas negras nas unidades de ensino e falta de formação docente para trabalhar com os conteúdos que as atravessam. Denotando insegurança na educação para as relações étnico-raciais (ERER).

A pesquisa de campo agregou maior profundidade à investigação, somando mais uma pergunta ao questionário apresentado a oito professoras de Educação Infantil. Os achados confirmaram o que já vislumbrava a preliminar de pesquisa. As professoras em sua totalidade considera de suma importância o efetivo trabalho com as literaturas afrorreferenciadas, destacando como principais benefícios a elevação da autoestima e representatividade das crianças negras e compartilharam alguns trabalhos que desenvolveram nessa perspectiva; embora sinalizem problemas quanto a formação docente para um trabalho de qualidade com as literaturas afro-brasileiras, como também a falta ou com mais incidência a pouca quantidade de títulos no acervo nas unidades de ensino e ainda tecem críticas sobre a qualidade de tais literaturas (estereótipos). Sobre a análise das literaturas afro-referenciadas no marco teórico dessa dissertação, o educador encontra uma orientação de Níni Kemba Náyó[60], uma listagem de perguntas a ser respondida na análise de uma obra de literatura infantil negra.

---

[60] Aline de Jesus Silva LiteAfroInfantil. Disponível em: https://youtube.com/%40liteafroinfantil?si=4sld_PZ4gjrvKRX1.

Outra questão que surgiu com menos expressividade atribui ao preconceito estrutural a dificuldade do uso da literatura infantil negra, mencionando resistência de pais, professores, comunidade escolar na totalidade aos enredos, temáticas e/ou aspectos culturais.

Sobre os resultados podemos elencar, no entanto, que os principais embates para o efetivo cumprimento da Lei Federal nº 10.639/03 (2003) nas turmas de Educação Infantil versam sobre a formação docente na perspectiva de uma educação para as relações étnico-raciais (ERER) e problemas no equipamento das escolas de literaturas afrocentradas; já que a totalidade dos educadores entrevistados concordam da importância das literaturas estarem cotidianamente nos cantinhos de leitura, nas propostas de atividades e/ou projetos de trabalho da Educação Infantil.

Não é substancial a argumentação quanto a relação do trabalho efetivo com as literaturas afro-brasileiras e a cor de pele ou a autodeclaração de raça das entrevistadas, à medida que não elencaram a questão da raça ou cor de pele como uma das dificuldades na abordagem com a temática; embora uma das professoras autodeclarada preta, explicitou em sua fala que na Umei que atua há, sim, literaturas afro-brasileiras e que desenvolve trabalhos pelo viés afro-referenciado por questão de interesse e representatividade.

Sugiro que, em próximas pesquisas, a questão da cor de pele e/ou raça dos educadores das infâncias seja objeto de pesquisa para resultados mais substanciais. Em que medida os professores brancos ou não negros não se interessam pelo trabalho na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais; e ainda em que medida os educadores se autodeclaram negros e ainda se é uma realidade que educadores pretos ou autodeclarados pretos engajam-se na promoção de uma educação antirracista.

Outro objeto de pesquisa latente é a formação do profissional de educação para a ERER. Os cursos de formação de nível médio e até mesmo os cursos de Pedagogia estão oferecendo formação de qualidade para os futuros educadores das infâncias. Quais disciplinas e carga horária são destinadas para as discussões ao cumprimento efetivo da Lei Federal nº 10.639/03 (2003) e como políticas públicas poderiam favorecer a promoção da formação de educadores antirracistas.

O processo de elaboração dessa pesquisa foi extremamente desafiador e de riquíssimos aprendizados. Compreender que o meu lugar de fala é no meu campo de atuação, no chão da escola, na sala de aula, na rodinha de conversas e leituras com os pequenos, foi o primeiro passo para seguir adiante e chegar ao fim. Ir de encontro a autores como Bárbara Carine (2023) foi essencial, pois, em sua obra “Como ser uma educadora antirracista” evoca a cada educador, em específico a uma educadora branca como eu e quem sabe como você, peço licença para retomar

uma citação já utilizada nessa dissertação: “Você, professor, professora branco/a, não só pode como deve abordar as questões étnico-raciais na sala de aula. Você tem seu lugar de fala, e é um lugar precioso, considerando que está em uma condição de respeito e admiração diante da estudantada” (Carine, 2023, p. 64).

Seguimos contando muitas histórias, porque, segundo Adichie (2019), muitas histórias devem ser contadas, histórias de diferentes povos e culturas, afinal de contas, todas elas importam.

Sejamos todos educadores antirracistas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O lenço de cetim da mamãe**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. Feminismos plurais. São Paulo. SP. Jandaíra, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Bichos da África**: lendas e fábulas, Vol. I, II, III e IV. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule Ndule**: assim brincam as crianças africanas. Ilustrações de Edu Engel. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Ministério da Educação**: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2013.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

CARINE, Bárbara. **Como ser uma educadora antirracista**. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2023.

CHERRY, Matthew A. **Amor de Cabelo** (*Hair Love*). Tradução de Nina Rizzi. Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, Diana; CORSO, Mario. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Madu. **Embolando palavras**. Ilustrações de Rubem Filho. Peninha Edições, 2021.

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso. *In*: DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, 2017.

DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz. *In*: NOVAES, Nelly; CUNHA, Maria Zilda da; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (Org.) **Tecendo literatura**: entre vozes e leituras. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

EMICIDA. **Livro "Amoras" versão animada**. 2018. Disponível em: https://youtu.be/Avt7s8XgDjs?feature=shared. Acesso em: 11 set. 2024.

FÁTIMA, Ana. **Os dengos na moringa de voinha**. Ilustrações de Fernanda Rodrigues. São Paulo: Brinque-Book, 2023.

FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. Ilustração de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Betina. *In*: ARAÚJO, Marlene de (Org.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

GOMES, Nilma Lino. Raça e educação infantil: à procura de justiça. **Revista e-curriculum**, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, 2019.

HOOKS, Bell. **A pele que eu tenho**. São Paulo: Boitatá, 2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª ed. Martins Fontes, 2017.

JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. Ilustrações de Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LEONARDELI, Poliana. **Origem da literatura infantil e o conceito de infância**. 3 de agosto de 2021.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

LOBATO, Monteiro. **A menina do nariz arrebitado**. Edição da "Revista do Brasil". São Paulo, 1920.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Brasiliense, 1933.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Rio de Janeiro: Ática, 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

MATA, Flávia Filomena Rodrigues da. **Protagonistas negros nas histórias infantis**: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

NÁYÒ, Niní Kemba. (Aline de Jesus da Silva). Literatura infantojuvenil afrocêntrica e o cumprimento da lei 10. 639/03. *In*: Santiago, Jocevaldo (Org.). **Práticas de leitura com literatura negra**. Salvador: Segundo Selo, 2023.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Com qual penteado eu vou**. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

OLIVEIRA, Kiusam de. **No black power de Tayó**. Ilustrações de Taísa Borges. Editora Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-oba**: Histórias de princesas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

PREMEBIDA, Adriano *et al.* **Pesquisa Social**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. 2001.

PRENSKY, Marc. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: Senac, 2001.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RAMOS, Lázaro. **Sinto o que eu sinto**: A incrível história de Asta e Jaser. Carochinha, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Ruth. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Salamandra, 2009.

RODRIGO, França. **O Pequeno Príncipe Preto para pequenos**. Nova Fronteira, 2021.

ROSA, Sônia. **É tambor de crioula!**. Ilustrações de Mariana Massarani. Projeto Editora, 2022.

ROSA, Sônia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial**: Uma narrativa autobiográfica. São Paulo: Jandaíra, 2022.

ROSA, Sônia. **O menino Nito**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1995.

SABINO, Geruza de Fátima Tomé; DE OLIVEIRA LOURENÇO, Lucilene Gonçalves; DA SILVA, Davidson Bruno. Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura "construindo a própria história". **Zero-a-Seis**, v. 21, n. 39, p. 170-182, 2019.

SANTIAGO, Josevaldo (Org.). **Práticas de leitura com literatura negra**. Salvador: Segundo Selo, 2023.

SANTOS, Joel Rufino. **A botija de ouro**. Rio de Janeiro: Ática, 1984.

SANTOS, Joel Rufino. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SARMENTO, Pedro. **Ubuntu**: porque nós somos. 2ª ed. Editora Viajante do Tempo, 2013.

SCHARF, Rosetenair Feijó. **A escola e a leitura**: prática pedagógica da leitura e produção textual. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão: 2000. 205 f.

SESC. **África no centro da arte e Educação**: O que é educação afrocentrada com Taísa Ferreira e Literatura afrocêntrica com Nini Kemba. 26 de outubro de 2021. Disponível em: https://youtu.be/cn_SNM1A4RY?feature=shared. Acesso em: 11 set. 2024.

SOARES, Ademilson de Sousa; FEITAL, Lisa Minelli; MELO, Regina Lúcia Couto de Melo. Lutas antirracistas: a voz de meninas negras na Educação Infantil. *In*: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (Org.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SOARES, Magda. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

SOUZA, Edileuza Penha; MEIRELES, Ariane Celestino. **Princesas negras**. Rio de Janeiro, RJ: Malé, 2019.

TEODORO, Cristina. Prefácio. *In*: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (Org.). **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum**: ensaio de antropologia geral. Campinas: Papirus, 1996.

TV Brasil. **"Literatura nunca tem uma função didática" diz Ana Maria Machado**. 04 de julho de 2017. Disponível em: https://youtu.be/SrJrJ8CF3qg?feature=shared. Acesso em: 12 set. 2024.

TV Brasil. **Escrita Ana Maria Machado no Trilha de Letras/Programa completo**. 06 julho de 2017. Disponível em: https://youtu.be/RLEZK0rwBEo?feature=shared. Acesso em: 12 set. 2024.

TV Cultura. **Ana Maria Machado**: Trajetória literária de sucesso e contribuição à academia brasileira de letras. Programa literário: Entrelinhas com Manuel da Costa Pinto.10 de julho 2023. Disponível em: https://youtu.be/3y3C9vRrcmI?feature=shared. Acesso em: 12 set. 2024.

VALIM, Rosa Lidice de Moraes; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. A importância da etapa preliminar de pesquisa sistematizada pela Resolução nº510 do CNS. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 23, n. 1, p. 11-20, 2018. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/157697. Acesso em: 3 nov. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. revista, atualizada e ampliada. São Paulo: Global, 2003.

ZIMMERMANN, Anelise. **As ilustrações de livros infantis**: o ilustrador, a criança e a cultura. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ZIRALDO. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

ANEXOS

Anexo I – Aprovação da Plataforma Brasil para a realização do campo

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA
Pesquisador: Barbara Valente da Cunha
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 77164923.5.0000.5279
Instituição Proponente: ASSOCIAÇÃO CARIOCA DE ENSINO SUPERIOR
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.638.684

Apresentação do Projeto

A literatura para a infância afro-brasileira representa o tema sobre o qual está se debruçando esta dissertação. A respeito deste tema, importante mencionar que a partir da lei nº 10.639/23, que estabelece obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental, posteriormente atualizada para a lei nº 11645/08, observa-se um crescimento no interesse pelo tema e produções literárias com protagonismo negro para crianças pequenas. Esta pesquisa questiona a respeito do seguinte: tendo em vista que grande parte das crianças matriculadas nas redes públicas de educação infantil são negras, porque a inserção das literaturas com abordagens étnico-raciais e aspectos da diversidade cultural brasileira nos parece pouco substancial nos planejamentos e práticas educativas? Acredita-se que haja um desconhecimento dos docentes do repertório das produções literárias dedicadas às crianças pequenas negras e um distanciamento e/ ou insegurança da abordagem do tema pelos professores, sobretudo de cor branca ou não negros. Esta dissertação objetiva promover a práxis antirracistas com o uso das literaturas de representatividade negra nas salas de aula da educação

infantil permeada pela linguagem das tecnologias digitais. Para tanto, precisa-se elaborar uma preliminar de pesquisa amparada pela resolução 510/2016 o Conselho Nacional de Saúde com vistas à compreensão de aspectos diversos inerentes ao tema; realizar uma pesquisa bibliográfica para ampliar os conhecimentos dos docentes que atuam na educação infantil sobre o repertório das literaturas para a infância afro-brasileira e práxis antirracistas; na sequência pretende-se realizar entrevistas em profundidade junto a professores. Os achados oriundos destas pesquisas auxiliarão na modelagem de um catálogo digital interativo das literaturas para a infância Afro-Brasileira adequadas ao trabalho na educação infantil, a ser validado pelos pares na última etapa dos caminhos metodológicos. Os dados da preliminar de pesquisa serão tratados a partir de análise descritiva, enquanto os dados das entrevistas em profundidade serão observados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Destaca-se que certos autores serão primordiais para o progresso desta dissertação, a saber, a americana bell hooks (2013), que colabora para o discernimento de questões acerca do preconceito estrutural e uma práxis dialógica inspirada no arcabouço teórico freireano; assim como a nigeriana Chimamanda Adichie (2019), que disserta sobre o perigo de uma história única, transmitida estereotipadamente, que privilegia um determinado grupo e/ou cultura dominante e o patrono da educação brasileira, Paulo Freire (1987) com as reflexões na consagrada obra “Pedagogia do Oprimido” sobre a dominação cultural, política e ideológica de um povo sobre outro e a perspectiva de esperançar na construção de uma educação dialógica, essencialmente como prática de liberdade. Espera-se ao final se propor um catálogo digital e interativo (e- book) e contribuir para o conhecimento das obras disponíveis na abordagem antirracista e ampliar a inserção dessa discussão no espaço da educação infantil.

Objetivo da Pesquisa

Objetivo Primário

O presente estudo tem por objetivo geral promover a práxis antirracistas com o uso das literaturas de representatividade negra nas salas de aula da educação infantil permeada pela linguagem das tecnologias digitais.

Objetivo Secundário

Tendo em vista o alcance dos objetivos específicos a seguir: elaboração de uma preliminar de pesquisa amparada pela resolução nº 510/2016 do conselho nacional de saúde com vias a compreensão dos aspectos inerentes ao projeto a ser desenvolvido. A proposição uma pesquisa bibliográfica de literatura para ampliar os conhecimentos dos docentes que atuam na educação infantil sobre as discussões atuais sobre o tema, no tocante ao repertório das literaturas para a infância afro-brasileira e práxis antirracistas. Na sequência pretende-se realizar entrevistas em profundidade junto a oito professores. Os dados das entrevistas serão analisados à luz do material sistematizado no marco teórico. Os achados oriundos desta análise auxiliarão na modelagem de um catálogo digital interativo das literaturas para a infância afro-brasileira adequadas ao trabalho na educação infantil.

Avaliação dos Riscos e Benefícios

Riscos

Supondo que todas as pesquisas acadêmicas possam gerar riscos e benefícios por mobilizar as competências cognitivas e expectativas por seus resultados nos sujeitos envolvidos se faz necessário a observação e mitigação dos riscos possíveis, mesmo sendo ínfimos, esclarecer e potencializar os benefícios. Um dos riscos possíveis é o constrangimento por exposição de depoimentos e/ou participação em questionários e entrevistas *on-line* ou presencial, sobretudo por opiniões divergentes ou que possam gerar polêmicas. Todos os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo, nomes e locações em unidades de educação infantil não serão mencionados e/ou expostos. Todas as informações ficarão na guarda da pesquisadora pelo período de cinco anos, gravadas em mídias digitais.

Os pares envolvidos na validação do produto da dissertação assinarão, tomando ciência, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE e no documento de autorização será discriminado todos os riscos que envolverá o desenvolvimento da pesquisa.

Benefícios

Dentre os benefícios da pesquisa pode se considerar a disponibilidade e fácil acesso ao acervo das literaturas para a infância afro-brasileira; organizadas por temáticas e interesses das crianças na idade da educação infantil (três a cinco anos e nove meses) no produto da dissertação, um

catálogo virtual e interativo que poderá ser acesso através das tecnologias digitais que educadores e crianças têm em mãos, *smartphones* e *tablets*.

Favorecendo os docentes que atuam com as crianças pequenas muitas possibilidades de associar a literatura infantil as discussões étnicas e a promoção de uma educação antirracista e plural em suas propostas de trabalho. Além da indicação das obras pelos títulos e autores, essa pesquisa propõe como benefício a apresentação e/ou sugestão de canais do *YouTube* de literatura afro-brasileira; que democratiza e possibilita o acesso às obras na impossibilidade de tê-las na versão tradicional em mãos, contadas nas vozes de educadoras negras, empoderadas no discurso antirracista.

As redes sociais, assim, auxiliam na propagação de histórias e de muitas histórias, de muitas vozes. Fomentar a discussão da educação antirracista traz contribuições e benefícios a toda comunidade escolar, pois os impactos de seus resultados são compartilhados pelas crianças com seus familiares e seus pares, tornado as relações interpessoais humanizadas, empáticas e afetivas. Ressignificando a compreensão de si e do mundo que o cerca. Promovendo assim uma educação inspirada na filosofia africana do Ubuntu — Eu sou, porque nós somos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa

Trata-se de um retorno da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Pendência 1: Necessidade de ajuste da Folha de Rosto. Pendência documental emitida pelo CEP.

Foi anexada à Plataforma Brasil a Folha de Rosto correta, assinada e datada pelo Pesquisador e pela Coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UNICARIOCA. PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério do CEP

Sr.(a) Pesquisador(a),

Atentamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante, ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata (item V.3., da Resolução CNS/MS n.º 466/12). Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP/SMS-RJ como emenda. Deve-se aguardar o parecer favorável do CEP/SMS-RJ antes de efetuar a modificação. Atentar para a necessidade de atualização do cronograma da pesquisa.

Caso ocorra alguma alteração no financiamento do projeto ora apresentado (alteração de patrocinador, modificação no orçamento ou copatrocínio), o pesquisador tem a responsabilidade de submeter uma emenda ao CEP/SMS-RJ solicitando as alterações necessárias. A nova Folha de Rosto a ser gerada deverá ser assinada nos campos pertinentes e anexada novamente na Plataforma Brasil para análise deste CEP/SMS-RJ.

O CEP/SMS-RJ deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS n.º 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda enviar notificação à ANVISA — Agência Nacional de Vigilância Sanitária, com seu posicionamento. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas a este CEP/SMS — RJ, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Acrescentamos que o participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (item IV.3.d., da Resolução CNS/MS n.º 466/12) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.5.d., da Resolução CNS/MS n.º 466/12).

Ressaltamos que o pesquisador responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS n.º 466/12).

Caso haja interrupção do projeto ou não publicação dos resultados, solicitamos justificar fundamentalmente ao CEP/SMS-RJ.

Quando se tratar de pesquisas com seres humanos em instituições integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS), os procedimentos não deverão interferir na rotina dos serviços de assistência à saúde, a não ser quando a finalidade do estudo o justificar, e for expressamente autorizado pelo dirigente da instituição. As pesquisas realizadas em instituições integrantes do SUS devem atender aos preceitos éticos e de responsabilidade do serviço público e de interesse social, não devendo ser confundidas com as atividades de atenção à saúde.
Este parecer possui validade de doze meses a contar da data de sua aprovação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Au to r	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229883.pdf	09/01/2024 20:34:09		Aceito
Outros	DOCUMENTO_RESPOSTA_PENDENCIA_DOCUMENTAL_EMITIDA_PELO_CEP_SMS_RJ.docx	09/01/2024 20:33:21	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	09/01/2024 16:15:20	Barbara Valente da Cunha	Aceito
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	14/11/2023		Aceito
Básicas do Projeto	ETO_2229883.pdf	00:15:17		Aceito
Projeto Detalhado /Brochura Investigador	Brochura_Investigador_Barbara.docx	14/11/2023 00:12:32	REGINA CELIAPEREIRA DE MORAES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Barbara.pdf	14/11/2023 00:07:35	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Barbara.pdf	14/11/2023 00:07:35	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Recusado

Outros	Declaracao_ausencia_custos_Barbara.Docx	13/11/2023 11:19:14	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Aceito
Outros	Termo_Compromisso_Utilizacao_Dado s_Barbara.docx	13/11/2023 11:17:38	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Assentimento_Institucional_Barbara.pdf	13/11/2023 11:15:03	REGINA CELIA PEREIRA DE MORAES	Aceito
Cronograma	Cronograma_e_orcamento.docx	11/11/2023 20:30:27	Barbara Valente da Cunha	Aceito
Orçamento	Cronograma_e_orcamento.xlsx	11/11/2023 20:27:35	Barbara Valente da Cunha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/11/2023 21:58:37	Barbara Valente da Cunha	Aceito

Situação do Parecer

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP

Não

RIO DE JANEIRO, 06 de fevereiro de 2024

Assinado por:

_____

Salesia Felipe de Oliveira Coordenadora

Anexo II – Carta – Secretaria Municipal de Educação de Niterói

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA DE NITERÓI
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
UMEI PROFESSOR IRIO MOLINARI

Ao Centro Universitário UNICARIOCA – Coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

A formação continuada de um educador comprometido com uma Educação de qualidade se destaca pelo fato de desempenhar um papel de extrema relevância social para a construção e evolução de uma Educação mais qualificada, inclusiva e antirracista. Educação que possibilita ao educador, além de manter-se atualizado no cenário educacional contemporâneo, contribuir com êxito para o aprimoramento de suas práticas de ensino, ao desenvolver as habilidades e competências com maior propriedade e segurança, proporcionando aos alunos um relacionamento recíproco com o conhecimento de forma significativa e engajadora, mediada pelas tecnologias digtais e em consnância com as exigência da Lei n 10.639/03 (2003) que inclui ao currículo da educação básica o ensino da história e culura afrobrasileira.

A direção da UMEI Professor Irio Molinari parabeniza e agradece cordialmente ao Centro Universitário UNICARIOCA, através da Coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação, pela contribuição e parceria nesta árdua jornada acadêmica na conclusão do certificado de Mestrado da professora Bárbara Valente da Cunha. Ficamos gratos pela honra de compor em nosso quadro de docentes, a mais nova Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação, pois estamos convictos que a docente fará uso de todos os novos conhecimentos adquiridos nesta conceituada Instituição (UNICARIOCA) ao aplicar atividades pertinentes e contextualizadas com a realidade de nossas crianças, contribuindo na educação para as relações étnico-raciais.

Regina Vincentis
Diretora Geral
Mat. 2347748

Direção

RUA JORNALISTA SARDO FILHO N.255, ILHA DA CONCEIÇÃO, NITERÓI – RJ.

Anexo III – Termo de Compromisso – Pesquisa

NITERÓI SEMPRE À FRENTE | Educação

Fundação Municipal de Educação
NEST- Núcleo de Estágio
TERMO DE COMPROMISSO – PESQUISA

Eu, Bárbara Valente da Cunha, venho por meio deste, solicitar a realização de Projeto de Extensão e/ou Pesquisa, cuja natureza é: ( ) TCC ( ) Especialização (X) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Outros _____, concordo em seguir os ditames legais deste **Termo de Compromisso, elaborado em consonância com as Resoluções 466/2012, 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde** que dispõem respectivamente sobre diretrizes e normas de pesquisa com seres humanos e normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assumo os seguintes compromissos:

1 - Cumprir rigorosamente as **normas regimentais do Núcleo de Estágio - NEST e da Fundação Municipal de** Educação e da Secretaria Municipal de Educação, do município de Niterói – RJ, em conformidade com a **Portaria FME 578/2005**;

2 – Entregar o **relatório** contendo os resultados parciais a cada semestre e ao término da **Pesquisa.**

3 – Quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa:

A - Entrevista, questionários ou outros instrumentos de pesquisa com profissionais ou alunos - utilizar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**; este deverá ser assinado pelo entrevistado (os), pais ou responsáveis legais quando se tratar de estudante menor de 18 (dezoito) anos e/ou **TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**, no caso de crianças ou adolescentes, ou incapazes, formulado em linguagem acessível, ou até lúdica, ratificando sua participação na pesquisa). **O TALE não exime a necessidade do TCLE.**

B - Coleta a produção de dados – Assegurando em consonância com a lei de nº 13.709/2018, que dispõe sobre tratamento dos dados pessoais, (Cap.7º, Seção II, Artigos 11,14, e 15)

C - Autorização para uso de imagem e vídeo – deverão ser especificados na parte de **Procedimentos Metodológicos no corpo do projeto** e constar no **TCLE** dos participantes, bem como esclarecidos no âmbito dos setores/ diretorias/ departamentos/ Unidades de Educação, que assinarão a autorização.

D - Publicações, apresentação de trabalhos em congressos: deverão ao término da pesquisa ser socializados nos campos pesquisados, como também, junto ao NEST/FME.

OBS: Este Termo de Compromisso terá validade mediante apresentação do Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa pertinente.

Niterói, 26 de fevereiro de 2024.

Bárbara Valente da Cunha
ASSINATURA DO PESQUISADOR

Fundação Municipal de Educação
Priscilla P.F.Pereira
Matrícula 236.207
Núcleo de Estágio
INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

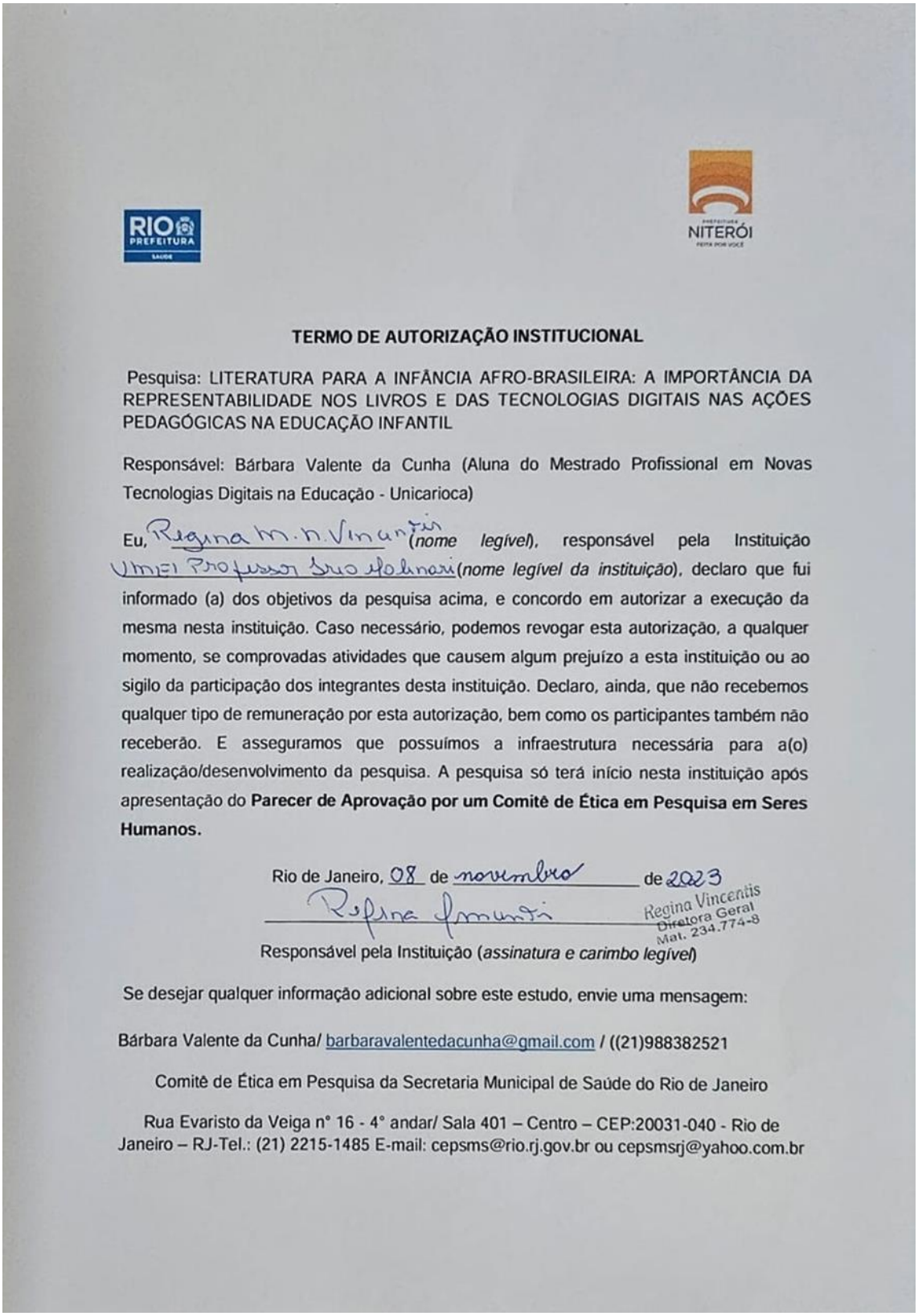
Solange Santiago Ferreira
Coord. do Núcleo de Estágio
Mat. 232296-5/FME

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANA PAULA LEGEY DE SIQUEIRA
Data: 03/04/2024 13:51:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

INSTITUIÇÃO DE ORIGEM

APÊNDICES

Apêndice I – Termo de Anuência Institucional



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pesquisa: LITERATURA PARA A INFÂNCIA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTABILIDADE NOS LIVROS E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Responsável: Bárbara Valente da Cunha (Aluna do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação - Unicarioca)

Eu, Regina M. N. Vincentis (*nome legível*), responsável pela Instituição UMEI Professor Bruno Molinari (*nome legível da instituição*), declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, podemos revogar esta autorização, a qualquer momento, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ao sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro, ainda, que não recebemos qualquer tipo de remuneração por esta autorização, bem como os participantes também não receberão. E asseguramos que possuímos a infraestrutura necessária para a(o) realização/desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos.**

Rio de Janeiro, 08 de novembro de 2023

Regina Vincentis
Diretora Geral
Mat. 234.774-8

Responsável pela Instituição (*assinatura e carimbo legível*)

Se desejar qualquer informação adicional sobre este estudo, envie uma mensagem:

Bárbara Valente da Cunha/ barbaravalentedacunha@gmail.com / ((21)988382521

Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Rua Evaristo da Veiga n° 16 - 4° andar/ Sala 401 – Centro – CEP:20031-040 - Rio de Janeiro – RJ-Tel.: (21) 2215-1485 E-mail: cepsms@rio.rj.gov.br ou cepsmsrj@yahoo.com.br

Apêndice II – TCLE

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: LITERATURA PARA A INFÂNCIA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTABILIDADE NOS LIVROS E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Prezado(a) Professor(a),

Você está sendo convidado(a) como **voluntário(a)** a participar da pesquisa *Literatura para a infância afro-brasileira: a importância da representabilidade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na educação infantil*, a ser realizada na Umei Professor Irio Molinari. A justificativa da execução deste estudo é que este possa ser usado para o aprimoramento das propostas educativas na perspectiva inclusiva e antirracista, sabendo que a partir da lei n.° 10.639/23; que estabelece obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental, posteriormente atualizada para a lei n° 11645/08, observa-se um crescimento no interesse pelo tema e produções literárias com protagonismo negro para crianças pequenas. Deste modo, o estudo realiza análises críticas e/ou reflexivas das literaturas para a infância afro centradas. Observando se os textos e imagens trazem o arcabouço cultural afro-brasileiro, múltiplas linguagens e olhares plurais, ou reforçam estereótipos preconceituosos e/ou racista, contribuindo assim, para a difusão da discussão da temática entre os docentes das infâncias.

O presente estudo tem por objetivo geral promover a práxis antirracistas com o uso das literaturas de representatividade negra nas salas de aula da educação infantil permeada pela linguagem das tecnologias digitais. Tendo em vista o alcance dos objetivos específicos a seguir: Elaboração de uma preliminar de pesquisa amparada pela resolução n.° 510/2016 do conselho nacional de saúde com vias a compreensão dos aspectos inerentes ao projeto a ser desenvolvido a proposição uma pesquisa bibliográfica de literatura para ampliar os conhecimentos dos docentes que atuam na educação infantil sobre as discussões atuais sobre o tema, no tocante ao repertório das literaturas para a infância afro-brasileira e práxis antirracistas e a análise das discussões e desenvolver um catálogo digital e interativo (*e-book*) das literaturas para infância afro-brasileiras adequadas à faixa etária da educação infantil.

O professor que der seu aceite para ser voluntário da pesquisa validará o catálogo virtual interativo, produto das análises realizadas na pesquisa preliminar, pesquisa bibliográfica e pesquisa de literaturas infantis com representabilidade negra na internet. O catálogo será editado na plataforma digital *Canva*, com notas informativas para o professor, e o *link* disponibilizado via *WhatsApp*.

O professor, ao receber o link, analisará a pertinência e relevância do produto para o planejamento de ações com múltiplas linguagens: inclusivas; multiculturais; lúdicas e antirracistas na educação infantil. Sua contribuição será por um texto na própria plataforma de mensagens, *WhatsApp*, em modo privado, para a pesquisadora.

Supondo que todas as pesquisas acadêmicas possam gerar riscos e benefícios por mobilizar as competências cognitivas e expectativas por seus resultados nos sujeitos envolvidos se faz necessário a observação e mitigação dos riscos possíveis, mesmo sendo ínfimos, esclarecer e potencializar os benefícios.

Um dos riscos possíveis é o constrangimento por exposição de depoimentos e/ou participação em questionários e entrevistas *on-line* ou presencial, sobretudo por opiniões divergentes ou que possam gerar polêmicas. Todos os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo, nomes e locações em unidades de educação infantil não serão mencionados e/ou expostos. Todas as informações ficarão na guarda da pesquisadora pelo período de cinco (5) anos, gravadas em mídias digitais. Os pares envolvidos na validação do produto da dissertação assinarão, tomando ciência, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE e no documento de autorização será discriminado todos os riscos que envolverá o desenvolvimento da pesquisa.

Dentre os benefícios da pesquisa pode se considerar a disponibilidade e fácil acesso ao acervo das literaturas para a infância afro-brasileira, organizadas por temáticas e interesses das crianças na idade da educação infantil (três a cinco anos e nove meses) no produto da dissertação, um catálogo virtual e interativo que poderá ser acessado através das tecnologias digitais que educadores e crianças têm em mãos, *smartphones* e *tablets*. Favorecendo os docentes que atuam com as crianças pequenas, muitas possibilidades de associar a literatura infantil as discussões étnicas e a promoção de uma educação antirracista e plural em suas propostas de trabalho.

Além da indicação das obras pelos títulos e autores, essa pesquisa propõe como benefício a apresentação e/ou sugestão de canais do *YouTube* de literatura afro-brasileira, que democratiza e possibilita o acesso às obras na impossibilidade de tê-las na versão tradicional

em mãos; contadas nas vozes de educadoras negras, empoderadas no discurso antirracista. As redes sociais, assim, auxiliam na propagação de histórias e de muitas histórias, de muitas vozes.

Fomentar a discussão da educação antirracista traz contribuições e benefícios a toda comunidade escolar, pois os impactos de seus resultados serão compartilhados pelas crianças com seus familiares e seus pares, tornado as relações interpessoais humanizadas, empáticas e afetivas. Ressignificando a compreensão de si e do mundo que o cerca.

Enfatiza-se que os convidados a participar da pesquisa tem total liberdade de escolherem participar da pesquisa ou não, sem que nada lhes seja pago ou cobrado para tal e quaisquer dúvidas sejam sanadas através da pesquisadora; que adotará uma conduta ética e respeitosa com os questionamentos dos participantes, utilizando linguagem clara e acessível. Ainda se acrescenta que estes que aceitarem participar poderão em qualquer fase da pesquisa retirar seu consentimento, sem penalidades ou necessidade de justificativas. A pesquisa será custeada pela pesquisadora responsável.

Assinando este consentimento, o (a) professor(a) não desiste de nenhum de seus direitos. Além disso, o(a) professor(a) não libera os investigadores de suas responsabilidades legais e profissionais no caso de alguma situação que prejudique o participante. A participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária. Uma vez aceitando participar dessa pesquisa, o(a) professor(a) deverá se sentir livre para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que isso afete o seu relacionamento futuro com esta instituição.

Em caso de dúvidas quanto à ética do estudo, o(a) professor(a) poderá se reportar ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos — subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, órgão do Ministério da Saúde, por solicitação ao representante de pesquisa, que estará sob contato permanente, ou contatando o Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição, no telefone (21) 2215-1485. Caso necessite de mais informações sobre a pesquisa, poderá procurar o pesquisador responsável pela mesma, professora Bárbara Valente da Cunha, pelo telefone profissional (21) 988382521, ou pelo e-mail barbaravalentedacunha@gmail.com.

Todas as informações da pesquisa serão confidenciais, sendo divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não incluindo apresentação de dados ou informações que possibilitem a identificação dos voluntários; sendo asseguradas a confidencialidade das informações e a privacidade dos participantes da pesquisa e dos não participantes presentes, bem como será preservada a privacidade de suas identidades.

Diante do exposto nos parágrafos anteriores eu, firmado abaixo, acredito ter sido suficientemente informado(a) pela pesquisadora Bárbara Valente da Cunha, a respeito da

pesquisa “Literatura para a infância afro-brasileira: a importância da representabilidade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na educação infantil”. Ficou clara para mim, a participação na pesquisa e a garantia de proteção e sigilo de meus dados individuais. Foi oportunizado questionar a pesquisadora sobre todos os aspectos do estudo. Fui informado(a) de que o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido é um procedimento exigido pelo Ministério da Saúde e é possível, a qualquer tempo, desistir de participar do estudo sem qualquer prejuízo. Este Registro foi emitido em duas vias, o pesquisador ficou com uma via e eu recebi uma via desse Registro que está por mim assinado (a) e assinada também pelo pesquisador/professor, e pelo presente concordo voluntariamente com minha participação na pesquisa.

Nome do professor participante:

_____

Endereço do participante: _____

Assinatura do professor: _____ Data: ___ / ___ / 2021.

Pesquisador Responsável Pelo Projeto: Sátira Maria Pereira dos Santos

Assinatura do pesquisador: _____ Data: ___ / ___ / 2021.

Pesquisadora responsável: Bárbara Valente da Cunha. Telefone: (21)988382521; e-mail: barbaravalentedacunha@gmail.com Endereço: Rua Vicente de Sá, 163 Camarão — São Gonçalo/RJ. CEP: 24.436.760

Orientadores responsáveis:

Professores: Professora Regina Celia Pereira de Moraes e André Cotelli do Espírito Santo, endereço profissional: Centro Universitário Carioca — UniCarioca. Av. Paulo de Frontin, 568 — Rio Comprido, Rio de Janeiro–RJ, 20261-063. Telefone: (21) 97123-6156, endereço eletrônico: relacionamento@unicarioca.edu.br.

Apêndice III – TCUD

Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD)

Eu, Bárbara Valente da Cunha, no intuito de realizar pesquisa científica na UMEI Professor Irio Molinari, da Prefeitura Municipal de Niterói-FME, com projeto de pesquisa intitulado *Literatura para a infância afro-brasileira: a importância da representabilidade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na educação infantil* e tendo como professora orientadora Regina Célia Pereira Moraes, declaro que:

(i) Assumo compromisso com a utilização criteriosa, e restrita aos objetivos da pesquisa acima referida;

(ii) Os dados somente serão acessados após receber a aprovação do sistema CEP-CONEP;

(iii) Os dados coletados se destinarão a dar suporte aos objetivos da pesquisa *Literatura para a infância afro-brasileira: a importância da representabilidade nos livros e das tecnologias digitais nas ações pedagógicas na educação infantil*. Também me comprometo a manter total discrição e confidencialidade dos dados coletados nos arquivos públicos, bem como com a privacidade de seus conteúdos.

Esclareço que os dados a serem coletados referem-se a validação, por pares, do produto do projeto de pesquisa um catálogo virtual e interativo de obras de literatura infantil afro-brasileira.

Declaro ser de minha inteira responsabilidade cuidar da integridade das informações e dados acessados e/ou coletados, garantindo, por todos os meios, a confidencialidade desses dados, bem como a privacidade dos indivíduos que terão suas informações disponibilizadas. Da mesma forma, me comprometo a não transferir os dados coletados, ou o banco de dados em sua íntegra, ou parte dele, à pessoa não envolvida na equipe da pesquisa.

Os compromissos ora assumidos são extensivos aos cuidados no manuseio, na guarda, na utilização e no descarte das informações acessadas e/ou coletadas, sendo reiterada a finalidade de seu uso unicamente para cumprimento dos objetivos indicados na pesquisa mencionada acima.

Rio de janeiro, de de .

_____

Assinatura do pesquisador responsável